

Universidade Católica de Goiás
Vice Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Mestrado em Psicologia

**A Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do
Trabalhador**

Simone Fraga Mota

Goiânia - Goiás
Agosto de 2004

Universidade Católica de Goiás
Vice Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Mestrado em Psicologia

A Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do Trabalhador

Simone Fraga Mota

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Psicologia da Universidade Católica de Goiás,
como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof^o. Dr. Fernando Luiz González
Rey.

Goiânia - Goiás
Agosto de 2004

Universidade Católica de Goiás
Vice Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Mestrado em Psicologia

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autora: Simone Fraga Mota.

Título: A Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do Trabalhador.

Data de avaliação: Agosto de 2004.

Banca Examinadora	Avaliação
<hr/> Prof.º Dr. Fernando Luiz González Rey Universidade Católica de Goiás Presidente	<hr/> Nota ou Grau
<hr/> Prof. Dr ^a . Wanda Maria J. de Aguiar Universidade Membro	<hr/> Nota ou Grau
<hr/> Prof ^a . Dr ^a . Mercedes Villa Cupolillo Universidade Católica de Goiás Membro	<hr/> Nota ou Grau
<hr/> Prof ^a . Dr ^a . Sônia M. Gomes Sousa Universidade Católica de Goiás Suplente	<hr/> Nota ou Grau

Goiânia - Goiás
Agosto de 2004

Ao meu maior mestre: Jesus Cristo.

À minha mãe: meu refúgio, meu descanso,
minha fortaleza.

A minha Família: Nunca estarei só, pois
sempre estaremos juntos. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, sinônimo de luta, coragem e persistência.

A minha mãe, pelas horas de angústia compartilhada e vitórias alcançadas, por ter acreditado que era possível, que eu era capaz...

Ao meu querido orientador Fernando Rey: obrigada pelo crescimento e por me mostrar que orientar é, sobretudo permitir uma busca subjetiva por liberdade, autonomia e independência.

As professoras doutoras Sonia M. Gomes Sousa e Mercedes Villa Cupolillo pelas orientações e contribuições que fizeram, para melhoria deste trabalho.

Às minhas irmãs, Divina, Gidiney e Sidinamar, e ao meu irmão Elcione: nossa relação, nossa amizade, o amor e o carinho que compartilhamos me fortalece e me encoraja a continuar sempre e sempre.

Às minhas amigas Lilian, Mônica, Janaina, Valéria e Fatinha: minha trajetória, nossa trajetória, chegamos e recomeçamos enfim.

Ao meu querido Neyton; obrigada pela disponibilidade, atenção e cuidados dispensados para concretização deste trabalho.

Aos meus queridos alunos de Psicologia da Fesurv, atores e protagonistas da minha história e do meu crescimento intelectual e profissional.

Aos quatro participantes dessa pesquisa, que corajosamente se permitiram, contribuíram e colaboraram com suas subjetividades, suas histórias, suas vidas, seus conflitos.

Enfim, a fim, por tudo, por ter chegado, por ter alcançado o que era inicialmente tão inalcançável. Obrigada Senhor!

A vida sente a si mesma.

(Bernt Capra, 1995)

SUMÁRIO

Folha de Avaliação	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Epígrafe	iv
Sumário	v
Resumo	vi
<i>Abstract</i>	vii
Introdução:	1
Capítulo I – A Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do Trabalhador	6
1.1. O trabalho como mediador da constituição subjetiva	6
1.2. A constituição da qualidade de vida do trabalhador.....	17
Capítulo II –Trabalho e Qualidade de Vida	23
Capítulo III – Metodologia - Compreendendo a Epistemologia Qualitativa no estudo da Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do Trabalhador	35
3.1. O percurso da pesquisa	44
3.2. Contextualizando a pesquisa	46
3.3. Construção da informação	48
Capítulo IV – Considerações Finais – A Constituição Subjetiva da Qualidade de Vida do Trabalhador: contradições e possibilidades	115
Referências Bibliográficas	119
Anexos	124

RESUMO

O presente trabalho busca a compreensão da constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador, através do estudo de caso com quatro sujeitos de duas diferentes organizações da cidade de Goiânia/GO. Tendo como objeto de estudo a constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador utilizou-se como fundamento epistemológico a *Epistemologia Qualitativa* de González Rey (1999), assim como a metodológica desenvolvida pelo autor a partir desta abordagem. Foram realizadas entrevistas abertas, que tomaram caráter de conversação. Também foi usado o completamento de frases, na versão desenvolvida por González Rey. As análises foram realizadas pelo método construtivo-interpretativo onde as interpretações foram construídas durante o percurso da pesquisa. Os resultados obtidos permitiram compreender como se configura a qualidade de vida para cada trabalhador estudado, levando a inferir que a qualidade de vida se define não apenas pelos aspectos objetivos da vida da pessoa, mas pelos sentidos subjetivos que se configuram na experiência vivida, os que integram numa outra dimensão ontológica a experiência de vida da pessoa. Os resultados da pesquisa nos permitiram compreender a qualidade de vida não como algo padronizado e sim como uma configuração subjetiva suscetível de múltiplas formas singulares. As considerações finais não representam uma conclusão, mas indicam novos caminhos para à compreensão da constituição subjetiva da qualidade de vida, revelando novas construções teóricas acerca do tema e do ser humano – trabalhador.

ABSTRACT

The present work searches the understanding of the subjective constitution of the worker's quality of life, with the study of case with four citizens of two different organizations of the city of Goiânia/GO. Having as study object the subjective constitution of the worker was used as methodology dialectic the *Epistemologia Qualitativa* (Qualitative Epistemology) of Fernando Gonzalez Rey (1999). Open interviews ("conversation) and construction and application of an instrument called "to complete phrases " were carried through. The analyses were made by the constructive method - interpretative where the interpretations are constructed during the passage of the research. The results allowed understanding how each worker studied configures the quality of life, leading to infer that the quality of life defines itself not for the objective reality, but for the subjective reality, that integrate subjective and objective dimensions. It allows us to understand the quality of life not standardized and singular, but something, but a subjective configuration susceptible of multiple singular forms. The final considerations do not represent a conclusion, but they indicate new ways for understanding the subjective constitution of the quality of life, disclosing new theoretical constructions concerning the subject and of the human being - worker.

Abrindo caminhos para compreensão da constituição subjetiva da Qualidade de Vida do trabalhador

Não se trata de descobrir a (única) leitura verdadeira, mas de mediante reflexão, buscar os múltiplos sentidos da ação humana, que vão se objetivando ao longo de uma história de vida. (Lopes, 1998, p. 68).

Ao escolher como objeto de estudo a constituição subjetiva do trabalhador, o presente trabalho tem por intuito resgatar o sentido da Qualidade de vida para o trabalhador em suas complexas dimensões existenciais, sem, contudo ignorar as tensões existentes entre qualidade de vida, trabalho e alienação. Mesmo nas condições objetivas de alienação presentes no mundo do trabalho o sujeito é capaz de produzir diferentes sentidos subjetivos em relação à qualidade de vida.

A pretensão desse trabalho, portanto é ampliar a visão sobre a qualidade de vida do trabalhador, compreendendo-a em suas múltiplas perspectivas, o que implica em resgatar a configuração subjetiva do sujeito quanto a sua qualidade de vida além do mundo do trabalho e da empresa.

Sabemos que, somente o trabalhador, sujeito da história, será capaz de expressar os significados e sentidos configurados em seu viver, considerando que sua vida está interconectada com outras dimensões de seu processo de viver individual e social.

A qualidade de vida do ser humano no sentido da expressão somente poderá ser compreendida se for captada nas suas múltiplas dimensões, como a vida no trabalho, a vida

familiar e a vida na sociedade, e mesmo na própria espiritualidade, enfim em toda teia que se constitui, que se constrói na vida desses sujeitos.

A qualidade do ser humano segundo Patrício (1998) passa por todas as inter-relações que ele tem no seu processo de viver, e é com esse olhar que nosso estudo irá identificar o sentido da qualidade de vida do homem trabalhador. Neste aspecto este estudo irá permitir compreender não somente o sentido que o trabalhador constrói a partir do trabalho, mas também compreender o sentido atribuído a família, aos colegas, a empresa, a aposentadoria, a questão de gênero etc., que perpassam de forma objetiva a construção subjetiva da qualidade de vida. A qualidade se constitui nos espaços da compreensão das múltiplas dimensões sentidas e atribuídas pelo homem, que se revela de forma inseparável e complexa.

Assim, a avaliação que cada ser humano faz de sua vida irá depender do momento em que está vivendo e das configurações subjetivas construídas ao longo de sua vida. Neste aspecto a constituição subjetiva do trabalhador irá nos permitir compreender as diversas “zonas” que geram qualidade na vida individual e singular nos sujeitos estudados.

Sabemos que no desenvolvimento das relações sociais, o trabalho, tanto por sua construção histórica, como pelo papel que exerce na vida do sujeito contemporâneo, se destaca como base de produção e reprodução da vida humana. Sabemos também que seu caráter genuíno criativo e humanizado começou a ceder lugar às exigências do mercado, tornando-se sinônimo de produção e capital. “Sobreviver e consumir passaram a compor uma única dimensão” (Patrício, 1998, p. 356).

Os programas e as pesquisas realizadas, especialmente no mundo do trabalho, estão aquém de se constituírem espaços que possibilitem desenvolver a compreensão da subjetividade do trabalhador em sua complexidade, numa totalidade de dimensões objetivas e subjetivas.

Através da história do capitalismo e do trabalho, desenvolveram-se também contradições quanto à qualidade de vida do trabalhador. Mas apesar do avanço que atualmente se observa quanto às condições físicas e ergonômicas o estudo da subjetividade humana não avançou, ao contrário se encontra limitada ao estudo da qualidade de vida numa perspectiva mecanicista, isolando o “ser trabalhador” das outras múltiplas dimensões que o integra e o compõe.

A subjetividade da qual conhecemos e estudamos hoje nasce e se desenvolve com a história do capitalismo, o que nos leva a inferir que o trabalho se torna um canal importantíssimo na construção subjetiva do homem contemporâneo.

A práxis do homem através do trabalho revela sua singularidade, conforme Stano (2001), pois para ele a subjetividade é um processo evidenciado, enaltecido no movimento da práxis, na permanente inserção e reinserção do sujeitos nos espaços e tempos sociais e históricos, vivida e assumida no próprio exercício social.

Dessa forma, estudar a subjetividade (González Rey, 1997, 1999, 2002, 2003) a partir da qualidade de vida do trabalhador nos possibilitará compreender uma dimensão pouco explorada na construção de sentidos subjetivos nessa perspectiva. A subjetividade de acordo com González Rey (1999) pode ser definida como um sistema complexo repleto de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e que se expressa de forma simultânea tanto no sujeito individual, como nos espaços sociais que caracterizam sua vida.

O sentido se produz a partir das inúmeras relações do sujeito com o mundo objetivo, sendo uma complexa integração de emoções procedentes de diferentes “zonas” do real, e através de significados e símbolos. O sentido articula de forma específica o mundo psicológico historicamente configurado do sujeito com um evento atual. Ao contrário do

significado, que se expressa de forma estável e constante o sentido se revela dinâmico e constituído.

O sentido, portanto, é compreendido como uma integração dos processos simbólicos e emocionais que se produzem numa atividade concreta, seja no trabalho, na família, com os amigos etc.

A qualidade de vida representa uma condição complexa que integra um viver, se constituindo a partir do posicionamento do sujeito perante a vida (*“estilo de vida”*), expressado através da subjetividade, da cultura e da sociedade.

A cultura organizacional contribui na constituição de sentidos particulares que se integram em processos sociais e individuais (subjetividade social e individual). Sendo assim, a qualidade de vida do trabalhador (integra), supõe uma dimensão social e individual. Uma mistura de histórias individuais que contraditoriamente irão revelar características, também, sociais, como a inserção numa cultura organizacional simbólica e objetiva, presentes na carga horária de trabalho, na remuneração, na departamentalização, nas cobranças no alcance de metas e resultados etc (que se apresentam como alienantes). “Pensar o sujeito como processo resultante de ação comunicativa supõe inseri-lo num contexto determinado por atores sociais, pois subjetividade e objetividade são instâncias que se constituem, e uma necessita da outra. A subjetividade antes de ser individual é coletiva” (Stano, 2001, p. 18).

O trabalho se revela como sendo mais um dos inúmeros “tecidos” que compõem a subjetividade social e individual do sujeito. A qualidade de vida não se define somente pelo que o sujeito faz, ou seja, pelas condições de trabalho, carga horária, remuneração, atividade que exerce, mas também pelas produções subjetivas construídas nos diferentes espaços simbólicos que atua, na relação com os colegas, amigos, chefe, namorada etc.

Dentro das configurações subjetivas relacionadas ao mundo do trabalho nascem e se desenvolvem também novos desdobramentos subjetivos ligados ao tempo (sentido x vivido),

a aposentadoria, ao trabalho feminino etc. Novas configurações / representações que surgem juntamente com as transformações no mundo do trabalho e do capitalismo (novas estratégias organizacionais).

Portanto o presente estudo tem por objetivo compreender as diversas dimensões subjetivas que constituem a qualidade de vida do trabalhador, assim como visualizar a "teia" dos sistemas objetivos que se expressam na formação dessas "subjetividades", sendo estes sistemas permeados pelo capitalismo. Sistema regulador do mundo do trabalho que conseqüentemente aliena e despersonaliza o trabalhador. Desta forma, buscar-se-á elucidar caminhos que permitam a compreensão da constituição subjetiva de quatro trabalhadores de duas diferentes empresas da cidade de Goiânia-GO.

O trabalho foi sendo "costurado" almejando colaborar de forma facilitadora na compreensão dos conhecimentos produzidos durante o desenvolvimento da pesquisa. A primeira parte refere-se à construção teórica abordando três eixos principais: Trabalho, Qualidade de Vida e Subjetividade, onde a autora irá refletir sobre o mundo do trabalho com suas representações, e sobre a subjetividade da qualidade de vida do trabalhador.

Na segunda parte, são elucidados os caminhos percorridos durante a pesquisa, a construção e análise das informações. As considerações finais levam a uma reflexão sobre os conhecimentos levantados neste trabalho e as contribuições acerca do tema na sociedade contemporânea.

O principal objetivo deste estudo é gerar novos conhecimentos, o que torna sua maior finalidade provocar a reflexão no leitor, e ampliar sua consciência acerca do tema e ir em busca de outros conhecimentos, que numa perspectiva dialética, poderão vir a promover estudos semelhantes em outros contextos, gerando outras sínteses, que possivelmente irão estimular a elaboração de outros estudos e reflexões.

Trabalho e Qualidade de Vida

1.1. O Trabalho como mediador da constituição subjetiva

A história do indivíduo é a história do trabalho, ou ainda, a história contemporânea do homem se expressa na realização da sociabilidade individual mediada pelas relações de produção. (Codo, 1993, p. 80).

Quando abordamos a subjetividade social dentro de uma sociedade capitalista, devemos contextualizar as formas de configurações que perpassam o trabalho e a qualidade de vida do sujeito. Ignorar as formas de “supressão” simbólicas que integram a subjetividade do sujeito é ignorar a existência de um sistema que oprime e paralisa a singularidade, mas que paradoxalmente cria zonas que permitem o desenvolvimento e a criação individual do sujeito. Este capítulo, portanto, irá tratar do trabalho, como mediador da configuração subjetiva da qualidade de vida do trabalhador, em seus aspectos objetivos e alienantes.

Dialeticamente, a subjetividade se constitui e é constituída por uma realidade objetiva capitalista, que cerceia nosso cotidiano e opera em nossa realidade prática, seja na empresa (trabalho), seja em casa, na escola ou nos momentos de lazer.

De acordo com González Rey (2001),

(...) o sentido subjetivo é um momento constituinte e constituído da subjetividade como aspecto definitivo desta, assim é capaz de integrar formas diferentes de registros

(social, biológico, ecológico, semiótico etc.), em uma organização subjetiva que se define por uma articulação completa de emoções, processos simbólicos e significados, que toma formas variáveis e que estão suscetíveis de aparecer em cada momento como uma determinada forma de organização dominante. (p. 18) ¹.

O trabalho possui diferentes sentidos subjetivos para os trabalhadores. Algumas pessoas fazem do ato de trabalhar apenas um meio para garantir a sobrevivência diária, outras encontram no trabalho que realizam uma via para sua realização pessoal, indo, às vezes, muito além do necessário para obtenção de um salário para prover suas necessidades materiais. O senso comum oscila entre a versão do trabalho prazeroso e que dignifica o homem e a versão do trabalho que pode destruí-lo, pelo sofrimento ou punição (Ferreira, 2000).

Etimologicamente a palavra *trabalho* comporta todo um pano de fundo de sofrimento, pois retrata o sentido que vem do latim popular *tripalium*, que era um aparelho destinado a constranger, sendo, portanto um instrumento de tortura. Assim, o verbo trabalhar vem do latim popular *tripaliare*, que significa torturar com o *tripalium* (Patrício, 1998).

A palavra trabalho no sentido lógico é encontrada como sinônimo de atividade, ocupação, ofício, profissão, tarefa, distinguindo-se de lazer e aparecendo como resultado de uma determinada ação. “Um esforço humano que implica sacrifício e dor, moléstia e sofrimento, e que determina a produção ou conservação de bens ou de uma utilidade” (Codo, 1993, p. 86).

Somente com os gregos, vamos encontrar outras designações de trabalho, que para eles elucidava dois sinônimos: “*phonos*”, que condiz com esforço e penalidade e “*ergon*” que representa criação e obra de arte. Para Patrício (1998), ao pensar no sentido “*ergon*” do

¹ Citação traduzida pela autora.

trabalho, acredita-se que quando se escolhe o trabalho que deseja, este pode lhe proporcionar prazer, caso contrário passa a ser obrigatório e desgastante.

Como podemos observar a própria palavra trabalho carrega em sua essência um significado de sofrimento. Patrício (1998), relata que essa conotação negativa do trabalho era comum na filosofia grega com Platão e Aristóteles que considerava vil todo trabalho. E até mesmo na era cristã quando o trabalho era símbolo de purificação e salvação, ainda permanecia a representação de atividade desprezível e servil.

Para Berger citado em Macedo (2000), o trabalho significa modificar o mundo tal como ele é encontrado. Statt (1994), define o trabalho como dispêndio de energia, empenho, aplicação de esforço ou energia em um propósito.

Codo (1993) apresenta o processo de trabalho como um conjunto de operações realizadas por um ou vários trabalhadores, orientados para produção de uma mercadoria ou realização de um serviço. Ambos, mercadoria e serviços são reconhecidos pela sociedade consumidora como valores de uso individual ou coletivo. Neste aspecto, segundo Ferreira (2000), o trabalhador vende sua força de trabalho e ao vender, e conseqüentemente vende também sua saúde, o que poderá gerar adoecimento e morte.

Neste aspecto, o trabalho dentro do sistema capitalista é considerado produtivo na medida em que produz capital, entra no circuito de produção de mercadorias, realiza mais valia, entra em circulação.

Pode-se dizer que o homem se desapropria de si no trabalho e se reapropria de si no consumo. “A esfera do trabalho é a esfera da produção, a do consumo é a reprodução”. (Codo, 1993, p. 113).

Codo (1993) ressalta que o trabalho possui um duplo significado, carrega em si a maldição da mercadoria, a fantasmagoria do dinheiro: de um lado aparece como valor de uso, realizador de produtos capazes de atender necessidades humanas; de outro como valor de

troca, pago por salário, criador de mercadoria, sendo ele mesmo uma mercadoria no mercado. “O trabalho dentro do sistema capitalista é considerado produtivo na medida em que produz capital, entra no circuito de produção de mercadoria, realiza mais valia, entra em circulação, produz mais valor” (p. 101).

Mendes (1999) concluiu em seus estudos que o trabalho é um encontro com o prazer e o sofrimento, instalando-se quando a realidade não oferece as possibilidades de gratificação dos desejos do trabalhador. Para esta autora, o prazer é vivenciado, quando o trabalho favorece o reconhecimento e a valorização pela realização de uma tarefa significativa para a empresa e na sociedade.

E estes aspectos referentes ao trabalho mostram atributos estéticos que interferem na melhoria da qualidade de vida. Alguns sujeitos nos mostram a possibilidade de transformar o trabalho de *phonos* em *ergon*. Transformar esforço e penalidade em criação e obra de arte, em outras palavras transformar sacrifício em prazer, resgatando o sentido estético do trabalho (busca pela “desalienação” do trabalho).

Patrício (1998) acrescenta que atualmente deve-se “pensar” o trabalho como uma ação humana que produz bens e serviços e não só como meio de satisfazer necessidades de sobrevivência, mas também de transcendência, liberdade, realização pessoal individual e coletiva enquanto sujeito que se transforma para si e para os outros.

A liberdade neste aspecto está relacionada com a participação autêntica do sujeito no desenvolvimento de uma atividade, com a sensação de possuir um espaço que lhe seja próprio. Neste sentido o trabalho pode possibilitar a liberdade do sujeito, no momento em que permite que o mesmo se posicione de forma autêntica no exercício do seu trabalho, lhe possibilitando construir espaços subjetivos que gerem prazer e satisfação (González Rey, 2003).

Em alguns casos, é no próprio trabalho, no cotidiano deste, que alguns trabalhadores encontram possibilidades de superar insatisfações e melhorar sua qualidade de vida, através do convívio com os colegas, na “sociabilidade” etc., o que denominado por Guattari (1996) de “*território existencial*”.

Furtado (2003) relata que a atividade humana ganha seu estatuto através da criação das formas de trabalho. É a condição de modificação consciente da natureza através do trabalho que permite a constituição da atividade consciente do homem. Ao conquistar esta possibilidade de transformação consciente da natureza o ser humano ganha a possibilidade de realizar a atividade para além da própria sobrevivência, usando-a na própria constituição da sua humanidade.

Neste sentido, a atividade pode ser considerada como categoria básica da formação do psiquismo, o trabalho como condição fundante da própria humanidade, e o processo produtivo o fio condutor da história da humanidade. Isto significa dizer que o fenômeno trabalho é historicamente determinado e se manifesta de uma determinada maneira, conforme a condição histórica social de um país, portanto estudar o trabalho é estudar a condição humana (Furtado, 2003).

Na visão Marxista, o trabalho é o ponto de partida para o processo de humanização do ser social. No entanto, na sociedade capitalista, o trabalho é degradado, explorado, tornando-se alienado e o que deveria constituir-se pelo trabalho é pervertido e “coisificado” (Antunes, 1999).

Nesta perspectiva quando o trabalhador já não consegue se reconhecer no que faz, nem saber com que finalidade executa determinada tarefa, pode ocorrer o processo de despersonalização, de coisificação do indivíduo social. Assim, constrói-se a perversidade do trabalho alienante e do trabalhador alienado. O trabalhador se apresenta despojado de sua identidade, do direito de se associar ao produto final de seu labor ou se mostrar socialmente

além da expressão *sou operário* que apenas o insere economicamente em uma classe social subordinada e totalmente dependente de sua força de trabalho (Ferreira, 2001).

Neste processo de alienação, a subjetividade se apresenta como inautêntica, pois a dimensão de subjetividade presente nesse processo de trabalho está tolhida e voltada para a valorização e auto-reprodução do capital para o atendimento ao consumidor (Antunes, 1999).

Para Silva (2002), a atividade laboral vinculada estreitamente ao valor financeiro mantém a lógica do capital. Antunes (1999) acrescenta que renunciar a este valor de consumo é dar sentido ao trabalho e possibilitar uma subjetividade marcada pela autenticidade.

Podemos então dizer que a alienação se apresenta quando o trabalho é imposto ao indivíduo e não representa fonte de satisfação ou realização, mas apenas um meio para atender outras necessidades. Este caráter alienado do trabalhador evidencia-se quando o trabalho perde o sentido de criação e identificação.

Assim, podemos definir a alienação de acordo com Holloway (citado por Antunes, 1999) como uma condição de objetivação do sujeito, transformado em objeto do seu próprio trabalho, sendo sua subjetividade resgatada pelo sistema:

Se humanidade é definida como atividade – pressuposto básico de Marx – então alienação significa que a humanidade existe sob a forma de inumanidade, que os sujeitos humanos existem como objetos. Alienação é a objetificação do sujeito. O sujeito (homem ou mulher) aliena sua subjetividade, e essa subjetividade é apropriada por outros (...) ao mesmo tempo, como o sujeito é transformado em objeto, o objeto que o sujeito produz, o capital, é transformado no sujeito da sociedade. A objetivação do sujeito implica também a subjetivação do objeto (p. 132).

Mas a alienação, para Antunes (1999), é entendida como expressão contraditória no capitalismo, sendo também expressão de luta e resistência. O processo de alienação é,

portanto, vivenciado cotidianamente pelo trabalhador, e a desalienação é a parte imprescindível desse processo.

Podemos perceber neste processo de alienação que o trabalho vem sendo alterado ao longo do desenvolvimento da sociedade. Nota-se que um conjunto de ações estão ocorrendo no sistema produtivo atual a partir da reorganização de novos padrões tecnológicos e organizacionais, que resulta num novo paradigma organizacional onde engloba mudanças na forma de organizar a empresa, na produção e no trabalho e também estabelece uma nova relação com fornecedores e clientes, como afirma Coutinho (1997).

As organizações de trabalho têm passado por profundas transformações nas últimas décadas, paralelamente às mudanças políticas, sociais e econômicas mais amplas. A globalização da economia e o acirramento da disputa de mercados em nível mundial são alguns dos fatores que podem explicar a crescente competitividade das empresas capitalistas, que buscam enfrentar as demandas de mercado recorrendo a novas estratégias de gestão da força de trabalho (p. 1).

Por conseqüência, a institucionalização do trabalho cedeu lugar à alienação do mundo do trabalho. O trabalhador converteu-se assim num executor e não em sujeito do trabalho.

O mundo do trabalho é mais antigo que as ciências humanas. No mundo pré-industrial, a economia era baseada no trabalho manufatureiro, agrícola e pecuário, a sociedade era nômade e viviam em comunidade. O mundo do trabalho neste período foi marcado pelo desenvolvimento da agricultura. A influência da igreja era determinante. Ocorre a reforma protestante e renova a idéia de poder enobrecedor do trabalho. O feudalismo entra em crise e iniciam-se movimentos de mudança no processo de produção, marcado principalmente pelo movimento de migração de pessoas do campo para cidade. A Revolução marca o início do mundo moderno e é caracterizado pelas mudanças no modo de vida de produção do trabalho e conseqüentemente do processo de individualização dos

trabalhadores. O trabalho passa a ser dividido em pequenas partes, onde o trabalhador apenas se reconhece no processo produtivo. Percebe-se um excessivo aumento da carga horária do trabalhador, uma exploração do trabalho infantil e feminino. São criados sindicatos e novas leis trabalhistas (Statt, 1994).

Atualmente, a globalização com todas as mudanças que acompanham este processo tem ditado as normas, e as formas como a relação homem-trabalho se estabelecem. O trabalhador se vê diante de uma necessidade emergente de ser polivalente, multifuncional, tendo que ser extremamente qualificado, para competir em um mercado, globalizado e regionalizado.

O desemprego é o fantasma que assola este novo trabalhador, obrigando-o muitas vezes a permanecer no emprego por necessidade de sobrevivência, desapropriando de si mesmo neste trabalho, coisificando-se. A temporalidade, a aposentadoria, assim como o trabalho feminino também são aspectos objetivos que se destacam no mundo do trabalho.

Antunes (1999) descreve algumas mudanças importantes ocorridas no mundo do trabalho em consequência da forma flexibilizada da acumulação capitalista: 1) crescente redução do proletariado fabril, próprio do modelo taylorista e fordista; 2) enorme incremento no novo proletariado, do subproletariado fabril e de serviços, o que tem sido denominado mundialmente de trabalho precarizado; 3) aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho nos países avançados; 4) incremento dos assalariados médios e de serviços; 5) exclusão dos jovens e dos idosos do mercado de trabalho dos países centrais; 6) inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho, particularmente nos países de industrialização intermediária e subordinada, como nos países asiáticos, latino-americanos etc. 7) expansão do que Marx chamou de trabalho social combinado, onde trabalhadores de diversas partes do mundo participam do processo de produção e de serviços.

Em relação à realidade atual do Brasil, observar-se a crescente instabilidade do mercado de trabalho, expressa principalmente pelos índices de desemprego crescente, o que ocorre paralelo a outras mudanças como exigência de maior qualificação, deslocamento de pólos industriais, extinções de profissões e surgimento de novas, terceirização, precarização das relações de trabalho etc, e este quadro repercute sobre o conjunto de trabalhadores e sobre cada trabalhador individualmente (Coutinho, 1997).

As transformações das estruturas organizacionais podem ser percebidas de maneira a exigir maior competitividade por parte dos indivíduos que dela fazem parte, exigindo-lhes características que os tornem capazes de apresentar maior vantagem estratégica diante do mercado. As empresas “exigem” dos indivíduos uma construção e reconstrução dos conceitos subjetivos aplicados aos processos de trabalho, pois a partir de conceitos de participação e de cooperação, é necessário maior capacidade de determinação na execução de tarefas, bem como autonomia e capacidade de decisão (Silva, 1996). Exige-se além das performances física e intelectual, uma performance simbólica de adaptação aos novos discursos e símbolos que perpassam o novo contexto organizacional (Jacometti, 1998; Dejours, 2001).

O poder se apresenta também como forte fator que impera nas organizações e predomina nas relações de trabalho, contribuindo para o aspecto de dominação e exploração. O culto do poder nas organizações são consolidadas pelos indivíduos através da geração de múltiplas satisfações como salário, trabalho, carreira, viagem, contatos, e se consolidam realmente com máquinas de prazer. Essa máquina de prazer também se revela como uma máquina de angústia (Pagés, 1987).

O tempo contemporâneo regula modos de agir, de ser e de ter, apesar de ser configurado dentro de uma subjetividade, que vivencia esse tempo de maneira singular. Trabalho e tempo, assim caracterizados, constituíram-se sob a chancela do capital, modos de

subjetividades, impostos pela empresa, e que “produzem novas subjetividades” (Grisci, 2001).

De acordo com De Masi (2000), os trabalhadores vivem em função do trabalho, casa, filhos e recuperação de forças e energia para voltarem ao trabalho. O homem é governado pelo tempo de trabalho e vive constantemente preocupado com ele e suas demarcações (Martins, 1999; Chanlat, 1996).

Sabemos, que a sociedade prepara o ser humano para o trabalho e não para o ócio, caracterizado pela filosofia da ocupação, o que torna o trabalho fonte e espaço principal de socialização, destituindo o papel que tinham a família e as instituições religiosas (Stano 2001; Silva 2002).

Nesse sentido, a aposentadoria refere-se à perda do próprio sentido da vida, sendo uma “morte social” pelo afastamento do trabalhador do espaço que constituía a rede de relações afetivas e sociais, demarcando a aposentadoria como a negação de uma identidade profissional. A aposentadoria representa o afastamento do sujeito de um espaço que lhe conferia um determinado perfil ou identidade profissional, e o afastar desse espaço significa o afastamento de uma identidade construída no preparo e no exercício profissional, podendo até forjar um não-sujeito do mundo produtivo.

As mulheres como força de trabalho também aparecem como “sujeitos”, neste cenário “capitalista”, onde procuram se destacar como trabalhadoras capazes e eficientes.

As mulheres dentro da organização tiveram que aprender a se qualificar e a dominar técnica e administrativamente o processo de trabalho para conseguirem uma chance de ascensão profissional e não serem subordinadas somente a trabalhos de auxiliar assessora ou cargos que remetem à representação de “boas mães na defesa e no amparo da prole” (Fonseca, 2000).

A autora ainda acrescenta que essas mulheres se autodenominam polivalentes, quando procuram se superar, e quase que por “infiltração” conseguem uma oportunidade de treinamento dentro da organização. Neste aspecto, procuram uma identidade profissional no exercício de sua função e na identificação laboral.

Podemos perceber ao final deste tópico que o mundo do trabalho, como mostra historicamente, altera as relações humanas, bem como as transformações sociais, culturais e econômicas. Neste aspecto, o trabalhador hoje está inserido num contexto globalização que exige novos padrões no perfil do funcionário, adaptações rápidas, multifuncionalidade e polivalência.

Assim nesta construção teórica, o trabalho aparece ao mesmo tempo provocando prazer, satisfação e situações contrárias e paradoxais como sofrimento, estresse, insônia, desprazer, insatisfação etc, o que irá depender do sentido subjetivo constituído pelo sujeito. Portanto, o presente estudo pretende resgatar o sentido subjetivo do trabalhador frente às categorias objetivas do trabalho.

1.2. A Constituição da Qualidade de Vida do trabalhador

A qualidade de vida é um sistema complexo, recursivo e plurideterminado, que integra a história individual do sujeito e os diferentes contextos dentro dos quais desenvolve suas atividades atuais. (González Rey, 2003, p. 2).

Atualmente estudos relacionados ao prazer e sofrimento no trabalho (Dejours, 2001; Mendes, 1999), mostram-se relevantes para compreender as condições objetivas, materiais e psicológicas que geram insatisfação e conseqüentemente uma não qualidade de vida do trabalhador. González Rey (2003), nos apresenta uma proposta de compreensão da qualidade de vida através das configurações de sentidos subjetivos produzidos individualmente o que não ignora a realidade objetiva e alienante do mundo do trabalho, mas procura resgatar o singular na construção do estilo de vida do sujeito. Será nesta perspectiva que o presente texto ira tratar da qualidade de vida do trabalhador.

Com a história do trabalho, percebemos grandes avanços que dizem respeito às melhores condições de trabalho e que contribuíram para redução de problemas antes tão negligenciados e ignorados pelos “detentores do capital”, como doenças físicas e mentais, acidentes de trabalho etc. Agora em ambos os “momentos”, a visão mecanicista sobrepunha à compreensão da subjetividade do pensar-agir-humano.

Essas mudanças foram intermediadas por lutas operárias e pela criação de sindicatos que reivindicavam melhores condições de trabalho nas organizações e buscavam a legalização dos seus direitos (Verazo, 1999).

O trabalho é uma dimensão importante na qualidade de vida, pois envolve situações de prazeres e de insatisfações das mais complexas às mais simples que se relacionam à história e “desenvolvimento” do ser humano, é claro sabendo que só é possível compreender a qualidade de vida do ser humano, no sentido mais amplo se for captada em suas múltiplas dimensões, além da “vida” no trabalho, como a “vida” familiar, a “vida” social, a “vida” religiosa, a “vida” afetiva etc, lembrando que essas vidas não se separam, não se fragmentam, mas se intercalam, se concluem e se diluem em uma só “vida”. Neste aspecto, Patrício destaca:

A qualidade de vida do ser humano, no sentido amplo da expressão, somente é compreendida se for captada em suas múltiplas dimensões, como a vida no trabalho, a vida familiar, e a vida na sociedade, e mesmo a própria espiritualidade, enfim em toda teia que se constitui, que se constrói a vida do sujeito (Patrício, 1998, p. 364).

A avaliação que cada ser humano faz de sua vida depende das configurações subjetivas, compreendendo então que o processo de viver saudável está relacionado à qualidade das interações consigo mesmo, “na sua totalidade integrada, enquanto ser de diversidade, unicidade e complexidade, e com todo o universo, incluindo o modo como interage com a natureza e demais seres humanos” (Patrício, 1998, p. 56).

É importante frisar que as interações da vida humana coexistem na construção da qualidade de vida, sendo que algumas vezes essas interações manifestam-se de forma paradoxal, assim um mesmo aspecto pode estar configurado como sentido subjetivo que estimule o crescimento, ou que, contraditoriamente o limite.

Para González Rey (2003), é através dos posicionamentos sociais do indivíduo inseridos em diversos cenários sociais que se produzem sentidos que integram os diversos momentos de subjetivação desse sujeito. Neste aspecto, relata:

Em decorrência da capacidade de integração da subjetividade dos múltiplos e diferentes cenários da vida social do sujeito, a Qualidade de Vida não pode estar associada só a tipos concretos e pontuais de comportamentos, pois ela representa o resultados dos processos de subjetivação de todos os cenários da vida social do sujeito, e é nesse sentido que a qualidade de vida é profundamente abrangente em relação ao social. (González Rey, 2003, p. 8).

Ainda de acordo com esse autor, percebe-se que a qualidade de vida não é aditiva, ela representa um sistema que não se define pelo caráter objetivo do que o sujeito faz, pois qualidade de vida é um conceito que integra numa relação inseparável o individual e o social, onde irá se produzir em diferentes espaços da atividade humana, nas relações com os colegas, com o chefe, na concretização de suas atividades, no convívio com a família, no “lazer”, nas atividades prazerosas etc.

Portanto, a qualidade de vida é uma condição complexa que integra um viver, onde pode-se afirmar que cada sujeito configura e vivencia a realidade de maneira própria e singular, demonstrando os diversos processos de subjetivação da realidade simbólica.

A qualidade de vida não é um estado ideal, é a expressão de uma forma de vida que permite ao sujeito a ativação de recursos subjetivos e físicos dentro de suas diferentes atividades e formas de vida que facilitam o desenvolvimento de processos de saúde. (González Rey, 2002, p. 9).

Patrício (1998) ao realizar uma pesquisa em Santa Catarina conseguiu identificar a qualidade de vida de um sujeito estudado a partir de quatro mundos, a saber: mundo da família, mundo dos estudos, mundo da profissão e mundo do imaginário. Sabemos que se

encontrássemos esses quatro mundos em outro indivíduo, a qualidade de vida dele seria diferente, em razão da particularidade de cada vida, da história de cada ser humano e grupo social. A maneira como os mundos dos sujeitos se interligam mostra o cotidiano como realidade particular e também coletiva. Todos os aspectos desse cotidiano se retroalimentam em razão constante da conexão entre eles.

Neste aspecto podemos dizer que é através das tensões geradas entre a produção dos espaços subjetivos, emocionalidade e expressão simbólica da realidade que poderemos edificar importantes indicadores de qualidade de vida, pois o meio social está sempre presente na produção diferenciada de sentidos subjetivos.

O conceito de *estilo de vida* proposto por González Rey (2003) permite compreender o ser humano em suas diferentes esferas, a partir de seu posicionamento perante à vida e a si mesmo. O *estilo de vida* saudável para González Rey, caracteriza-se por uma congruência interna, e pela flexibilidade das formas de comportamento concreto associadas às diferentes áreas de vida do sujeito.

A qualidade de vida se refere ao complemento da qualidade de vida e representa a forma em que o sujeito concreto expressa sua qualidade de vida. E este *estilo de vida* do sujeito se constitui através do desenvolvimento constante em suas diferentes esferas de existência humana. Como afirma González Rey (2003):

Eu acho que um estilo de vida saudável é aquele que permite o desenvolvimento do sujeito nas diferentes esferas da vida, sem ter que alienar-se do que realmente pensa e sente. O estilo de vida saudável caracteriza-se por uma congruência interna, e pela sua vez pela flexibilidade das formas de comportamento concreto associadas às diferentes áreas da vida. (p. 14).

É através da compreensão do *estilo de vida* do trabalhador, ou seja, através da forma como o sujeito se expressa em sua vida, será possível compreender a sua qualidade de vida

em diferentes contextos em que vive (trabalho, estudo, família, etc), pois é “através do estilo de vida que o sujeito reafirma sua identidade singular nos diferentes espaços da sua vida social” (González Rey, 2003, p. 14).

A qualidade de vida é uma complexa configuração subjetiva relacionada não somente ao trabalho, mas também à família, à escola, aos amigos, ao chefe etc. como também com os processos de coordenação de trabalho.

Em alguns casos, a interação com a família aparece como fator preponderante na construção da qualidade de vida dos indivíduos, seguida das interações com colegas de trabalho. É nos significados do sujeito, no modo de viver o cotidiano que se expressa a qualidade de vida: o prazer de manter-se ocupado, estar com a família reafirmando crenças e valores, o relacionamento com pessoas amigas, enfim, a vida centrada em seu cotidiano (Patrício, 1998).

Ao falar de qualidade de vida, faz-se necessário compreender também a qualidade da saúde humana, suas possibilidades e limitações individuais e coletivas. A saúde no olhar holístico diz respeito às possibilidades de satisfação do ser humano nas suas necessidades de ser, ter, fazer e estar enquanto indivíduo-coletivo. Segundo Patrício (1999):

Saúde não pode ser concebida apenas como “ausência de doença”, porquanto você pode estar doente, mas ter uma qualidade de vida que lhe permita superar esta fase, ou mesmo que lhe proporcione um redimensionamento de seu processo de viver e mudar sua qualidade de vida pra melhor.... Portanto, é possível dizer que “estar” ou “ser” doente, sentir-se limitado, sentir-se triste ou desanimado ou em desarmonia é apresentar dificuldade para atender necessidades primitivas e culturais. (p. 55).

A qualidade de vida não pode se reduzir aos seus aspectos subjetivos, pois os aspectos ambientais, econômicos, políticos e sociais em suas próprias condições objetivas são partes da qualidade de vida. Sem dúvida a poluição, a contaminação dos produtos alimentícios, a

precariedade da educação e dos serviços sanitários é parte da qualidade de vida, mas por outro lado, estes aspectos tampouco podem ser considerados independente dos sentidos subjetivos gerados pela existência humana. Ambos representam níveis de análise do problema que, mesmo que se interpenetram, mantêm espaços de autonomia. Sem dúvida a qualidade de vida é um tema extraordinariamente complexo que não pretendemos esgotar na presente dissertação, que tem como aspecto central à consideração da dimensão subjetiva da qualidade de vida, que em decorrência do paradigma dominante na psicologia têm sido insuficientemente desenvolvida.

A Constituição Subjetiva do Trabalhador

Os fenômenos subjetivos sendo complexos só poderão ser compreendidos por vias que dêem conta dessa complexidade. (Morin, 1996, p. 12).

Após esse breve relato sobre o trabalho e de suas configurações, torna-se necessário refletir sobre a subjetividade do trabalhador, constituída e “atravessada” por inúmeros canais objetivos. É o que se propõe o presente capítulo: compreender como se constitui a subjetividade do homem trabalhador a partir dos pressupostos teóricos de González Rey (1997, 1999, 2001, 2002, 2003).

A subjetividade é um processo evidenciado, enaltecido no movimento da práxis, na permanente inserção e reinserção do sujeitos nos espaços e tempos sociais e históricos, vivida e assumida no próprio exercício social (Stano, 2001).

Para este autor, é somente através do cotidiano que o homem se humaniza, no sentido de apreender instrumentos simbólicos, usos e costumes, pois é nessa esfera do cotidiano que ele se singulariza e se constitui como tal, cabendo assim um estudo sobre o processo do cotidiano do trabalhador na prática diária do seu trabalho e da sua vida em geral.

Castoriadis (citado por Stano, 2001) acrescenta que cada sociedade tem significações próprias imaginárias, sociais que a sustenta, sendo “permissiva” a criação de mundos singulares e específicos que precisam ser interpretados, assumindo que cada sociedade é fonte de criação, e que cada ser humano integra um sistema de significações sociais, que vão

se constituindo na organização de um mundo particular. Compreender a subjetividade, portanto, é realizar uma busca pelo mundo psíquico do sujeito, resgatando sua vida, seus conflitos e construções individuais.

A subjetividade integra todas as categorias do viver humano, inclusive a dimensão do trabalho, portanto, para compreender as configurações do ser humano acerca de sua qualidade de vida, deveremos adentrar nas formas de compreensão da subjetividade do trabalhador, sabendo que ao estudar tal fenômeno nos deparamos com a inesgotável complexidade do sujeito.

A subjetividade compreendida por González Rey (2002) vai além dos parâmetros tradicionais de estudo, considerando que a base desta compreensão está enraizada numa “ciência” que fragmenta e dicotomiza o indivíduo, desconsiderando aspectos emocionais e configurações singulares que estão intrinsecamente constituídos pelo social numa relação de tensão e contradição. “O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e simultaneamente se constitui dela” (González Rey, comunicação pessoal, 2003).

A subjetividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento e sensível à qualidade dos seus momentos atuais tendo papel fundamental nas diversas opções do sujeito. A subjetividade integra os processos e estados característicos do sujeito em cada momento da ação social, os quais são inseparáveis do sentido subjetivo que tais momentos terão para ele (González Rey, 1999).

Simultaneamente, a subjetividade se expressa no plano social como constituinte da vida social, assim o próprio espaço social representa um complexo sistema subjetivo definido por González Rey como subjetividade social. Isto significa dizer que as configurações psicológicas do sujeito não são mero reflexo do mundo exterior, mas resultado de um intrincado processo dialético de construção e reconstrução objetiva e subjetiva do trabalho (González Rey 1997; Furtado, 2003).

Desde o nascimento, o ser humano tem uma capacidade de produção emocional que está fortemente associada à qualidade de contato com os outros. Neste espaço, o simbólico irá se constituir, não se esgotando, contudo o emocional, por isso dizemos que a subjetividade é processual e plurideterminada (González Rey, 2003).

A subjetividade se apresenta como um sistema complexo, repleto de significações e sentidos subjetivos, produzidos na vida cultural humana (González Rey, 1999). Para compreender a subjetividade do ser humano é necessário, portanto, compreender a organização do sentido subjetivo. Falar da subjetividade do trabalhador é falar principalmente de produção e forma de organização do sentido subjetivo nos diversos espaços sociais em que vive. Neste aspecto, resgatar a subjetividade humana permite tratar de sujeitos concretos, determinados pela pluralidade da vida social, resgatando fatores econômicos, culturais até aspectos particulares no percurso de sua vida.

E ao resgatar o sujeito com suas potencialidades e configurações subjetivas, o sentido subjetivo se torna alvo para construção de uma análise voltada para o sujeito concreto do cotidiano, pois a subjetividade é uma questão do sentido, ou seja, subjetividade como a capacidade de receber sentido, de produzir sentido, dar sentido, e de fazer com que cada vez seja um sentido novo (Morin, 1996). González Rey (2001) acrescenta que a subjetividade humana se caracteriza pela produção de sentidos, a qual é responsável pelas coisas mais absurdas em nome da razão humana.

O sentido subjetivo se constitui num espaço simbólico, contudo se alimenta de uma emocionalidade nutrida por diversas fontes. Isto é perceptível no sentido que cada trabalhador possui em relação à empresa e ao seu trabalho, e que se alimenta de outras dimensões, familiar, afetiva, escolar etc. O sentido, portanto é compreendido como uma integração dos processos simbólicos e emocionais que se produzem numa atividade concreta. Como define González Rey (2003).

A categoria de sentido subjetivo permite a representação de cada experiência do sujeito em sentidos diferentes, segundo sua inclusão em outros registros de sentido constitutivos no nível subjetivo. O sentido é responsável pela grande versatilidade e pelas formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito. O sentido é subversivo, escapa ao controle, é impossível de prever, não está subordinado a uma lógica racional externa. O sentido se impõe a racionalidade do sujeito. (p. 252).

O sentido se constitui e é constituído pelo social, permitindo a superação da dicotomia interno-externo, social-individual, consciente-inconsciente, afetivo-cognitivo, etc, pois o sentido se produz de forma simultânea na integração dessas dimensões. O sentido subjetivo é uma complexa combinação de emoções de procedência diversas, repleto de significados e símbolos.

As configurações subjetivas participam do processo de produção de sentidos, mas não são determinantes delas, pois o contexto e o próprio pensamento do sujeito envolvido no cenário repleto de sentidos, são vias de produção de sentido que caracterizam toda atividade humana (González Rey, 2001).

As configurações subjetivas se alimentam de “zonas de sentido”, que procedem de configurações aparentemente distantes do contexto atual, e que colaboram na produção de novos sentidos subjetivos. Sendo assim o sentido subjetivo do trabalhador em relação ao seu trabalho, sua qualidade de vida, a empresa etc, está perpassado por outros múltiplos canais geradores de sentidos que interferem, confluem e produzem novos sentidos subjetivos no “contexto organizacional” e na vida geral dos sujeitos.

Podemos destacar que é a capacidade de produção de sentido do sujeito que lhe permite momentos de ruptura e criação, gerando ações de emancipação em relação à ordem

estabelecida. E essa produção segundo González Rey (2001) escapa à lógica da objetividade e universalidade.

O sentido se constitui numa constante tensão entre o subjetivo e o objetivo, portanto falar da subjetividade é falar sobre da subjetividade social e subjetividade individual, onde os fenômenos sociais não aparecem como externos aos indivíduos, nem são fenômenos que acontecem na sociedade e pouca relação tem com os sujeitos concretos. Pelo contrário os fenômenos sociais estão de forma simultânea, dentro e fora dos indivíduos, isto é, estão na subjetividade individual e na subjetividade social.

A subjetividade deve ser compreendida como um sistema integrador do interno e externo, tanto na sua dimensão social, como individual, que por sua gênese é também social, pois “a subjetividade não é interna nem externa: ela supõe outra representação teórica na qual o interno e o externo deixam de ser dimensões excludentes e se convertem em dimensões constitutivas de uma nova qualidade do ser: o subjetivo. Como dimensões da subjetividade ambos (o interno e o externo) se integram e desintegram de múltiplas formas no curso de seu desenvolvimento, no processo dentro do qual o que era interno pode converter-se em externo e vice-versa”. (González Rey, 1997, p. 42).

Neste aspecto, o conceito de subjetividade social integra elementos de sentidos subjetivos que produzidos nas diferentes zonas da vida social da pessoa, fazem-se presentes nos processo de relação que caracterizam qualquer grupo. Assim a subjetividade social aparece constituída de forma diferente das expressões de cada sujeito concreto, cuja subjetividade individual está atravessada permanentemente pela subjetividade social (González Rey, comunicação pessoal, 2003).

A subjetividade social de acordo com González Rey (2003) não se constitui numa “abstração”, mas é o resultado de processos de significações e sentidos que caracterizam

todos os cenários que constituem a vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os homens, através de meios que perpetuam e caracterizam os sistemas nos quais eles atuam e se desenvolvem.

A categoria subjetividade como ela se apresenta neste trabalho é inseparável da categoria sujeito. González Rey (2003) defende que a partir da relação contraditória entre o social e o individual é que o indivíduo se “revela” como um sujeito de criatividade e desenvolvimento e não como um sujeito “asujeitado”, e com as formas de “asujeitamento” social.

Reconhecer um sujeito ativo é reconhecer sua capacidade de construção consciente como momento de seus processos atuais de subjetivação, o que não significa que estes se ajustem a um exercício da razão. Assim a partir de nossa compreensão da subjetividade humana, percebe-se que as construções da consciência são produções de sentido e não construções racionais. O exercício da consciência pelo sujeito, é, em si mesmo, um processo de subjetivação. A consciência, portanto, designa a ação do sujeito dentro de um espaço representado, suscetível a sua intenção e reflexão, o que não quer dizer que o sentido desses espaços seja definido a partir de sua representação ou intenção (González Rey, 2003).

O homem ao se constituir histórica e dialeticamente constrói para si o seu mundo e o re-significa a partir de suas relações com o outro e com o trabalho, dando um sentido único e individual para sua história, sendo através da relação com o outro que ele se humaniza e se individualiza. Lembrando que o outro se refere a qualquer espaço socialmente produzido, o que aponta o trabalho e a qualidade de vida como vias de produção de sentido subjetivo.

É no processo de subjetivação da realidade objetiva, que o trabalho humano vai se constituindo como processo e mediador de “subjetivações”. Ao “oferecer” um universo de significados para esse mundo material e objetivo, no caso a organização, o trabalhador re-

significa sua forma de se perceber e perceber sua vida. Dimensões que se mesclam pela subjetividade individual e social.

Compreender a subjetividade do trabalhador e sua qualidade de vida significa compreender sua objetividade e individualidade, “dois mundos” que se perfazem, mesclam-se, intercalam-se, conflituam-se e se constroem, resultando, não em objetividade, mas em objetividade e subjetividade (que se configuram numa mesma realidade, objetiva e subjetiva).

Assim, a qualidade de vida do trabalhador não pode ser compreendida isoladamente, mas num contexto que revele as diversas dimensões do ser humano. Reduzir a compreensão que o homem tem da qualidade de vida ao trabalho, significa reduzir o ser humano a uma percepção fragmentada e mecanicista dentro dos padrões tradicionais.

O trabalho, como mediador da subjetividade social e individual, é depositário de um conjunto de emoções, tensões e conflitos que se produzem dentro de um espaço delimitado, no caso a organização e/ou a atual configuração do trabalho, contudo somente irá tomar forma na relação com o outro, pois o trabalho faz sentido para pessoa através do posicionamento da família frente ao trabalho, na maneira como se relaciona com os colegas, assim como pela forma em que cada profissão está constituída na subjetividade social e pelo que representa em termos de produção de sentido para o próprio trabalhador.

A empresa como determinante do trabalho, mostra-se como um espaço que tem inúmeros desdobramentos, onde toda produção emocional produzida neste contexto está direta ou indiretamente integrada aos sentidos constituídos na organização, na relação com os amigos, com o namorado, com a família etc, portanto a relação estabelecida dentro e/ou fora da organização, é parte da configuração subjetiva, tanto do trabalho, como da qualidade de vida em geral da pessoa.

No contexto da empresa, a cultura organizacional contribui na constituição de sentidos particulares que se integram em processos sociais e individuais (subjetividade social

e individual). Nessa perspectiva, a Qualidade de Vida do trabalhador supõe uma dimensão social e individual, constituindo a subjetividade de cada trabalhador. Uma mistura de histórias individuais que contraditoriamente revelam características também sociais, como a inserção numa cultura organizacional simbólica e objetiva.

A cultura é entre outras coisas um sistema de sentidos subjetivos, onde muitas crenças e costumes são considerados como irracionais para aqueles que estão fora dela, pois são sentidos que se sustentam em emoções compartilhadas pelos membros dessa cultura, e que aparecem através de valores, crenças e outras formas de simbolização e espaços de representação “que tem valor racional” dentro dessa cultura.

O trabalho é subjetivado a partir de sua expressão individual e social, que se refere às relações de trabalho, às pressões da sociedade capitalista e às categorias que integram este sistema. O sentido subjetivo do trabalho integra dois sistemas que coexistem de forma recíproca e contraditória, que é a subjetividade social e subjetividade individual.

O mundo do trabalho hoje exerce um papel significativo na constituição subjetiva das pessoas, atuando como “tecido social” revelados na forma como o trabalhador percebe e sente seu trabalho. Esse “tecido social do trabalho”, assim chamado pode se constituir pela representação social do trabalho, pela importância dada à atividade laboral na sociedade etc. De qualquer forma esse “tecido” mescla a própria história individual do sujeito, e as outras dimensões existenciais, gerando tensão, conflito, mudança e desenvolvimento, sendo “produtoras” de novas configurações sociais e individuais do trabalho na sociedade contemporânea.

Apesar das determinações do mundo do trabalho, cada trabalhador se mostra único e particular na maneira como vivencia suas atividades laborais, sua vida, que mesmo ao se configurar numa dimensão social capitalista está repleta de singularidade e individualidade. “A atuação dos sujeitos concretos é de forma simultânea individual e social, e a forma como

suas ações se integram no sistema da subjetividade social em que ações se inscrevem e dos sistemas de relações dentro dos quais cobram vida” (González Rey, 2003, p. 206). No sentido subjetivo do trabalhador é relevante e notável como se intercalam e se integram a subjetividade social e a subjetividade individual que resultam numa característica singular do seu universo e na forma como vivenciam seus trabalhos e sua vida em geral.

É imprescindível relatar que essa subjetividade, objeto de estudo da Psicologia, nasce e se desenvolve com a história do capitalismo, a partir do momento em que o homem passa pela experiência das transformações econômicas, políticas e sociais, na mudança do modelo feudal, para o modo de produção capitalista. “Novas práticas econômicas e sociais implicam novas concepções de mundo e de homem presente no pensamento moderno. Nesse novo mundo, o homem é afirmado como sujeito e essa afirmação implica a construção da noção de subjetividade”. (Bock, 2001a, p. 37).

Diante dessa realidade capitalista Guattari (1996) introduz o termo (...) “subjetividade capitalística” e aponta que:

(...) o que é produzido pela subjetividade capitalística, o que nos chega por meio da mídia, da família, enfim de todos os equipamentos que estão em volta, não são apenas idéias; não é a transmissão de significados mediante enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificação com pólos maternos, paternos etc. São, mais essencialmente, sistema de conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a forma de perceber o mundo. (p. 113).

Portanto, para ele, as produções maquínicas da subjetividade capitalística se referem às máquinas produtoras de instâncias subjetivas, na qual “coisifica” a subjetividade como sistema de conteúdos inerentes ao indivíduo. Ocorre uma despersonalização do sujeito que se

aliena, pois o trabalhador já não consegue se reconhecer no que faz, nem tampouco saber com que finalidade executa determinada tarefa.

Para Veronese (2001), a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção, pois as *forças sociais* que administram o capitalismo entendem que a produção de subjetividade é mais importante que qualquer outro tipo de produção, visto que produzem esquemas dominantes no mundo. Este autor acrescenta que a subjetividade capitalística se refere à subjetividade de natureza maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida e consumida.

A ordem capitalística significa “fabricar a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Portanto, é em relação ao lugar que o sujeito ocupa no mundo, que a subjetividade se constitui” (Grisci, 1999, p. 101).

O sujeito aparece nos momentos de sentido em que pensa e é capaz de produzir rupturas. Ser sujeito para este autor representa o processo de ruptura dos limites que o contexto social impõe para o indivíduo, além de representar a constituição de espaços responsáveis pela geração de novos sentidos e configurações.

A emoção também se revela como um aspecto importantíssimos na constituição do sujeito em González Rey. Ignorar a emoção é ignorar a base da subjetividade humana como afirma este autor:

A emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais, entrando assim no cenário da cultura. O emocionar-se é uma condição da atividade humana dentro do domínio da cultura, o que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas (González Rey, 2003, p. 242).

As emoções são internas, mas ligam-se de forma não linear ao espaço social. Elas são construídas em todas as atividades e momentos do sujeito em sua condição cultural, sendo, portanto, complexas.

González Rey (2003) também aborda que as emoções estão associadas de maneira intrínseca às necessidades do ser humano. Podemos conceituar necessidade como “um estado afetivo que aparece pela integração de um conjunto de emoções de diferentes procedências no curso de uma relação ou de uma atividade realizada pelo sujeito” (p. 245). Dessa forma, a necessidade é um estado produtor de sentido do sujeito em uma atividade concreta.

As necessidades estão associadas às práticas sociais do sujeito e são formadores de sentido na processualidade das diferentes ações do sujeito. O sentido produzido nas relações de trabalho se conectam às diferentes necessidades do sujeito. Portanto, tanto o trabalho, quanto a qualidade de vida são fontes de atendimentos das necessidades individuais. Patrício (1996) afirma que quando a necessidade de produção em prol do capital interfere na qualidade do atendimento dessas necessidades criam-se outras necessidades, ou aumentam-se as carências e nem sempre o indivíduo tem habilidades para atender essa realidade que não seja através do sentido negativo em relação ao trabalho, gerando assim sofrimento e insatisfação.

Ao finalizar este capítulo pode-se perceber que a subjetividade se refere à constituição psíquica do sujeito, e se constitui através de sentidos produzidos em seu cotidiano, e que de maneira intrínseca mantém uma permanente relação com sua história e com as condições atuais. A produção de sentidos se torna essencial na constituição da subjetividade, sendo entendida como histórica (processual, relacional) e socialmente configurada. O sentido articula de forma específica o mundo psicológico historicamente configurado do sujeito com a experiência de um evento atual.

A subjetividade social é produzida em todos os espaços da vida social em que o sujeito atua, em todos os espaços institucionalizados da vida social, entendendo por instituição o estabelecimento de normas, padrões, configurações etc. A organização e a cultura se constituem como cenários que participam e integram a constituição subjetiva do ser humano. Neste aspecto, o trabalho e a empresa se tornam importantes mediadores na compreensão da subjetividade do trabalhador, sendo, portanto, discutidos neste estudo.

Compreendendo a Epistemologia Qualitativa no estudo da constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador

A ciência é a produção de modelos de inteligibilidade construída sobre um mundo muito mais complexo do que nossas teorias podem atingir em termos de conhecimento (González Rey, 2003, p. 14)

Como objeto de estudo, a constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador só se dará a conhecer através de um método que possa explicá-lo numa perspectiva complexa e dialética. Neste sentido recorreremos a Epistemologia Qualitativa de Rey (1999), utilizando-o como suporte na compreensão desse objeto e reconhecendo suas possibilidades para produzir inteligibilidade sobre as configurações de sentido subjetivo.

No cenário da ciência tradicional a subjetividade humana foi submetida a dois processos de exclusão: como forma de construção do saber e como objeto de estudo (Neubern, 2001). Com a evolução da pesquisa qualitativa a subjetividade ganha espaço na compreensão do ser humano e se converte em um dos principais objetos de estudo da psicologia contemporânea (Mota, 2002).

O termo qualitativo denota uma visão diferente em relação a se fazer ciência do modelo positivista. É uma nova forma de ver e estudar o mundo. O que até então não era acessível de ser estudado e pesquisado, ganha espaço em uma nova metodologia de conhecimento (González Rey, 1998).

Chizzotti (1998) afirma que a pesquisa qualitativa é uma designação que abriga várias correntes diferentes. São contrárias ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de

pesquisa diferentes dos estudos experimentais. Triviños (1987) assume que este modelo de pesquisar se contrapõe ao positivismo e à visão tradicional de ciência.

Nesta perspectiva a *Epistemologia Qualitativa* de González Rey (2003) se revela como uma metodologia qualitativa no estudo da subjetividade e apresenta algumas características gerais:

- A subjetividade representa uma realidade que não pode ser acessada de maneira direta pelo investigador e nem interpretada de forma padronizada ao nível de generalizações, pois cada sujeito possui uma trajetória própria repleta de sentidos particulares. Segundo esse autor, os sentidos subjetivos aparecem de forma gradual e diferente dentro do espaço de expressão do sujeito, pelo qual o investigador deve transitar através de espaços conversacionais e de expressão;
- “A subjetividade é um sistema em desenvolvimento permanente, implicado sempre com as condições de sua produção, embora com uma estabilidade que lhe permite definir os elementos de sentido constituintes das configurações dominantes do sujeito em relação às principais atividades e posições que ocupa em cada momento concreto de sua vida” (p. 11);
- As formações psíquicas representam configurações dinâmicas de sentido e em constante desenvolvimento dentro das diferentes práticas sociais dos sujeitos estudados. A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo. E o singular pode ser tanto de valor de generalização em relação ao problema estudado, quanto de escolha populacional;
- O “poder de generalização não está na informação proporcionada pelo caso estudado em abstrato, mas sim pela relação entre essa informação e o processo de construção teórica em desenvolvimento que antecipa o contato do investigador com o caso” (p. 270).

Dentro dessa compreensão, González Rey (2003) aponta as exigências epistemológicas que sintetizam os princípios da Epistemologia Qualitativa:

- O conhecimento é visto como uma produção construtiva-interpretativa. A teoria não é considerada a *priori*, mas construída sistematicamente e expressada de acordo com o contexto sócio-cultural. Nesse sentido, o empírico é fonte de conhecimento, pois irá gerar contradições e novas formulações de idéias e conteúdos, enriquecendo o processo de construção teórica. E isso só será possível mediante processo de interpretação e construção do investigador em relação ao aparecimento de indicadores no decorrer da pesquisa, sendo construídos na relação sujeito-objeto;
- O caráter dialógico e essencial na investigação qualitativa. Para González Rey essa característica irá contribuir com rompimento da neutralidade do investigador, além de manter uma relação ativa com os sujeitos investigados.

Diferentemente da pesquisa positivista, o pesquisador assume uma postura de participante ativo, interage subjetivamente com o sujeito pesquisado, não apresentando a “neutralidade” defendida tradicionalmente (Chizzotti, 1998). “Essa abordagem parte do fundamento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. (p. 79).

A Epistemologia Qualitativa enfatiza o caráter processual da pesquisa e a importância de espaços dialógicos como via de produção de conhecimento. A comunicação representa um momento de informação, coexistindo em um diálogo permanente que toma diferentes formas durante o desenvolvimento da investigação. A pessoa não é uma máquina que tem uma expressão única, pronta pra se posicionar frente ao estímulo. É necessário que o sujeito esteja envolvido com o contexto e com o pesquisador, bem como com os objetivos pelos quais o

pesquisador se aproxima dele. “O sentido da expressão se vai produzindo no processo de diálogo com o outro” (González Rey, 2003, p. 6).

Não há como separar as características psicológicas do sujeito fora do contexto em que elas se expressam. Nesse sentido, o investigado torna-se na pesquisa qualitativa um sujeito ativo, participante, produtor de conhecimento e intelectualidade, influenciado pela presença e interação do investigador. Essa construção intelectual e teórica do sujeito não se dá de forma linear, pelo contrário fundamenta-se de forma complexa e construtiva (Mota, 2002).

O diálogo e a comunicação entre investigador e investigado são elementos imprescindíveis na qualidade da informação produzida durante a pesquisa. Esse diálogo irá criar um clima de segurança, interesse e confiança do sujeito favorecendo o desenvolvimento da pesquisa.

Neste aspecto, a investigação como processo dialógico gera uma modificação não só na relação entre investigado e investigador, mas no conceito de instrumento de investigação e na forma de construção de conhecimento.

As expressões das configurações relativamente estáveis da subjetividade se produzem de forma diferenciada através dos contextos e com os sujeitos envolvidos em determinado momento de produção de sentido. Portanto, sua aparição como condição da construção do conhecimento vai depender de um cenário facilitador que tem como elemento central o diálogo, e não na aplicação direta de um instrumento (González Rey, 2003). “O sentido se produz associado com a ação e a expressão do sujeito, o sentido não é algo estático que está pronto para ser apreendido por um instrumento com independência do contexto da ação do sujeito” (p. 10).

González Rey (2003) acrescenta que o sentido não se desvela ao conhecimento, ele é singular e tem que ser construído, processo que tem lugar através de uma multidão de

indicadores produzidos por fontes diferentes, que são compatíveis com um modelo teórico em desenvolvimento no longo processo de pesquisa. “A qualidade do conhecimento é sensível aos próprios procedimentos do conhecer, portanto, não existe a externalidade do procedimento em relação ao objeto como acontece na epistemologia positivista” (p. 11).

Assim quando se fala de configurações subjetivas de um campo de experiência do sujeito, está se falando de elementos que podem variar de intensidade e que se diferenciam em cada sujeito estudado, podendo constituir organizações subjetivas semelhantes, mas que podem estar integradas por elementos subjetivos bem diferentes. O sentido está relacionado a nível objetivo a cada momento da ação do sujeito em diferentes experiências sociais e na sua história individual.

Para González Rey (2003):

(...) não existem configurações de sentido universais, elas se formam e desenvolvem na produção subjetiva diferenciada do sujeito nos diferentes campos de suas atividades, portanto o sentido tem uma gênese histórico-social, com independência que se constitui em sistemas sociais e pessoais que incorporam a qualidade do sentido de outras naturezas (pp. 12-13).

Nesse aspecto o objeto não é mais um objeto “domesticado” que está pronto a aparecer nos instrumentos a partir de uma representação explícita numa hipótese. E ao contrário dos padrões epistemológicos tradicionais não é possível conhecer uma entidade, o que é possível, é conhecer uma configuração extremamente dinâmica que toma formas em diferentes momentos e contextos (González Rey, 2003).

O conhecimento não é uma representação sobre o que se conhece, mas uma construção, onde o mais importante é envolver o sujeito com a produção do conhecimento, com o objetivo de levá-lo a uma compreensão dos processos de organização dos sentidos subjetivos.

Assim, o que mantém o desafio da metodologia nessa abordagem, é a capacidade de produzir informações sobre as diferentes configurações que caracterizam o desenvolvimento dos modelos teóricos. A manutenção da tensão entre um modelo teórico e a produção de informações empíricas é o que garante a viabilidade de uma teoria (González Rey, 2003).

González Rey (2003) nesta Epistemologia irá levantar a importância de se criar o que ele denomina de “cenário de pesquisa”, que se refere ao contexto no qual se produz a pesquisa e sobretudo permite a expressão do sujeito em seu sentido subjetivo.

O cenário de pesquisa nada mais é do que a criação por parte do pesquisador de um ambiente físico e psicológico, que possibilite o diálogo e a expressão do sujeito pesquisado.

É necessário a responsabilidade do pesquisador quanto à “organização” deste cenário, o que irá implicar em criatividade e imaginação. Este cenário se torna importante na medida em que permite ao sujeito liberdade e interesse em participar da pesquisa possibilitando a construção de sentidos subjetivos. Por esta razão, os sujeitos têm que participar da pesquisa de forma voluntária e consciente das situações que poderão enfrentar durante o seu desenvolvimento da pesquisa.

É importante ressaltar o quanto os momentos de pesquisa criam um “clima” favorável, de intimidade, entre pesquisador e pesquisado, o que permite ao sujeito se colocar de forma diferente frente a sua vida, se posicionando frente a ela, e até mesmo reconfigurar sentidos subjetivos.

Ao entrar em contato com o campo, o pesquisador irá manter uma relação constante de diálogo e comunicação com pesquisado, até mesmo no uso de diferentes instrumentos, que nesta metodologia é usado apenas como indutor de informação, como um facilitador que irá estimular as expressões dos sujeitos (González Rey, 2003).

Nesse sentido o trabalho de campo pressupõe a participação ativa do investigador, não somente frente às decisões epistemológicas, mas também durante o desenvolvimento da

pesquisa e na construção teórica do pesquisador. Ele é orientado para construir sistemas de relações capazes de gerar informações em sua própria dinâmica, não só frente as ações metodológicas investigador.

Os instrumentos devem integrar formas oral e escrita e abrir espaço para o diálogo entre investigador e investigado, sendo imprescindível também o reconhecimento do significado que o mesmo terá para o sujeito. Dessa forma para González Rey (1999)

O instrumento é uma ferramenta interativa e não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza do sujeito estudado com independência do investigador. Neste sentido o instrumento é susceptível de uma multiplicidade de usos dentro do processo de investigação que não se limitam às primeiras expressões do sujeito frente a ele (p. 84)².

É claro que o sentido que o sujeito expressa não se encontra explícito, mas torna-se um indicador importante quando o significado aparece em relação com outras expressões do sujeito em outros momentos da pesquisa, podendo ate mesmo não aparecer, e/ou variar de um sujeito para outro. Neste aspecto González Rey (2003) afirma: “O sentido está oculto à intenção de quem fala, o sentido não se declara, não está explícito na informação, ele se constrói pelo pesquisador pela qualidade das respostas definidas por trechos de informações, e não por respostas imediatas do sujeito” (p. 17).

O processo de definição dos indicadores está envolvido de forma permanente com a construção da informação. Os indicadores representam as vias de acesso à informação implícita que não se expressa de forma intencional pelo sujeito.

O pesquisador enquanto sujeito do processo de pesquisa está comprometido o tempo todo com a qualidade do conhecimento produzido. Dessa forma é importante salutar que a análise dentro da Epistemologia Qualitativa se constrói através dos indicadores levantados

² Tradução da autora

pelo próprio pesquisador em contato com o fenômeno pesquisado, cabendo a ele interpretá-los a luz das teorias e assim gerar novos indicadores, novas hipóteses e conseqüentemente novas construções teóricas. Portanto, a produção de indicadores é inseparável das idéias do pesquisador, resultando num instrumento valiosíssimo na construção de conhecimento.

González Rey (1999), introduz o termo indicador, ao se referir ao elemento que adquire significado graças à interpretação do investigador durante a investigação, e anuncia que sua significação não é acessível de forma direta com a experiência, nem aparece em sistema de correlação. Ele representa um momento hipotético no processo de produção de informação que poderá conduzir a novos indicadores. Os indicadores são unidades identificáveis de um momento empírico, mas cujo valor para investigação é inseparável da interpretação do investigador. São os indicadores que sustentam as hipóteses que surgem no desenrolar da investigação, e que por conseqüência conduzem a novos indicadores procedentes de outras fontes e contextos do sujeito estudado, o que permite momentos de construção teórica sobre as hipóteses. O conceito de indicador para González Rey (2003) é um conceito chave para produção de informação nesta perspectiva.

Os novos indicadores podem surgir através das novas idéias do investigador associadas com a construção de indicadores precedentes. Dessa forma González Rey (1999) discorre:

Os indicadores aparecem como instrumento no que são utilizados na investigação e na relação que se dão entre eles, assim como em qualquer das situações e processos surgidos nas diferentes relações que se constituem no campo da investigação(p.117).³

O processo de desenvolvimento de indicadores irão conduzir ao surgimento de conceitos e categorias. Estas categorias para González Rey (1999), permitem conceitualizar questões e processos que aparecem no curso da investigação e que não são definidos *a priori*.

³ Tradução da autora

O desenvolvimento de categorias é um momento essencial neste tipo de investigação qualitativa que defendemos, pois se afirmamos que a investigação representa um processo constante de produção de pensamento, este não pode avançar sem os momentos de integração e generalização que representa as categorias, e que são essenciais para construção teórica. (González Rey, 1999, p. 120)⁴.

A elaboração teórica é um processo que cresce através de sua própria história, dentro do qual os dados e indicadores são re-significados em diferentes momentos da pesquisa qualitativa (González Rey, 1999).

Na pesquisa qualitativa, desde sua definição epistemológica o dado não é visto como na pesquisa tradicional, mas sim como um elemento que adquire significado dentro do problema estudado, no qual pode surgir dos instrumentos utilizados ou das situações imprevistas que aparecem no curso da investigação.

Ao falar da *legitimidade do conhecimento* em pesquisa qualitativa, pode-se perceber que esse conhecimento só será possível se existir a possibilidade da teoria avançar na construção teórica daquilo que se está estudando. E para isso é necessário conservar a sua continuidade e congruência (González Rey, 1999).

Por continuidade entende-se a capacidade da teoria integrar novas zonas de sentido ao que está sendo estudado, e por congruência a possibilidade da teoria enfrentar momentos de ruptura, mas conservando sua integridade e assim enunciar sua capacidade para assimilar novas construções.

⁴ Tradução da autora

3.1. O percurso da pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido na cidade de Goiânia-GO, e por caracterizar-se como estudo de caso⁵ contou com a participação de quatro sujeitos, de duas diferentes organizações. De forma objetiva e “simbólica” estas empresas intermediaram o contato com os trabalhadores. As duas empresas são de grande porte, sendo uma multinacional Fênix⁶, atuante no ramo de bebida e a outra familiar Pégasus, expressiva na área de transporte urbano, intermunicipal e interestadual.

Através dos gerentes de Recursos Humanos dessas empresas foi possível conhecer os futuros participantes e conseqüentemente realizar os primeiros contatos individuais.

Na empresa Fénix o contato com os sujeitos se deu por meio de uma reunião organizada pelo Gerente de Recursos Humanos, na qual a pesquisadora teve a oportunidade de se apresentar e falar sobre a pesquisa. Nessa reunião estavam em torno de 15 colaboradores de diversas funções e dentre esses, oito pessoas aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. A partir desse número foram realizadas entrevistas com seis trabalhadores, o que serviu de parâmetro para escolha posterior de dois sujeitos que continuaram participando da pesquisa. A escolha se baseou na própria singularidade dos sujeitos e na relação estabelecidas com os mesmos, o que despertou o interesse da pesquisadora por estar coerente com os objetivos da pesquisa. Os sujeitos dessa organização foram Aline e Mauro.

⁵ ²Segundo Chizzotti (1998) o estudo de caso é uma “caracterização abrangente que designa uma diversidade de pesquisa que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora”.(p.102).

⁶ Os nomes dos sujeitos e das empresas utilizados nesta pesquisa são fictícios com intuito de preservar a identidade dos mesmos.

Em relação à empresa Pégasus, os sujeitos foram indicados pela Gerente de Recursos Humanos, que aceitaram participar da primeira entrevista, também de maneira voluntária. Foram realizadas tres indicações, mas apenas dois continuaram a participar. É importante ressaltar que essa empresa estava passando por drásticas mudanças administrativas, pois se encontrava em processo de junção com outra organização do mesmo ramo de atividade. Dessa empresa destacamos Joana e Vilmair.

Os contatos com os sujeitos das duas organizações eram sempre realizados dentro das empresas, em salas privativas e arejadas, durante ou após o expediente. As entrevistas giravam em torno de uma hora, dependendo da disponibilidade dos sujeitos. A quantidade de encontros foram se constituindo de acordo também com a disponibilidade dos sujeitos e da compreensão do fenômeno por parte da pesquisadora. Todas as entrevistas constaram de dois a quatro encontros. Somente com Mauro foi possível a realização de apenas dois encontros. Os nossos diálogos eram sempre gravados, com a autorização dos sujeitos, e transcritos posteriormente para facilitar a análise e levantamento de indicadores (em anexo), entrelaçadas à luz de teorias.

Além de usarmos o método de “conversação” através do diálogo, onde eram levantados temas relacionados ao trabalho, qualidade de vida e cotidiano do trabalhador, foram construídos e aplicados dois instrumento denominados “*completar frases*” (anexo), que serviram como facilitadores entre sujeito e pesquisadora, abrindo espaço para expressão de sentidos subjetivos do sujeito. As repostas dos sujeitos não eram analisadas isoladamente, mas relacionadas continuamente com as expressões dos sujeitos em outros momentos da pesquisa, não sendo um *fim em si mesmo*.

A cada encontro realizado, eram levantados indicadores que nortearam os encontros posteriores, permitindo assim o levantamento de categorias e hipóteses e a possibilidade de “adentrar” na subjetividade de cada sujeito e compreender as configurações subjetivas dos

mesmos. Essas análises foram realizadas através do método construtivo-interpretativo na medida em que as interpretações eram construídas durante o percurso da pesquisa, tendo a participação ativa, tanto do pesquisador quanto dos sujeitos, que se engajavam nos diálogos de forma interessada e participativa.

É necessário enfatizar que a construção da pesquisa só foi possível a partir das relações estabelecidas com os sujeitos e da criação de um cenário de pesquisa que permitia a liberdade de expressão dos sentidos subjetivos dos mesmos.

3.2. Contextualizando a pesquisa – os participantes

Joana

Joana é uma mulher de 38 anos, enfermeira técnica. Começou a trabalhar na área, após o falecimento do marido, há treze anos. Possui duas filhas de 18 e 16 anos. Mora em Goiânia e trabalha em três empregos. Dorme duas noites por semana, pois, dos três trabalhos que possui, dois são noturnos. É plantonista em um Cais (Centro de Atendimento Integral à Saúde) e no HUGO (Hospital de Urgência de Goiânia). A filha mais velha está fazendo curso técnico em enfermagem. Atua na empresa Pégasus há 10 anos.

Vilmair

O Sr. Vilmair tem 50 anos, é casado há 20 anos e pai de dois filhos (um legítimo e outro legitimado). É aposentado há sete anos, mas continua trabalhando na mesma empresa (Pégasus), onde começou como motorista de ônibus há 30 anos. Após a aposentadoria permaneceu na empresa exercendo a função de motorista administrativo, na qual se encontra até o momento, executando tarefas burocráticas e administrativas. Possui o segundo grau completo.

Aline

Aline é uma jovem de 27 anos, solteira. Mora com o avô em Goiânia. Foi criada pelos avós maternos. Perdeu a avó, pessoa com a qual possuía um ótimo relacionamento. Trabalha na empresa Fênix há três anos como auxiliar no departamento financeiro. Cursa o último ano do Curso de Contabilidade.

Mauro

Mauro é um jovem de 27 anos, casado e pai de um menino de dois anos e sete meses. Trabalha na empresa Fénix há sete anos e recentemente recebeu uma promoção e está exercendo a função de Analista de PCP (Planejamento e Controle de Produção), onde atua também como coordenador. Está enfrentando há seis meses um problema de doença na família, pois a esposa recebeu o diagnóstico de Leucemia. Enfrenta atualmente mudanças em seu departamento e em sua vida familiar.

3.3. Construção da análise das informações

Joana

O contato com a Joana foi estabelecido através da indicação da gerente de Recursos Humanos da empresa Pégasus, na qual formalizou-se a realização da pesquisa. A própria gerente que a convidou para participar da pesquisa e pelo fato de conhecer e de ter trabalhado com a pesquisadora, a aceitação ocorreu de maneira tranqüila. No primeiro encontro estabelecido, realizou-se o “contrato” com a mesma, e iniciadas, as gravações para transcrição posterior.

Joana trabalha na empresa há dez anos, além de manter há 13 anos outros dois trabalhos que são realizados no período noturno como plantonista em um Cais (Centro de Atendimento Integral à Saúde) e no HUGO (Hospital de Urgência de Goiânia). O exercício da função só começou a ocorrer após a morte de seu marido, situação que a “obrigou” a encarar o mercado de trabalho. Já tinha feito o curso Técnico em Enfermagem, mas não era necessário trabalhar fora de casa.

Na empresa, atua como enfermeira do trabalho no ambulatório. Dorme em média duas noites por semana, além de trabalhar nos finais de semana no HUGO (Hospital de Urgência de Goiânia) e no Cais (Central de Atendimento Integral à Saúde). A relação com Joana permitiu construir indicadores que foram sendo costurados e revelados através de quatro entrevistas e aplicação de dois instrumentos chamados de “completar frases”. Foi possível assim conhecer o universo da Joana com suas diversas facetas e dimensões subjetivas, demonstrando uma realidade própria e particular. O fato de já conhecer a mesma em outra ocasião permitiu uma abertura e um vínculo maior entre pesquisadora e entrevistada, resultando em um diálogo tranqüilo, como sugere González Rey (2003).

Na primeira entrevista, Joana relata as mudanças na organização (período de junção com outra empresa) e demonstra indignação com o aumento de sua carga horária, mas paradoxalmente infere através de sua fala prestígio e respeito pela empresa ao conseguir realizar todo trabalho sozinha, apesar do aumento significativo de atividades (“Mas nem eu sei explicar também... Igual eu estou te falando, o serviço triplicou porque agora está tudo centralizado aqui e junto com A..., então assim... Está tudo aqui e eu fazendo tudo..”).

Pode-se perceber neste instante o quanto Joana se realiza na função que exerce. Mesmo sobrecarregada de trabalho, ela não pensa em abandonar sua função (“Por mais que você tenta assim deixar alguma coisa é difícil, por que você nunca sabe o que é melhor”). Consegue trabalhar sozinha e não precisa de outra pessoa que a ajude. Demonstra dinamismo, segurança e firmeza em seu trabalho (“todo me perguntam como me dou conta... Não sei. Todo os lugares que estou trabalhando eu trabalho da mesmo forma, a exigência é a mesma. Tenho a mesma postura”).

Joana trabalha neste ritmo de horário há treze anos, dorme apenas duas noites por semana, fica em casa poucas horas com as filhas. Sua jornada não pára. Seu relógio biológico já se adaptou. Ela tem conseguido produzir um sentido que já dominou completamente o sono. Não precisa mais dormir 8 horas por noite. Ela não se queixa e diz estar totalmente adaptada: “Eu não consigo entender assim, porque o sono não me atrapalha, não me prejudica.... Tanto que quando estou de férias, na primeira semana depois que eu descansar eu já estou com insônia....” .

Seu ritmo biológico já se adaptou à produção de sentido associada à carga horária que possui de trabalho, isto não significa que sua saúde esteja livre de prejuízo ou danos, processo que deve ser ainda estudado, o que não infere também uma exclusão no processo de alienação em suas configurações subjetivas.

Torna-se importante enfatizar que seu biológico se sujeitou ao seu ritmo de trabalho. Não se incomoda, não se irrita ("tudo o contrário de todo mundo- sorri. É ao contrário de todo mundo. Ninguém fica sem dormir, fica mal-humorado, eu iiiiii – faz um som negativo com a boca de negação").

A configuração subjetiva de Joana lhe permite a realização em diversas áreas de seu existir: como profissional, como provedora financeira da família, como mulher, como “administradora” do lar e de sua vida. Não “precisa” de ninguém, pelo contrário, os outros é que dependem dela ("na minha família sou a cabeça de tudo"). E é nessa rotina e em seu cotidiano que a sua singularidade se define e se constitui. É através do cotidiano como diz Stano (2001), que o homem se humaniza, singulariza-se e se constitui como tal.

Joana não mais se incomoda com as noites que fica sem dormir, seu ritmo de trabalho é tão intenso, que já não mais consegue dormir quando não tem que trabalhar. Como sugere Stano (2001), o tempo sentido por Joana não corresponde ao tempo vivido. Ao usar o instrumento de completar frases Joana coloca "O tempo - que tempo?". Ao responder com tal indagação, pode-se perceber que o tempo como instância simbólica e objetiva é geradora de um modo de subjetivação único e singular, sabendo que o sentido do tempo se harmoniza com o sentido do trabalho neste caso.

(...) é deito, durmo e nada me incomoda. Igual em casa, pode fazer barulho, fazer o que quiser que não me importa com nada, não me atrapalha de jeito nenhum. E também é assim, vamos sair vamos. Fico a noite inteira e você não vê eu mal-humorada e nem de cara feia e nem com sono.

O tempo para Joana não se resume ao cronológico, mas também ao cenário de reconhecimento, prestígio e satisfação que perpassa a ordem desse tempo. Joana trabalha em três locais, dorme duas noites por semana, fica em casa poucas horas, mas mesmo neste desdobramento profissional se sente feliz e realizada. O trabalho a preenche completamente.

Não sente falta, segundo ela, de vivenciar outras questões em sua vida, o que pode dialeticamente demonstrar que o trabalho além de fonte de satisfação revela-se como expressão de alienação de outras dimensões na vida de Joana. Indiferente a esta contradição, ela consegue produzir outros sentidos subjetivos nesta atividade que lhe permite sentir bem-estar e alegria.

J: igual assim, eu tando trabalhando, saindo assim eu acho que eu me sinto bem melhor do que se eu tô em casa sozinha. Talvez é esse lado que não me deixa sentir falta de nada...

P: o trabalho te preenche?

J: me preenche. Olha que quase cem por cento.

P: é mesmo Joana?

J: tanto assim por exemplo se eu não for trabalhar hoje eu sinto falta. Falo nossa o fulano, o beltrano como está. E nas férias então a falta que eu sinto.

Ao perguntar se tinha qualidade de vida Joana novamente revela sua singularidade e o sentido que confere a sua vida e seu bem estar, sabendo que a qualidade de vida é uma condição complexa que integra um viver (González Rey, 2002), onde pode-se afirmar que cada sujeito configura e vivencia a realidade de maneira própria e singular, demonstrando os diversos processos de subjetivação da realidade simbólica, apesar dos processos objetivos de alienação no trabalho.

(...) P: e o que é qualidade de vida pra você Joana?

J: não sei te explicar, era o que eu ia te falar agora. Eu também não sei se tem, se não tem. Se é bom , se não é por que o que é qualidade de vida? igual assim, eu tando trabalhando, saindo assim eu acho que eu me sinto bem melhor do que se eu tô em casa sozinha. Talvez é esse lado que não me deixa sentir falta de nada...

P: o trabalho te preenche?

J: me preenche. Olha que quase cem por cento.

P: é mesmo Joana?

J: tanto assim, por exemplo, se eu não for trabalhar hoje eu sinto falta. Falo nossa o fulano, o beltrano como está. E nas férias então a falta que eu sinto.

Neste sentido Joana fala do trabalho, dos amigos como se falasse de sua família, (o que se percebe é que Joana estabelece um forte vínculo afetivo com os amigos, o que nos leva a inferir que a mesma substitui as relações familiares pelas relações estabelecidas com os amigos no ambiente de trabalho), pois a relação que mantém com os mesmos preenche a solidão e a falta de atividades que para ela não são importantes ("nunca fui de sair, sempre fui muito caseira"). Incorpora em sua vida uma dimensão emocional e interpessoal preenchida pelos amigos.

(...) E assim a equipe é maravilhosa. Não sei se eu tenho muita sorte menina, eu sou muito abençoada, por que lá no cais e no Hugo a equipe ce tem que vem sabe, igual a gente teve uma reunião lá sobre coleguismo, esse tipo de coisa, e a gente até comentou dos plantão, nossa equipe, um dos melhores plantões que tem é o nosso, por que toda equipe se identifica muito bem sabe, em harmonia, tudo. No meu posto de trabalho mesmo a gente briga pra que? Pra que não separe. Se falar vamos precisar tirar alguém pro outro plantão a gente não deixa, por que se hoje você ta mais cansada um colega te poupa mais, sabe se você falar oh, vou chegar mais atrasada, não precisa se preocupar.

Sabemos que é através do contato com o outro que o homem se constrói e se constitui. Neste aspecto, Patrício (1998) relata que os amigos são fatores importantíssimos na atribuição de configurações positivas em relação à qualidade de vida.

Joana sente medo da solidão ("Meu maior medo... da solidão"), e procura através de seus trabalhos e amigos uma forma de vencer a solidão. Por isso não gosta de ficar em casa,

sozinha. Seu trabalho é sua casa. Seus amigos, sua família. Se sente a vontade, não vê seu trabalho como uma “obrigação”. Segundo ela ao chegar na empresa, colocar o uniforme e começar a trabalhar lhe inspira sentimentos de liberdade, coleguismo e familiaridade. Para ela é como se realmente estivesse em casa. Sabe-se que o vínculo interpessoal de amizade e coleguismo que torna o ambiente de trabalho satisfatório e capaz de proporcionar aos funcionários bem-estar, realização e estabilidade.

Perceber-se que a relação de poder está presente na configuração subjetiva de Joana, pois a mesma controla, coordena, é respeitada em todos os ambientes de trabalho e consegue se impor diante das dificuldades diárias. E este poder sentido por Joana lhe permite uma autonomia, mesmo ilusório nos campos que atua, no caso na empresa e hospitais. Neste caso conforme Pagés (1987), o poder se revela em ordenar, tomar decisões, em delimitar o campo e estruturar o espaço no qual são tomadas as decisões.

São as amigadas e os fortes vínculos estabelecidos no ambiente de trabalho, além da autonomia e “poder” que fazem de Joana uma mulher realizada profissionalmente.

(...) Todo mundo fala, gente mas você ce é louca em trabalhar num lugar desse. Mas eu não sinto assim. Sabe o que é você chegar lá, mudar de uniforme e se sentir em casa? É uma coisa interessante que eu não consigo te explicar porque que eu sinto assim. Se é por que gosta demais do trabalho, do que faz, ou a equipe que te ajuda tanto, por que se fossa uma equipe terrível você não ia gostar tanto né Simone. Eu não ficaria. Então é muito interessante. Tanto que quando um dos colegas, a gente troca plantão com algum, lá a gente pode isso também, aqui a gente nunca pode, tipo assim tenho uma festa pra ir vou arrumar alguém pra trabalhar, beleza. Quando vai alguém você pergunta ce ta substituindo fulano, ai aquela pessoa assusta e fala por que ce não gostou de eu estar aqui? Ai você tem que ficar concertando, mas não é, é porque você fica preocupado com o outro e querendo que o outro tivesse no plantão. Passou do

horário de uma colega chegar você fica preocupado o que que aconteceu com ele, não ligo, não veio ninguém pra ela, será que está doente. Ai passou 40 minutos do horário dela já normal, ai chegamos na Cida e a mãe estava doente e teve que leva-la ao hospital. Então você fica com aquela preocupação. O que aconteceu com fulano que não veio).

Pode-se perceber de acordo com González Rey (1999), o quanto a subjetividade se configura dentro de um sistema processual, plurideterminado, contraditório em constante desenvolvimento e sensível a qualidade de seus momentos atuais. A Joana amiga, colega, solidária, profissional se interconecta com as nuances da Joana mãe, dona-de-casa, administradora, irmã e mulher. A subjetividade de Joana se configura através do sentido nutrido e constituído em suas diversas atividades e “identidades”. As configurações subjetivas de Joana, de acordo com González Rey (2003), alimentam-se de diversas fontes e a amizade, neste aspecto, apresenta-se como uma fonte importantíssima em sua vida.

Interessante observar que nem sua família e o tempo que passa com suas filhas lhe oferece os sentimentos de alegria, bem-estar e realização que seu trabalho e principalmente seus amigos lhe proporcionam. Apenas o trabalho e os amigos preenchem o seu “vazio” (“Por mais que eu esteja com as meninas, mas não é a mesma coisa. Elas é até de conversar, brincar muito, tudo, mas não é a mesma coisa, não preenche o vazio igual o trabalho”).

Pode-se perceber que o trabalho lhe oferece momentos de descontração e “lazer” inexistentes em outras áreas de sua vida.

(...) e o trabalho não, é coisa diferente, tanto coisa, ce às vezes até se diverte mais, brinca muito, tem muitos amigos, em casa ce não tem isso é só nos tres e pronto. Então... o trabalho que... Que.... Eu sempre falo assim , ce consegue sobreviver a tanto assim trabalhando, mas é o trabalho que faz você ficar assim bem).

Se não fosse o trabalho, segundo Joana, ela não se sentirá tão bem como se sente e não estaria se realizando como pessoa. Nem suas filhas, apesar de serem, segundo a própria Joana as pessoas mais importantes de sua vida ("Minha família... é tudo para mim") são geradoras de realização como o próprio trabalho e seus amigos. Suas filhas ficam sozinhas desde que Joana começou a trabalhar. A partir de então elas se cuidam sem sua presença. São responsáveis pela casa, atividades domésticas e nesse tempo de "separação" aprenderam a conviver com a ausência da mãe, contudo criou-se uma relação, mesmo a distancia de dependência e organização

(...) não, aí o que que acontece, eu não ligo, só se eu precisar muito de resolver alguma coisa, aí que eu ligo. Fico tranqüila como se eu tivesse vendo você assim vinte quatro horas por dia. Se elas precisa de alguma coisa elas liga, se surgir alguma coisa pra resolver, ou pra sair, liga, mãe, assim assim, a gente pode? Se eu falar pode... a Carla liga pra mim pra falar assim mãe posso pegar dinheiro pra comprar sorvete, comprar pastel, ce não acredita.

As filhas não a responsabilizam pela ausência, mas ao contrário e paradoxalmente se identificam de maneira específica com o trabalho da mãe, principalmente a filha mais velha. Segundo Joana, elas compreendem sua necessidade de trabalhar.

P: e as meninas reclamam da sua falta?

J: não (um não mais longo...) acostumaram....Tanto que se eu ficar em casa muito tempo elas já incomodam, o que aconteceu, você não vai trabalhar? Hoje não tem plantão?

P: e o seu relacionamento com elas é bom?

J: graças a deus. Apesar de não ter tempo, mas o tempo que tem...

Joana se sente orgulhosa com a "criação" que proporcionou às suas filhas. ("Me orgulho... de minhas filhas"), e da forma como conseguiu, apesar da rotina frenética, educá-

las. As filhas, segundo ela mesma, não lhe dão trabalho. Apesar dos poucos momentos que fica em casa, ela consegue articular tão bem sua vida, que tampouco as filhas lhe tiram de sua rotina. Sabem se cuidar e conseguem administrar a casa e os afazeres domésticos. Atualmente são as filhas que não têm tempo para ela. Estão construindo suas vidas, namorado, trabalhando ("é, inversão de papéis"). A filha mais velha está fazendo enfermagem. Sua história se interpassa na história da filha, seja no profissional, seja no pessoal. Reconhece na filha aquilo que sua história revela. O namorado da filha a impede de se divertir, sair, trabalhar e conhecer pessoas diferentes.

A Joana do passado "retorna" na vivência da filha com um namorado que a torna submissa. E ao mesmo tempo traz do passado aspectos que gostaria de esquecer (o namorado da filha é filho de uma mulher que teve um "caso" com seu marido). E neste momento percebe-se a Joana de antes e depois da morte do marido. A continuidade do namoro significaria para ela o retorno ao passado e a Joana submissa e passiva.

Na terceira entrevista realizada, Joana revela sua felicidade pelo término do namoro da filha e revela o desejo desta de conhecer novas realidades ("ah, eu tenho uma novidade - fala com um jeito de surpresa e alegria. Aquele encenqueiro, tem um mês que estão terminados... e eles terminaram por um motivo tão bobo. Eu falei assim, bom quando é de Deus minha filha não tem jeito não. Interessante né? Que eu tinha quase desistido assim"). Neste, momento percebe-se que apesar de dizer que não interfere na escolha profissional e pessoal das filhas, ela consegue de maneira sutil e até mesmo "inconsciente" influenciar e persuadi-las em relação ao que acha certo ou errado, claro que apoiada em sua experiência e vivência profissional (ser enfermeira – a filha está fazendo enfermagem), e pessoal (a história com o marido e a impossibilidade de viver outra "vida"). Percebe-se uma articulação e um planejamento em relação à rotina das filhas.

(...) é...então eu também não deixo eles perderem a amizade. Justamente assim se ficar muito afastado o risco é maior. E você tando junto o risco é menor, bom eu entendo desta forma, não sei se é correto não. (...) Não deixo ela ficar quieta de jeito nenhum. De um modo direta pra não desconfiar muito né? Eu sempre deixo passear. Vai pra shopping, não, tem que ir mesmo, passear, dançar, chega de só estudar e trabalhar, conhecer gente nova e vai embora).

Interessante como passado presente e futuro se integram de forma atemporal na constituição subjetiva de Joana, contribuindo na construção de sentidos que penetram no seu cotidiano e nas suas escolhas.

Concomitante a isso, a filha também “repete” a história profissional da mãe. Apesar de ter crescido com a ausência da mãe, que a deixava para trabalhar, de ver que a mesma não tem tempo, quer ser enfermeira, escolhe o mesmo exercício profissional da mãe. Essa escolha é um indicador indireto do sentido subjetivo dessa família que configura sua realidade em torno do trabalho da Joana. Mais uma vez a configuração subjetiva, segundo González Rey (2002), interpassa e dá sentido à realidade objetiva. A filha “repete” a história da mãe e configura também um sentido subjetivo ao tornar-se enfermeira. Mesmo sendo, como diz Joana, um trabalho sofrido, esse trabalho se torna “núcleo” na configuração subjetiva dessa família. A Joana enfermeira é ao mesmo tempo a mãe e a pessoa admirada pela filha, expressada na escolha que fez pelo curso de enfermagem e pela identificação com a opção de vida construída pela mãe.

J: (...) E ela quer é enfermagem... Ela não abre mão, tanto que invés dela fazer cursinho, ela está fazendo técnico de enfermagem, está amando...

P: interessante, a mesma profissão que você né?

J: tipo assim eu jamais imaginei que ela fosse querer né?

P: Você não imaginava que ela fosse querer?

J: não, eu não imaginava, certo por que vê eu fazer né? Mas não toda vida pôs na cabeça, tanto que foi prestar vestibular, não deu, não deu e não queria outra coisa de jeito nenhum, aí começou o técnico de enfermagem e está amando o curso.

P: e o que você acha disso:

J: eu só acho que é uma profissão muito sofrida né?

P: você acha?

J: eu acho não, eu tenho certeza, se ela vai fazer curso superior nada contra...

P: por que você diz que é sofrida?

J: não menina você trabalha demais e é muito mal remunerado muito mal vista. Sempre tem o mau e o bom profissional. Você escolhe profissão pra que. Ou pra agradar pai e mãe ou por causa de opção né? Então poderia escolher outra profissão, poderia, mas assim igual eu te falo eu não interfiro, nem em casamento, nem em profissão, pra depois falar assim, ah e queria o branco e a minha mãe me fez casar com preto, eu queria ser professora e fui advogada, não, você quer então...

P: Você não interfere...

J: de jeito nenhum... Tanto que queria fazer o curso técnico... Quer terminar primeiro pra depois prestar vestibular, e ela poder mesma pagar, e sem contar que depois que ela começou a fazer o curso o tanto que ela mudou... Ela mais a Carla são muito ciumentas... E você vê muito sofrimento nas aulas práticas, e você quer ajudar mais e mais... E não sabe nem como...

Neste momento, torna-se evidente a identificação existente no processo de escolha profissional da filha. Apesar de considerar essa profissão “sofrida”, Joana transmite a partir do seu trabalho uma configuração e uma imagem positiva que engloba o sentido que as filhas oferecem a essa atividade. Interligada a este fator, a atividade na área de enfermagem irá oferecer à filha “também” uma liberdade pessoal em relação ao namorado. A profissão

representa a libertação em relação a uma situação que impedia a filha de viver e conhecer outras realidades assim como ela enquanto fora casada.

(...) está amando o curso, precisa ver o tanto que ela mudou do curso pra cá, é outra Carolina. (...) Igual eu falei para ela agora que você vai conhecer lugares diferentes. Por que você não conhecia. Seu mundinho era isso aqui. Agora não, agora você vai pra tantos lugares fazer estágio, você vai ter tantas amizades diferentes, que quando você olhar para trás assim vai falar o tanto de tempo que eu perdi né? Não sei se eu estou correta não, mas (sorri). Depois que eles terminaram ele foi em duas festas. Um no colégio da Carla, um desfile, e na pecuário sexta-feira. O que que ela fez foi com os meninos e a Carla não foi não, dançou a noite inteira . chegou em casa cinco horas da manhã ela tinha serviço cinco e meia. Ai ela foi quando voltou eu falei e ai como foi a festa? Nossa mãe mas eu festei muito, estava muito bom, dancei a noite inteira. Ai eu alfinetei assim: já viu como a sua vida já começou a mudar? Quando você estava com Roberto que que acontecia você ia e não se divertia, ficava sentada a noite inteira, presa por que não podia nem olhar pros lados. Você viu que diferença agora? “E mesmo né”. Eu falo com muito tato pra não poder não espantar né?.

O trabalho (a enfermagem) representa a mudança e a vivência de novas realidades. A descoberta de novas possibilidades em suas vidas (Joana e filha). Novamente o trabalho torna-se núcleo na vida dessas mulheres. O trabalho como fonte geradora de “libertação” e independência.

Um trabalho que paradoxalmente representa uma “alienação” e um aprisionamento diante da vida também se traduz, no caso de Joana como uma fonte geradora de liberdade, forte atributo de qualidade de vida. Liberdade desejada, liberdade construída, liberdade conquistada no transcorrer do processo de viver, como mediadora de sobrevivência e transcendência.

Joana durante as entrevistas não fala da sua história com o marido. Não relata sua vivência, nem tampouco revela saudade ou desejo de estar com ele. O marido não aparece em nada mais. Está bem “morto” em sua psique. Joana se refere ao seu casamento como uma época de submissão e docilidade. Dependia do marido para tudo ("eu nem sabia sair de casa, dependia dele até pra respirar"), mas percebe-se em seu relato que não havia conflito, apenas a condição “alienante” que a mulher assume na sociedade como aborda Fonseca (2000), de dona-de-casa e boa-mãe. Não sofria, não sentia falta como ela mesma diz. Situação contrária a atual e que expressam de forma diferente, sinais de alienação.

Apesar de já possuir a profissão de enfermeira não sentia necessidade de trabalhar, visto que o marido a sustentava e mantinha a família economicamente. Mas ao vivenciar outra realidade Joana não se vê mais nestas condições. Hoje é a mantenedora da casa. Não quer mais voltar a essa condição de passividade, e revela isso principalmente no prazer que tem ao ajudar e se sentir útil e importantes para outras pessoas. O fato de se sentir realizada financeira e profissionalmente faz dela uma mulher que conseguiu se posicionar em sua vida.

Um elemento importante na configuração subjetiva de Joana em relação ao trabalho é, sem dúvida, a questão de gênero, se sentir independente do homem, saber que pode garantir tudo para si mesma e sua família. Isso contrasta com o que foi vivido com ela junto ao marido, e definitivamente prefere a sua vida atual.

J: compensa, tanto que se você perguntar pra mim qual que você prefere hoje ou antigamente eu vou preferir a vida de hoje...

P: é mesmo?

J: por que hoje eu sei buscar as coisas que eu quero, sei lutar pelo que eu quero, sei resolver os problemas todos de casa.

P: quando você era casada não?

J: não, por que você respirava o ar que o marido respirava, dependia dele pra tudo, então....

Joana mais uma vez revela que a morte do marido a fez ir à luta, trabalhar, sustentar-se e sustentar suas filhas. Hoje se sente realizada, importante pra sua família, para a sociedade, visto que sua profissão lhe confere este “direito”. Hoje sabe resolver problemas e lutar pelo que deseja. O movimento de Joana demonstra o movimento de muitas mulheres que foram “forçadas” a voltar para o mercado, seja pelo desejo de se assumirem, seja pela dificuldade financeira que muitas famílias enfrentam e a incapacidade do homem suprir sozinho tais necessidades. Encontrar recursos “individuais”, meios, formas de sobrevivência. Joana antes submissa, dependente economicamente. Joana hoje controla, administra e sustenta financeira e afetivamente sua família. ("na minha família sou a cabeça de tudo").

Joana é ouvida, respeitada, admirada por todos os membros de sua família, seja irmãos, tios e sobrinhos (cuida de um sobrinho e acolheu uma sobrinha temporariamente em casa). O trabalho lhe ofereceu possibilidade de transformação e criação. O trabalho confere a Joana uma “identidade profissional” (Stano, 2001). No início, a mesma se sentiu desafiada pela família que a considerava como incapaz de sobreviver sozinha, após a morte do marido.

J: não sei se seria feliz, mas se você me perguntar assim qual a vida que ce prefere aquela ou essa, eu prefiro essa. Você acha que eu era independente assim tupetuda como eu sou, Meu Deus, ce olhava uma cordeirinha... era submissa... hiiii, então assim o pessoal sofria de pensar que eu ia sofrer entendeu (muda o tom de voz). Sem ele, que eu não ira saber fazer nada. O pessoal se surpreende. Gente eu não acredito que é a mesma pessoa. E eu não acreditava que as pessoas mudassem assim... eu mudei, igual um dia a Carla virou assim pra mim assim mãe se meu pai fosse vivo será que a senhora trabalharia tanto? Na época só tinha dez anos que ele tinha morrido, então já tinha cinco anos isso. Então eu falei pra ela assim o Carla eu não se

te responder com segurança por que, por que tem dez anos e em dez anos muita coisa mudou, de repente a gente nem estava junto (silencio) né?

Joana vivia uma situação de “submissão”. Era dona de casa, não podia trabalhar e só cuidava das crianças, mas mesmo assim não sentia falta de vivência outras questões em suas vida ("mas eu também não sentia falta do trabalho"). Evidência que se apresenta como um dos aspectos da alienação e incapacidade da pessoa para sentir necessidades fora daquilo que a aliena. Hoje também ao contrário das suas experiências passadas, também, não sente necessidade de vivenciar outras possibilidades em sua vida além do trabalho.

Isso me preenche, que é isso aí que eu falo que as vezes ce nem sente falta de nada, por que já ta preenchido, (pelo trabalho) então... ai você chega em casa é tanta coisa pra fazer ou ta muito cansada que você não sente falta de nada. Dormir e pronto. Ai ce vai sentir falta, não vai. Não sei nem se isso é o correto, ou se não é, mas ce você sente bem. Talvez pra outro seja um suplício essa vida minha, não é verdade?.

Paralelo a isso, levanta-se questionamentos que remetem a forma de alienação que Joana vivencia. Como ela mesmo coloca “pra que trabalhar tanto?”. O que leva Joana a manter uma rotina frenética de trabalho e obrigações? Pode-se dizer que a realidade globalizada impulsiona o indivíduo cada vez mais a se “encaixar” neste arsenal competitivo, onde perder algum trabalho significaria também perder aquilo que o dinheiro proporcionaria

(...) por aqui é difícil por que é o que paga melhor, trabalha mais, o dia todo, você faz serviço pra trilhões de pessoas, não é só o seu, carrega tudo nas costas, mas o que pelo menos você recebe um pouquinho melhor. No Cais e no HUGO, ce eu acredito que no Cais e prefeitura a gente é mais valorizado.

As mudanças no contexto empresarial exigem que o trabalhador contemporâneo se adapte rapidamente às exigências do mercado competitivo. A insegurança financeira gerada pela instabilidade que o sistema proporciona. Todo este contexto propicia uma realidade

sentida e vivenciada por ela. Será que Joana não estaria vivendo a mesma situação mantida durante seu casamento, mas, de maneira, claro, inversa? Muda-se o contexto, mas permanece a situação extrema. O trabalho a satisfaz totalmente, não necessita de mais nada, assim como não necessitaria, se estivesse casada e sendo dona-de-casa.

J: os outros falam, mas como é que você não cansa? Lógico que um dia ce ta mais cansada que o outro, mas é igual eu te falei esses minutos que eu durmo já to refeita. Outra pessoa não agüenta dormir esse tantinho que eu durmo. É então... é difícil ate de explicar por que uma pessoa normal não vai nem entender. Será que essa mulher é louca. É igual eu to te falando, pra avaliar, gente pra que trabalhar tanto?

Percebe-se, que hoje Joana sabe transitar entre um universo a outro, e por isso tem o “poder” de escolher o que quer fazer. Talvez seja esse o maior revelador de satisfação e bem estar na vida de Joana, o controle de sua vida, a “liberdade” de ir e vir, o reconhecimento da família, dos amigos, colegas, e chefia. Joana é hoje uma mulher realizada, apesar de toda “alienação” presentes em seu trabalho: da falta de tempo, de lazer, do salário que recebe (R\$ 1500,00) resultante de três trabalhos. Como diz “tem que juntar três pra fazer um mais ou menos”. É compreensível que para Joana não seja, apenas pelo salário que ela se “sujeita” a trabalhar em três lugares diferentes, mas é o salário que lhe permite ser autônoma, independente e provedora do lar.

Cada trabalho a preenche de uma determinada maneira, de forma diferente, que a completa e a seduz (“...tudo é diferente, falando dos trabalhos, apesar de ser a mesma profissão é totalmente deferente, rotina diferente... e trabalhos diferentes. É interessante também né? Acho que talvez seja isso que não deixa a gente cansar tanto.”). Rotinas diferentes de trabalho, mas rotinas controladas a nível de tempo, organização e estabilidade. Nos trabalhos públicos (Cais e HUGO), sente-se mais realizada, pois possui uma maior

liberdade e autonomia (flexibilidade de horário), além da oportunidade de colaborar, de se doar como profissional.

J: eu acho, no sentido o seguinte, lá você pode faltar, você pode adoecer, pode fazer o que você quiser você é a mesma Simone. E aqui não se você chegou atrasada eles já te olham de cara feia não é assim? Se você faltar então meu Deus. Adoecer, pegar atestado jamais. Já estão inventando moda né? Então lá nesse sentido eu acredito que o valor é maior do que aqui e lá também você pode ajudar as pessoas que o que eu mais gosto de fazer, e aqui não. Aqui você ajuda entre aspas dentro daquilo que você tem que fazer e olhe lá... você tem que ter um monte de cuidado no que você está fazendo e isso me incomoda muito porque, igual a Carla fala, mãe mas nem quando a senhora está em casa o povo dá sossego pra senhora. Mas eu sinto bem assim entendeu?

Apesar dos ganhos que possui na empresa (financeiro e de reconhecimento), Joana percebe, com seu senso crítico e questionável o quanto à “máquina industrial” a impede de se arriscar como pessoa solidária. Mas, paradoxalmente, deixar essa empresa, não significa perdas somente financeiras, mas significa perder o poder e o prestígio profissional que possui em relação à família, colegas e chefia. Para Pagés (1987), a perda do poder ou a despersonalização das relações de poder, às vezes, é vivida como uma perda de identidade, acorrentando em insegurança e instabilidade por parte do trabalhador, o que se expressa na vida de Joana.

Neste aspecto, significa perder o controle e a organização de seu relógio biológico, de sua rotina subjetiva. Como lidar com o fato de que sair da empresa, ela irá se confrontar com oito horas em casa, assumindo um papel relegado ao passado? Assumir a Joana dona de casa, mãe e abdicar-se do reconhecimento, estima e prestígio que configuram sua realidade subjetiva e objetiva. Apesar da “insatisfação” com seu trabalho na organização ela se sente

estável e segura em sua atividade. De certa forma se sente protegida, pois sabe de sua competência e profissionalismo.

J: ... Como no HUGO, então é nesse sentido que eu falo que é mais valorizado não sei se é nem valor, o termo correto, aqui lógico que a pessoa te respeita muito, ce pede uma coisa pelo menos tenta, mas não é o que ce tem lá. Lá ... é e aqui não, por que aqui tem mil barreiras né? Então a gente não culpa nem o A nem o B nem o C por que não depende das pessoas também... e sem contar que lá você tem segurança porque é concurso, e aqui não você anoitece e não amanhece, então você fica esperando né até resolver e tenta fazer tudo, né tudo assim tenta conciliar tudo. É e sempre preparada, por que eu penso assim, eu não vim aqui pra ficar, eu to de passagem, que a hora que tiver que sair bola pra frente, vai sentir vai, mas.... Ninguém é eterno ne, então neste sentido eu fico preparada o tempo todo.... Sinto segura no trabalho. Apesar de todas as mudanças que já teve aí eu sempre falo não o que tiver que ser que chegue logo.

O trabalho a preenche, perder um dos trabalhos significa perder o “controle”, e mais que isso, o reconhecimento e a dignidade que o confere. Perder o trabalho sugere perder a sua identidade como mulher, como trabalhadora, pois o sentido que “oferece” ao trabalho representa a liberdade e autonomia antes negada em sua vida, pois era mãe, esposa submissa. Hoje é “administradora” de sua vida, de sua família. E este sentido que o trabalho lhe oferece está interpassado por outras configurações subjetivas, a Joana mãe, mulher, esposa, pelo reconhecimento profissional, pelas amizades e vínculos estabelecidos em sua rotina. E neste aspecto a família “trabalho”, muitas vezes substitui a família consangüínea.

Além do dinamismo, Joana se mostra exigente, responsável com seu trabalho, com sua profissão. É uma mulher envolvida com suas tarefas. Cobra perfeição de si e das pessoas que a rodeiam, seja no Hugo, no Cais na empresa, ou em casa ('...é e todos me perguntam

como me dou conta... Não sei. Todos os lugares que eu estou trabalhando eu trabalho da mesma forma a exigência é a mesma. Tenho a mesma postura"). Isso faz dela uma mulher que não sabe trabalhar com falhas, o que demonstra mais uma vez, o controle que possui de sua vida, de seu trabalho e de seus relacionamentos. Nada pode sair errado e muito menos de seu controle. Ela não se omite, sua assertividade faz dela uma mulher de firmeza, posicionamento e segurança.

Ao observar o padrão que Joana mantém, pode-se inferir que para conseguir coordenar “tão bem” sua vida, ela necessita ter tudo sob controle. Ela não pode “despencar”, como ela mesma observa. Se despencar não conseguirá mais manter tudo funcionando com “perfeição”. Joana não “relaxa”, está sempre coordenando e administrando sua vida e de suas filhas. Todas as áreas de sua vida são organizadas e funcionando de acordo com a determinação do seu ritmo.

P: parece que você se cobra muito não?

J: acaba cobrando né, por que não tem como, não tem como...

P: por que parece que tudo muito certo na sua vida...

J: (pausa), mas dá impressão Simone, de que não for assim não funciona, se você deixar despencar de um lado ai pronto, não funciona você não consegue erguer mais...

Você tem que evitar né?

P: mas já despencou alguma vez?

J: não nunca...: nesse nível... E vai embora...

P: e não cansa não Joana...

J: eu nem sei te falar se cansa... Quando você pega aquele pique você vai e não sei ser diferente... Tanto que as meninas do cais sabem que quando elas chegam está tudo organizado, arranjado e se eu não for... E tipo assim já ficam tranqüila...

P: você acaba segurando as pontas...

J: as pontas, quando vejo já tomo conta...

Joana defende seu trabalho, exige, aponta, coloca-se, cobra e acima de tudo, briga pelos pacientes. Sua realização está no ajudar. Se for necessário, enfrenta médico, patrão, colegas etc. ("eu vejo, tem dia que quando eu vejo estou brigando com os médicos. Eles fazem bobagem, eu fico, falo gente você vão ter que prestar conta com Deus e aí?") Isso faz dela uma mulher extremamente respeitada em todos os ambientes em que trabalha.

J: (...) E você tem que brigar, tem que brigar pelo paciente, eu brigo, quando eu vejo já estou brigando, você nem vê, eu tenho colegas que dizem "ah brigar, nossa você briga demais por uma coisa que não tem nada a ver", eu falo é claro que tem é minha profissão... presta atenção, eu fiz uma opção, eu vou ficar omissa pra quê? Então...

Mesmo com tanto trabalho, Joana ainda sente que poderia ajudar mais. Não consegue ficar sem colaborar, ser solidária. ("sinto cansaço quando não posso ajudar as pessoas; me realizo trabalhando e sendo útil; sinto que às vezes poderia ajudar mais; posso ser mais útil"). Interessante o quanto Joana expressa em seu discurso a necessidade que possui de ser mais útil, apesar de realizar tantos trabalhos que fazem dela uma mulher extremamente útil e "dinâmica". É importante preencher pelo trabalho as "lacunas" que poderiam vir a existir como por exemplo a presença de uma figura masculina em sua vida. Não tem relacionamento com nenhum homem. Não existe nenhuma figura masculina em sua vida neste momento. O trabalho a abastece de uma maneira que não há espaço para figura de um homem.

P: não dá vontade de sair, namorar?

J: não, por que toda vida eu fui muito caseira, não fui de ficar saindo. Tanto faz eu estar trabalhando como não...

P: não te incomoda.

J: não, eu to em casa sempre.

P: você não sente falta de um namorado, de festas.

J: não (fala com muita segurança). As vezes você sente falta de alguém pra conversar ne, mas isso é raro também.

P: namorado mesmo?

J: não, (faz um barulho de negação com a boca). Acho que eu sou é anormal, não é normal mais não (sorri), ou então os outros é que são anormais... (risadas)

A figura de um homem na vida de Joana poderia representar o temor de retornar ao passado e a uma vida de submissão e “passividade”. Significaria perder o controle da situação, o controle de sua vida, visto que somente a partir da morte do marido (da inexistência de uma figura masculina) que Joana foi “capaz” de se realizar profissionalmente e administrar sua vida e de sua família. (“(..) pode ser que você sente falta, ficar só é horrível, você olha e pensa poderia ser eu também, mas ta muito complicado relacionamento, de repente você vai complicar mais a vida do que...”). Complicar a vida pra Joana significaria se deixar “despencar” e ela não permite realizar este movimento. Joana tem “medo” de qualquer “homem”, que possa lhe tirar o controle e o poder que possui em sua vida, seja um homem como parceiro, seja simplesmente um “filho” homem. Percebe-se que Joana sente em alguns momentos necessidade de estar com um homem, contudo se defende racionalmente de um relacionamento por medo de se arriscar e perder a autonomia e independência que possui. O que pode apontar aspectos negativos na configuração subjetiva dessa mulher.

O fato de ter duas filhas e a facilidade com que controla e administra suas vidas (a dependência que as filhas têm dela), leva-a a refletir sobre a impossibilidade de ter tido um filho homem. Mais uma vez, a figura masculina poderia “desorganizar” sua vida tão cronometricamente organizada. Ter filho homem significaria tirar o sossego e a paz. Ter namorado significaria tirar o sossego e a paz. Resumindo melhor, nenhum sinal de homem.

P: e elas não te cobram?

J: (...) eu fico imaginando graças a Deus ne, imagine se fossem filhos diferentes, daqueles que cobrassem e exigisse eu ia ficar assim ... (faz um movimento com a cabeça e a boca). Ontem eu estava comentando com as meninas Deus abençoou por que eu nunca tive vontade de ter filho homem...

P: você nunca quis?

J: não eu tinha medo, sempre vejo o homem mais trabalhoso, embora eu nunca tive filho homem pra avaliar, e que não tem nada a ver. Quando tem que ser custoso, minha filha pode ser homem, pode ser mulher é custoso. São terríveis, não sei por que que eu tinha isso na cabeça. Nunca tive vontade...

P: é a sua experiência é essa e deu certo...

J: ... é podia ameaça minha segurança. Se tivesse tido outro filho homem, eu não ia ter a paz que eu tenho. De repente ia ser do mesmo jeito das meninas, mas na minha cabeça não. Eu penso que o homem ia me dar muito mais trabalho. Não ia ter sossego igual eu tenho...

P: eu entendo...

J: tanto que se eu tiver... elas são assim oh, igual hoje, eu sai de casa cedo, só vou chegar.... amanhã é quinta, amanhã eu to no Hugo, só vou chegar sexta à noite. Vou pro Cais, venho pra cá, vou pro Hugo, venho pra cá, depois que eu vou pra casa.

P: não dá tempo de ir em casa?

Joana freqüenta há muitos anos uma igreja evangélica denominada Assembléia de Deus, freqüentando sempre que possível. Em seu diálogo, nota-se o quanto à fé lhe proporciona condições de se assumir perante a vida, servindo como atributo positivo frente às configurações que construiu ao longo de sua vida. Joana através da fé se apresenta como uma mulher segura, confiante e que transmite as suas filhas esses sentidos positivos.

P: Você põe Ele sempre em primeiro lugar?

S: Sempre em primeiro lugar, igual fosse assim, quando eu saia para trabalhar, assim que elas eram muito pequenas, eu sempre ensinava pra elas, (...) não tem medo! A Carla sempre foi mais medrosa, né? E eu sempre ensinava pra elas, oh! Não tem que ter medo, fecha a casa direitinho, não abre o portão e a porta pra ninguém, a não ser que você conhecem, que a pessoa se identifique, vocês sabem realmente que é aquela pessoa, ora entregue a Deus e vão dormir em paz, porque quem cuida da gente! É Deus. Se agente não tiver Deus, eu posso estar aqui, o pai de vocês poderia estar, porque se tivesse de acontecer as coisas, ia acontecer, mas quem tem Deus...

P: Você passou essa segurança pra elas?

S: Eu sempre passei essa segurança pra elas, tanto que as meninas dos plantões, João não sei como, porque a agente não vê você ligar lá na sua casa, agente não vê você preocupada. Gente é porque eu confio em Deus, então eu entrego pra Ele, Oh! Senhor não são minhas, são suas, ta comigo emprestadas, né? O Senhor é quem vai tomar conta, sei que vai proteger, pronto, fico tranqüila. (...) Fico mesmo, fico tranqüila, que eu não preocupo.... Porque não adianta eu fala , ah Deus vai olhar, e ficar assim, será que Deus esta olhando.

De forma, geral no caso de Joana, podemos perceber que o trabalho, embora alienante, pela absorção de todo o seu tempo e, conseqüentemente, por excluir outras dimensões em sua vida, lhe permite construir um “espaço social” e produzir um sentido subjetivo em relação aos outros e a si mesma que a mantém contente e motivada frente à forte carga laboral que perpassa seu cotidiano. A alienação que já experimentou em seu casamento, associada à dependência financeira e a sua condição de mulher se revela bem pior do que a alienação laboral, atual, que mesmo “diminuindo” seu tempo em relação as suas filhas, ao lazer etc, permite-lhe sentir sujeito e mantenedora de si mesma. Percebe-se, que apesar da “alienação”, configurações positivas são percebidas em relação ao trabalho e à vida de Joana.

Vilmair

Foram realizados três encontros com Vilmair, todos dentro da empresa Pégasus na qual o mesmo trabalha. A partir do primeiro encontro foi possível levantar indicadores que nortearam as próximas entrevistas, focalizadas em torno do trabalho, dos amigos e da família.

Vilmair tem 50 anos, é casado há 20 anos e pai de dois filhos (um legítimo e o outro legitimado). Possui o segundo grau completo. O mesmo é aposentado há aproximadamente 7 anos, mas “optou” em continuar a trabalhar. Está há 30 anos trabalhando na Pégasus. Começou na organização, quando ainda era uma pequena empresa, exercendo por 20 anos a função de motorista de ônibus, e atualmente exerce o cargo de motorista interno, realizando tarefas burocráticas e administrativas. Essa função também exige que o mesmo enfrente diariamente o trânsito de Goiânia. E apesar de ser uma atividade que agrega um alto nível de estresse, Vilmair considera comum o cansaço que sente ao final do dia, e se refere a ele como fator característico a toda profissão:

V: É, não, não é o transito, toda pessoa que tem seu serviço, tem um dia que você cansa mais, não sei porque.

P: E mesmo?

V: É você pode trabalhar de servente tem um dia que você cansa mais, motorista tem um dia que cansa mais, domestica tem um dia que ela vai cansar mais.

P: E tem um dia certo, ou depende da situação em que você está vivendo, você já parou pra pensar nisso?

V: Não, não. Não tem um dia assim puxado mesmo, você cansa mais e porque esta com problemas, assim se você tem um dia muito puxado não da nem tempo pra pensar no problema seu.

Para Vilmair ter um dia mais corrido, ou menos corrido irá depender da demanda interna da empresa, fato que não lhe incomoda, visto que já se acostumou com a rotina que seu trabalho lhe proporciona, contribuindo até mesmo com o esquecimento dos seus problemas. Podemos perceber que este trabalho para Vilmair não lhe causa insatisfação, ao contrário se sente útil e realizado, demonstrando uma subjetivação positiva em relação ao trabalho e a sua vida (“Me realizo trabalhando”).

Esse trabalho representa poder e prestígio para Vilmair e implica uma autonomia como sujeito e produtor de sua vida. (“Eu sinto que meu trabalho me oferece: reconhecimento de aprender mais”). O poder conforme Pagés (1987), revela-se mais uma vez como fator de motivação e alienação. Para Patrício (1999), o trabalho se torna importante para o trabalhador, quando é gerador de realização pessoal, seja pelo prazer pelo ofício que desenvolve, seja pelo que este promove diretamente através da atividade em si ou pelo que proporciona. O trabalho, também, segundo a autora é fonte de atendimento das necessidades, No caso de Vilmair, o trabalho lhe proporciona condições de aprender, de se relacionar com outras pessoas, de poder sonhar em fazer um curso superior (“tenho que fazer um curso que eu gosto, e eu gosto é de engenharia, quero mexer com povão”) e de suprir sua família, visto que é o único que trabalha em sua casa, além de ter possibilitado a construção de sua própria casa (sua maior realização).

O sentido que Vilmair dá ao trabalho vai além do ganho financeiro. Os 30 anos de empresa e as funções desempenhadas lhe possibilitaram construir uma rede de amizade dentro e fora da empresa, adquirir prestígio e ficar conhecido na cidade, contribuindo com sua sobrevivência, fator este gerador de configurações positivas em relação ao trabalho e também gerador de momentos de prazer e satisfação além do ambiente familiar, que neste momento revela características negativas.

V: (...)... Você sabe porque eu nunca fui assaltado? Porque assim ó, eu, eu eles me conhecem demais, o pessoal aqui em Goiânia me conhece demais. Todo mundo, os bandidos, todo mundo, todo mundo conhecem, aí eu... inclusive bandido.() ... Não até hoje, eles falam pra mim que o dia que a gente for pegar você pra fazer alguma coisa tem ser num lugar muito deserto ou onde não tem muita gente, porque todo mundo te conhece.

P: Quer dizer que você tem muito amigos Vilmair?

V: Demais, em toda vila eles me conhece Simone, toda vila, essas vilas antigas tudo eles me conhecem, é Redenção, Vila Brasília, Criméia Leste.

Esse universo de amigos torna o trabalho de Vilmair um meio de socialização, poder e estabelecimento de vínculos, que se perpetuam através do exercício laboral. Essa rede de relações fortalece a configuração positiva que Vilmair possui do trabalho, elucidando um recurso segundo González Rey (2003) e Patrício (1998) que mantém os elos de ligação entre trabalhador e empresa, contribuindo com a permanência do trabalhador em sua função, o que vem a ser confirmado através do tempo que Vilmair tem de Pégasus. Esta empresa permite a Vilmair construir seu “*território existencial*” defendido por Guattari (1996), construindo ambiente de trabalho uma fonte de existência, realização e identidade.

Vilmair se sente realizado no trabalho (“Sinto que meu trabalho é bom, não é complicado...”); e expressa afeto e admiração ao ser questionado sobre a empresa (“A empresa é uma excelente empresa, gosto dela”), contudo tem consciência da relação de troca que deve existir entre ambas, e assim se sente provido dos recursos necessários à troca força de trabalho versus capital. Sabe que sua dedicação e empenho são reconhecidos através dos anos de empresa, da amizade que tem com os patrões e das contribuições que oferece, mas sobretudo pela energia investida no exercício laboral:

V: Não! Eu não atrapalho, eu sempre procuro fazer as minhas obrigações, você tem que fazer. Venho contribuindo, porque se não, você sabe que não fica não, a empresa nenhum fica com você.

O trabalho para Vilmair é fator de criação e produção. O trabalho se apresenta neste caso também como “*ergon*” (Patrício, 1998), representando criação, transformação e obra de arte. Vilmair se percebe forte, poderoso, características presentes em todas as áreas de sua vida. denomina a si mesmo de “o protetor”, o “*Salvador da Pátria*”, aquele que cuida, que protege e investe dedicação para família e o trabalho. Gosta do seu trabalho, de suas atividades e expressa isto com satisfação:

V: não Simone você tem que fazer aquilo que gosta, tem que fazer o que gosta, se você não fizer o que não gosta, não presta, não tem nada que presta, você concorda comigo? é a mesma coisa da cozinheira; um caboclo pegou 3 cozinheiras e chamou elas pra fazer um frango, cada uma fez um frango, um fez um frango que era uma porcaria, resultado ela não gostava de cozinhar e não gostava de frango, (risos); a outras fez um frango que não tava lá essas coisas, mas dava pra comer, resultado: ela gostava de cozinhar, mas não gostava de frango, a 3 fez um frango ho (movimento com a mão na orelha), fiozinho de ouro, que que acontece, ela gostava de frango e gostava de cozinhar, assim é com o que você faz...

Através desta metáfora fica evidente o quanto Vilmair gosta do que faz, da empresa, e isto implica em realizar com empenho e dedicação suas atividades.

Vilmair é aposentado, e mesmo assim quis continuar suas atividades profissionais (se aposentou na Pégasus e se manteve trabalhando nela), o que demonstra que muitos trabalhadores permanecem no “habitat organizacional”, após a aposentadoria. Para ele parar de trabalhar, é sinônimo de adoecimento, não atribuindo à aposentadoria oportunidade de realizar outras atividades. “Ficar sem fazer nada” pra ele significa não trabalhar ou não

estudar (se não for o trabalho a pessoa tem que estudar). O tempo representando como o tempo da utilidade e do “tempo é dinheiro” inseridos na subjetividade social do trabalhador. Indicador este de alienação do trabalhador, pois o homem só se torna interessante ao sistema enquanto produtor de capital (dinheiro). Não existe a idéia de tempo livre com objetivo de desenvolver ou cultivar outros aspectos da vida da pessoa, até mesmo pelo do sujeito não ter desenvolvido outros interesses durante sua vida, limitando-se ao tempo do trabalho. O que se observa é que esta alienação oculta a percepção da pessoa dominando o sentido da vida.

Stano (2001) aborda que através do exercício e da práxis no trabalho o indivíduo constrói sua “identidade profissional” e a aposentadoria viria a representar o afastamento do sujeito de um espaço que lhe conferia um perfil ou uma identidade profissional, e esse afastar pode forjar um não-sujeito do mundo produtivo. A aposentadoria para Vilmair representou neste caso a oportunidade de melhorar sua situação financeira, considerando-a como uma premiação por tantos anos de trabalho e dedicação, não lhe atribuindo nenhuma conotação de perda, declínio ou impotência como propaga o sistema capitalista, negando-lhe qualquer possibilidade parar de trabalhar.

P: você resolveu, mesmo depois de aposentar resolveu trabalhar? Você achou que ainda não era hora de parar?

V: não Simone, não pára, quem começa trabalhar não pode. Se você parar você adoce, não pode, não dá, eu não dou conta... não, nunca fico parado, não dou conta, eu tenho que trabalhar, nem que seja de qualquer coisa... Você já pensou ficar parado assim... Ficar parado sem fazer nada, não dá pra ficar...

P: mas você pode fazer outras coisas (a pesquisadora quis questioná-lo).

V: não, mas se você não trabalha de motorista tem que trabalhar de outras coisas.

Vilmair não se percebe sem o trabalho. Ficar sem trabalhar significaria para ele a perda do prestígio que possui, e o vínculo de amizade que estabeleceu ao longo de sua vida

profissional. O que pode representar rupturas com a vida social até então estabelecidas, fazendo-o se sentir como inútil, com perdas do “status profissional”. Portanto para Vilmair ficar sem trabalhar representa realmente o adoecimento psicológico.

Stano (2001), Antunes (1999) ainda ressalta que a sociedade capitalista prepara o indivíduo para o trabalho e não para o ócio. O trabalho ocupa na vida do sujeito a possibilidade de socialização, que em outros períodos eram ocupados pela família e a “instituição religiosa”. Assim ao se aposentarem, os indivíduos temem o ócio porque não foram preparados para ele e nem conviveram com ele durante toda sua vida. A representação social de que ao aposentar, não se faz nada, faz parte da subjetividade social do capitalismo. Vilmair começou a trabalhar cedo. Desde os 13 anos de idade atua no mercado como força de trabalho. É compreensível o fato de Vilmair não se ver desprovido do trabalho. Como se assumir desprovido de recursos que o façam se sentir “livre, autônomo e produtor de sua vida”, visto que o trabalho lhe possibilita esta configuração?

Foi necessário que Vilmair voltasse a estudar para permanecer no trabalho. Nota-se que no mercado atual o nível de escolaridade é requisito imprescindível para que o funcionário permaneça no emprego. (“Simone graças a Deus eu fiz o meu primeiro e o meu segundo... terminei porque senão não dava, eles tinham me mandado embora... no meu cargo aqui precisa...”). Silva (1996) aponta que além da adaptação rápida do trabalhador às mudanças organizacionais, ele necessita de uma capacidade técnico-escolar. Vilmair trabalha em uma empresa que recentemente se associou a outra empresa criando uma única organização, situação que gerou insegurança e instabilidade, visto que muitos trabalhadores foram demitidos ou tiveram que de forma rápida obter qualificação necessária às exigências da empresa.

Vilmair começou a trabalhar cedo. Orgulha de si mesmo (“Me orgulho de mim mesmo”), de tudo que conseguiu realizar, da capacidade de prover sua família e de ter

construído sua casa. Para ele sua maior realização, e ao falar da casa percebe-se orgulhoso e vitorioso desta conquista (“é... olha que eu fiz milagres, construí, não terminei tudo não, mas não é das ruínas. Fui construindo, fui até rápido, eu fiz aquela casa lá em dois meses, rapidão”). Atribui a construção desta casa ao fato de ter se aposentado e continuado trabalhando, o que lhe possibilitou o aumento de sua renda.

A aposentadoria, portanto neste caso, é significada como possibilidade de garantir um salário maior e assim conseguir realizar o sonho de ter uma casa própria. O trabalho também é percebido como fonte geradora de prazer e recursos materiais, proporcionando qualidade de vida para Vilmair.

P: e hoje você recebe salário ou salário e aposentadoria?

V: salário e aposentadoria...os dois. Simone se não fosse assim não dava não. Não dava para ter construído...

P: você tem casa própria hoje ?

V: hoje eu tenho, por que eu aposentei e... ainda bem que os acertos pra trás, eu gastei o dinheiro tudo a toa ne que eu devia era ter uma duas casas...

Mesmo alienando, o trabalhador não encontra outra opção de desfrutar a vida que não seja trabalhando e este pode desenvolver sentidos subjetivos que fazem parte de sua identidade e do seu bem estar. Neste aspecto, uma análise psicológica é essencial para valorizar o sentido diferenciado e singular do trabalho nas diferentes pessoas, e conseqüentemente não padronizar o fenômeno da alienação e suas conseqüências, o que poderá nos levar a uma análise superficial e falsa deste fenômeno.

Vilmair fala da empresa como parceira e amiga no percurso para adquirir condições para comprar a casa. A empresa emprestou-lhe dinheiro para comprar o lote e parcelou para que pudesse pagar, oferecendo oportunidade de melhoria em sua vida e lhe proporcionando reconhecimento, o que demonstra a existência de uma forte identificação com a empresa,

considerando-a uma extensão de si mesmo, visto oferecer condições para construção de uma casa, o que simboliza a própria extensão do ser. A empresa aparece mais uma vez como representação da família.

V: ajudou... (ênfase). Você acha Simone no mundão de hoje se não tiver uma mão amiga pra te empurrar...

P: e a empresa fez isso pôr você?

V: fez... seu João me ajudou muito, inclusive a pagar o lote, a prestação do lote era um carro bão, era 320, e olha que tem uns 4 anos era 320 reais, você não tem 320 todo mês...: não seu João é fazia uns valinho, eu pagava, só que eu pagava ele, não era de graça não eu pagava, eu pagava, era porque não tinha...

Mesmo depois de ter trabalhado 20 anos como motorista de ônibus, Vilmair não vê como desgastante sua profissão e fala com entusiasmo e empolgação desse tempo, recorrendo à memória como meio de resgatar sua história, sua identidade. Conta de forma heróica como eram difíceis os tempos que dirigia ônibus da empresa, atributos que o “tornam” capacitado e orgulhoso de si mesmo e que agregam aspectos positivos à constituição subjetiva do trabalho. O tempo, assim se constitui como veículo portador de sentidos que imprime as experiências e a vida vivida num contorno que singulariza o sujeito.

V: Era diferente de agora, porque você fazia o teste, você tinha que treinar, com o ônibus cheio de gente, fazendo linha, fazendo linha, não era vazio não, não era vazio, era fazendo linha, na época era fazendo linha.

V: Não! O pessoal faz o teste, aí, era muito difícil, olha se for, se for, empregar um teste daquela época hoje, praticamente não ia passar ninguém (risos) você entendeu? Praticamente não ia passar ninguém, o que acontece é isso. Porque hoje é muito fácil, hoje não tem exame de motor, não tem, hoje é exame de volante só.

P: Só volante né? O Marcos ensina?

V: E o Marcos ensina o cara, só isso hoje em dia, não naquela época, você tinha que conhecer peça, você tinha que conhecer tudo, né? Naquela época você tinha que conhecer tudo, você ia pra linha, tinha teste de linha, esse que eu to falando, você dirigir, com o passageiro, você tava lá e o elemento, dirigindo o passageiro, o aí, aí vê como é que era.

A partir dos pressupostos de González Rey (1997) acerca da dialética sujeito – mundo, acredita-se que essas memórias são carregadas de conteúdo sociais e históricos e que, ao serem relatadas geram novos sentidos e significados para os próprios sujeitos e para seu grupo social (no caso profissional) e familiar. Esse processo contínuo de geração de sentidos e significados permite falar do desenvolvimento constante dos sujeitos e da sociedade.

Vilmair em todas as entrevistas realizadas recorre ao passado para explicar sua vida e para resolver seus problemas atuais e, assim, passado, presente e futuro se configuram dentro de um sentido que se torna evidente apenas em sua história. Vilmair ao explicar a relação com a esposa recorre ao passado novamente para relatar uma história de amor que teve com uma jovem e a partir disto irá construir mecanismo para explicar seu posicionamento diante do caso. Para Stano (2001) é no movimento do que se foi, do que se viveu que é possível constituir o que será.

V: Não, se eu for te contar uma historia para você. Tem uma menina que ela, que ela pegou e namorava comigo, ela falou olha Vilmair, ninguém trai o outro, o dia que precisar terminar, que agente cansar um do outro, agente chega e fala. E eu namorei muito tempo com ela, ai ela chegou em mim um dia e falou, essa doeu, essa foi doida... Foi, essa foi difícil, demorei pra esquecer, demorou quase um ano. Quase um ano, sabe o que que é, agente ia em festa no Jaó, agente ia em muitos lugares.... Eu estava ate acostumando com ela já... E depois ela chegou e deu o fora ne, ai essa foi muito difícil, ai quando é a primeira vez você sofre mais, das outra segunda... Nossa

eu lembro que um dia eu achava que ia morrer uai..., por incrível que pareça eu casei com a Solange, ela voltou pra mim, e ela queria que eu namorasse com ela, eu falei não, não posso, agora eu não posso mais, acabou....: A não volta não, eu acho que o trem acontece uma vez só, não acontece a segunda vez. Eu fico olhando assim, eu falo é esse trem se ela voltar, eu fico pensando assim, eu falo assim ela vai ate me agredir, serio, se ela retornar voltar e não dar certo, eu falei a Mirian o jeito que ela é, ela vai querer me agredir eu acho. Quando eu falo pra ela que não quero nada com ela se ela voltar, ela vai me agredir.

Vilmair possui um papel importante na sua família: “Na minha família sou eu que resolvo todo tipo de problema”. A partir desta afirmação podemos perceber o que ele representa neste contexto. O mesmo é quem supre financeiramente e “emocionalmente” a família, indicador observado na relação que mantém com a mesma após 20 anos de um casamento conturbado e repleto de conflitos e instabilidade. “Não, o meu relacionamento com a minha família é ótimo, você entendeu? É ótimo. Ai assim, agora com a Solange , com a Solange já é complicada, já é aquela pessoa complicada, que você sabe, não sei se você já chegou acompanhar”. Esta “zona de sentido” integra a representação que Vilmair faz de si mesmo, o protetor e “mantenedor” da sua casa e da sua esposa, dentro de uma subjetividade social configurada na tradicional figura de “pai de família”, enquanto a mulher cuida da casa e dos afazeres domésticos.

A segunda entrevista do Vilmair continuou em torno da família e principalmente da esposa, expressando em sua fala o desejo de ter um bom relacionamento com a esposa (“Naquele dia eu fiz ate uma fantasia com você que me dava bem, mas na realidade, não é aquilo que eu falei, você entendeu?”). A mesma está decidida a se separar e obter a parte dela nos bens, os quais se resumem na casa que construiu com tanto “sacrifício”. Ao ouvir a história de Vilmair com essa mulher percebe-se como os dois nunca se entenderam. Vilmair

não quer se separar e em seu discurso percebe que o mesmo atribui à esposa uma incapacidade para se manter sozinha após a separação, e demonstra passividade diante das atitudes da mesma:

Ai ela separa, e aí se ela separar eu não posso fazer nada, ai eu vou deixar para ela, o que ela fizer eu assino, mas assim pra ela não falar, amanhã ou depois que eu fui o culpado de eu não cuidar dela, ai eu vou falar, não você deu entrada e eu só fiz assina.

Ele e a esposa dormem em camas separadas e praticamente não estabelecem nenhum diálogo. Vilmair é passivo diante da mesma, justifica-a, compreende-a e explica suas atitudes. Relata à pesquisadora que veio ao mundo para salvá-la e protegê-la (Vilmair a socorreu quando a mesma tinha sido expulsa de casa com uma criança). Perder a esposa significa também perder o que conquistou ao longo de sua vida (uma casa que o faz se sentir realizado). Alivia a si mesmo pela falta de afeto por parte da esposa, relatando os problemas emocionais da mesma. Sente-se abandonado e sozinho no relacionamento conjugal.

V: Ela justifica que ela nunca gostou de mim, não gosta de mim. Sabe o que ela fala Simone é isso, ai eu falei eu não sou doce pra você gostar de mim. Ela não gosta de mim não, mas se ela ver eu com qualquer pessoa ela roda a baiana. (Pausa). Ai eu falei, mais você não gosta de mim, mais briga, você entendeu? Ai é daquele jeito assim ó, você já viu cachorro quando ele não quer o osso, quando ele ta cheio, ele enterra o osso, ele não quer comer o osso, mais não quer deixar o outro cachorro comer?

O entrevistado se denomina como uma pessoa de “palavra”, (“se fala uma coisa tem que fazer”) segundo suas colocações e não pensa em voltar atrás se a esposa o deixar, preferindo deixar as coisas acontecerem e, mesmo sabendo do “desequilíbrio” da mesma, irá atender seu desejo. A empresa, segundo Vilmair o apóia em relação a esse problema, ajudando-o a internar a esposa e lhe dando conselhos para abandoná-la. Mais uma vez a

família-empresa se mistura à família-consangüínea. O relacionamento de Vilmair “inspira” um filme americano onde o mesmo é o protagonista, e mártir do cônjuge, preso de forma doentia nesta relação (por que não, uma expressão de alienação?).

Vilmair é uma pessoa respeitada em Goiânia, conhecido em vários bairros da cidade, mas não consegue ser respeitado pela própria esposa, que o xinga, maltrata-o, e ele continua a manter uma atitude de calma e serenidade. Pode-se dizer que o relacionamento de Vilmair se encontra adoecido, (“é a mesma coisa de homem e mulher que casa com uma pessoa e vive sem gostar pro resto da vida, fica adoecendo, mas não larga... tem muita gente assim...”), Vilmair fala “dessas pessoas”, mas não se conscientiza da sua condição, da falta de carinho e de afeto por parte da esposa. Em alguns momentos do seu relato, Vilmair se assemelha à figura de um pai em relação à esposa.

Além da esposa, Vilmair tem um bom relacionamento com os filhos (que preferem ficar com ele) e com a família de origem (com o pai e irmãos, perdeu a mãe há dois anos, fato ainda que o deixa pesaroso e cheio de saudades, como afirma). Já com a esposa, Vilmair não se relaciona bem e vive um casamento onde não há diálogo e se mantém apoiado em “sentimentos” não percebidos pelo casal como ciúme, dependência e perdas.

Apesar do complicado relacionamento que mantém com a esposa (que segundo ele é muito difícil de lidar), Vilmair se reconhece feliz, ou seja em harmonia com o que é e com a história que construiu. (“sou feliz do jeito que sou”). Fala da criação que teve, e da diferença dos valores na educação dos filhos. Demonstrou durante as entrevistas prazer e satisfação pela história construída e os objetivos alcançados ao longo de sua vida. (“Sonhos: estão quase todos realizados”).

Para Vilmair, o que falta agora é adquirir um carro, que segundo ele irá conseguir em pouco tempo (“preciso comprar um carro; sinto que estou quase conseguindo”). Configura bem sua vida familiar (obteve um suporte satisfatória dos pais), seu trabalho e seu lazer.

Interessante como ele consegue construir “mecanismos”, que se revelam de forma evidente na maneira como conduz sua vida, apresentando confiança em si mesmo e em sua capacidade de realização.

Vilmair é aparentemente tranquilo, possui gestos suaves e compassados que acompanham e se harmonizam com o ritmo e tom de sua voz. Os nossos encontros sempre aconteciam ao final do expediente, quando o mesmo voltava dos serviços de “rua”, e do trânsito agitado de Goiânia. Apesar deste agravante, o mesmo recebia a pesquisadora com alegria e entusiasmo, falando de sua história de vida, de seus trabalhos e objetivos. De maneira curiosa questionava sobre a utilização das entrevistas e do interesse em conhecer a finalização do trabalho. Vilmair tem um “*estilo de vida*” que impressiona pelo fato de afirmar sua identidade singular nos diversos contextos em que se expressa e se posiciona.

Vilmair tem um bom relacionamento com todos os chefes da empresa e fala com admiração da postura do seu supervisor atual, o que contribui para uma configuração positiva em relação à empresa (“sinto que eu e meu chefe/gerente se damos super bem; eu percebo que meu chefe gosta dos seus funcionários”), confirmado González Rey (2003) e Patrício (1998).

V: Eram todos bons, todos eles, aqui os diretores são, todos as pessoas aqui são bons.

Eu gosto, aqui não tem ninguém que eu não gosto, inclusive não tenho nem inimigo aqui, aqui dentro da empresa eu não tenho? Gostei, gosto do pessoal, turma boa.

P: Você não pensa em sair da empresa?

V: Não, até quando me quiserem eu estou aqui. Quando não me quiserem, eu vou embora, mais quando eu for embora, não é porque não tão me querendo que eu vou por na justiça, eu não sou, eu não esqueço o que a pessoa faz pra mim nunca, jamais.

P: E a empresa já fez muito por você?

V: Já fez muita coisa boa pra mim, por isso eu não esqueço, aí eu passo sair, pode me mandar embora, amanhã.

A questão da saúde está muito presente nos relatos de Vilma, pois a felicidade para ele se subjetiva em ter saúde. Vilma perdeu a mãe recentemente, o pai é uma pessoa debilitada que necessita de cuidados, sua esposa está “fraca” (palavras do entrevistado), e ao se aposentar e se deparar com problemas relacionados à velhice, Vilma almeja saúde e tranquilidade. Saúde está relacionada também à esposa, que o deixa intranquilo e preocupado, impossibilitando-lhe o bem-estar geral em sua vida.

A vida é boa se estiver com saúde (a saúde é tudo na vida).

A felicidade é a pessoa não estar doente, estar em harmonia com a vida. (A esposa não apresenta este quadro).

A alegria de estar com saúde.

É importante enfatizar que Vilma deseja não somente a saúde física, mas também tem necessidade de harmonizar com sua esposa. A saúde no olhar holístico diz respeito às possibilidades de satisfação do ser humano nas suas necessidades de ter, ser, fazer e estar. A saúde não pode ser vista somente como ausência de doença, porque o sujeito pode estar doente, mas ter uma qualidade de vida que lhe permita superar essa realidade. (Patrício, 1998).

Vilma configura de maneira positiva o trabalho e as *relações* que estabelece consigo mesmo e com os colegas, com a chefia e com as pessoas com quem habitualmente trabalha, constituindo um sentido que elucida configurações positivas em relação a sua qualidade de vida. Vilma não se sente prejudicado ou irritado com o trabalho, (“Se não gostar, você adoce”), ao contrário se “alimenta-se” deste trabalho com sabedoria e satisfação.

O trabalho é um recurso seguro, reconhecido socialmente, e que permite a criação de um espaço onde a subjetividade social e individual se tornam evidente (González Rey, 1999).

O trabalho: aceito socialmente. Espaço que se delimita na subjetividade de Vilma ao configurar de maneira singular e positiva o sentido do trabalho em sua vida, demonstrando que o sentido da qualidade de vida é nutrida por diversas fontes das quais o sujeito atua, interage e se posiciona (*estilo de vida*).

Vilma se realiza, trabalhando. Mas apesar do trabalho mantém uma rotina que lhe permita descansar e relaxar (“sinto cansaço, procuro repousar”; o lazer todos têm que ter pra distrair”), lidando de maneira positiva com seu tempo e com horário de trabalho, mesmo não tendo hora certa pra sair da empresa (“meu horário: gosto do meu horário”), o que reforça uma certa alienação quanto ao tempo laboral. Para Vilma seu tempo vale ouro (“O tempo vale ouro pra todo mundo”), frase que reforça a necessidade do tempo ser utilizado de forma útil, aproveitada de acordo com “relógio organizacional” como defende Silva (2002).

A percepção que Vilma tem do seu dinheiro (“o dinheiro não é suficiente, mas dá”), é positiva, o que demonstra que sua relação com o trabalho não está focada apenas na remuneração, pois o exercício do seu trabalho se constitui de realização, autonomia, prestígio e aprendizado. O que pode ser percebido como uma subjetividade marcada pela autenticidade.

Percebe-se de forma geral no caso de Vilma o quanto as configurações subjetivas em relação ao trabalho expressam seu bem-estar e sua satisfação pela vida. É um homem que possui um *estilo de vida* apropriado a sua condição simbólica. Sente-se realizado e feliz quanto à vida e às conquistas realizadas. O fato de se aposentar não o redimiu da indústria capitalista, ao contrario reforçou uma necessidade de se sentir útil e assim confirmando uma identidade profissional que o faz se sentir “dono de si mesmo”, apesar da alienação presente seja através da utilização “adequada” do seu tempo, seja através da sua força de trabalho.

Aline

O contato com a mesma foi realizado na própria empresa (Fênix). Ao falar sobre a pesquisa para os funcionários, Aline aceitou participar da primeira entrevista, e posteriormente foi escolhida por representar uma realidade que era significativa para o presente estudo. Foram realizadas três entrevistas e aplicação de dois instrumentos de completar frases. A primeira entrevista teve como eixo norteador o cotidiano da mesma, priorizando suas atividades laborais. A partir desta entrevista, foi possível construir indicadores que direcionaram as entrevistas posteriores, e permitiram construir, juntamente com a pesquisada uma análise construtiva- interpretativa do caso.

Aline tem 27 anos, trabalha na empresa há três anos, no departamento financeiro. Está no último ano de contabilidade. Solteira, mora com o avô. Foi criada pelos avós e recentemente perdeu sua avó, a qual considerava como mãe. Aline como trabalhadora e como mulher representa o universo de várias trabalhadoras, que recebem pouco e estão insatisfeitas com o trabalho e com a vida. Não só no trabalho, mas Aline se encontra num período de completa insatisfação com sua vida. Nas três entrevistas realizadas, Aline se mostrou desanimada, desmotivada e deprimida, falando de maneira negativa do seu trabalho e das relações existentes em seu universo. Encontrou na pesquisadora uma pessoa capaz apenas, de ouvi-la, sem julgamento ou cobrança.

Eu gosto de conversar com você talvez por você ser mulher, acho que entende melhor os problemas da gente, não sei, essa impressão que me passa, eu gosto. Por que eu tenho certeza que você entende, possa ser que uma amiga minha que eu conheça há 10 anos, se eu for falar algum problema pra ela, não vai entender tanto quanto você. Então eu gosto, eu me sinto à vontade.

Isso demonstra o quanto Aline se encontra sozinha e sem pessoas para compartilhar os seus sentimentos e problemas.

Interessante que Aline relaciona o gostar de conversar com a pesquisadora ao fato da mesma ser mulher, o que pode indicar a falta de diálogo estabelecido com pessoas do sexo masculino, visto que não se comunica com o avô, e tampouco com o namorado, que segundo ela, possui tantos problemas que acha melhor não aborrecê-lo com os seus. E se ameaça falar de si mesma, logo é interrompida com palavras bruscas e desinteressadas (“(...) meu namorado é difícil, vou falar alguma coisa pra ele, ele vai falar, ah desconfia mulher, você tá grande já, te velha, para com isso, esse problema que não existe, essas coisas...”). Com o chefe e colegas de trabalho (é só ela de mulher) acontece o mesmo, se sente intimidada, isolada, fala pouco e mantém pouca comunicação com o superior. Sente medo de conversar com o chefe, fato que segundo ela não resolveria o problema salarial que enfrenta (recebe pouco), pois já tentou falar com o mesmo e não obteve sucesso, demonstrando também o distanciamento que perpassa a hierarquia dentro de uma empresa. O chefe fala e o empregado silencia.

E interessante como na configuração subjetiva sobre sua situação no trabalho estão presentes elementos de gênero, não apenas na sua vida no trabalho, como também na sua vida pessoal. Isto evidencia como os elementos de sentido de diferentes aspectos estão estreitamente relacionados entre si e são parte de uma mesma configuração subjetiva. O social aparece de forma multifacetada e complexa nas diferentes configurações subjetivas do contexto do sujeito.

Aline demonstra dificuldade em se relacionar com seu chefe e apesar de considerá-lo esforçado e dedicado, acredita que o mesmo não defende seu departamento e seus colaboradores, revelando ser um chefe apático e omissos ao defender os direitos de seus funcionários (“Sinto que meu chefe/gerente: não se preocupa com os problemas de seus funcionários; é omissos ao defender os direitos de seus funcionários; é egoísta”). Essa relação atribui ainda mais uma conotação negativa de Aline em relação ao trabalho, pois uma boa

relação entre chefia e subordinados com a existência de admiração e reconhecimento reafirma o sentido positivo do funcionário em relação ao trabalho e a empresa e contribui com o sentido atribuído à qualidade de vida. A entrevistada, ao contrário, não possui uma configuração positiva em relação ao seu chefe, o que reforça na mesma sentimentos de insatisfação frente ao trabalho e a ausência de diálogo entre eles.

A: a gente fica indignada, a gente troca confidencia, ah que raiva fulano foi promovido e ta recebendo mais e a gente nada, ai fala com chefe mais não resolve nada, mas nos juntarmos e irmos lá falar com ele não, até por que nas reuniões ele deixa bem claro que quem estiver insatisfeito pode ir embora...

P: ele fala isso?

A: fala, então parece assim que criou uma barreira, você fica um pouco com medo de chegar nele sabe, pra falar “ou e ai cadê”?

P: nunca mais você chegou nele pra falar.

A: não...

É inegável o fato de Aline oferecer ao trabalho uma conotação negativa, não encontrando prazer, tampouco alegria no que faz (“o trabalho cansativo, porém necessário”). É claro que esta conotação está interligada com outras dimensões existenciais, percebidas em sua história de vida e no sentido atribuído à faculdade, aos amigos, ao chefe, ao namorado e à família.

Em todas as entrevistas realizadas Aline verbaliza sua insatisfação com a empresa, seu trabalho e sua chefia. Todos os dias, tem que se levantar às cinco e meia da manhã, pegar dois ônibus para estar no trabalho às oito horas. Cumpre uma jornada de 44 horas semanais e tira uma hora para almoçar e recebe R\$400 reais no final do mês. Ela relata que se considera competente e compromissada com o trabalho, contudo se percebe injustiçada no setor por

receber menos que os colegas homens, onde uma vez mais podemos apreciar a importância do sentido subjetivo de gênero na configuração subjetiva do trabalho.

A: olha dentro da minha visão não é particular não, mas eu sinto que é um pouco... Por que na minha sala são três pessoas, a minha remuneração é a menor das três. Então assim eu sei a empresa é uma empresa muito grande, teria possibilidade de vir a aumentar o meu salário entendeu? Mas parece que falta... as pessoas não estão nem ai pra você , uma vez que elas estão bem, o resto que se vire. Se o serviço está de acordo com o estabelecido, bom, ninguém está nem ai.

Neste aspecto, Fonseca (2001), destaca a presença das relações de dominação e supremacia masculina em relação à força de trabalho feminina nas organizações. Cada vez mais o mercado de trabalho recruta mulheres que executam com eficiência e competência suas atividades, contudo ainda carregam consigo o estigma de “mulher-mãe-esposa”, e se submetem financeiramente em relação aos colegas de trabalhos. As mulheres se “infiltram”, superam a si mesmas para conseguir reconhecimento e valorização. Aline realiza um bom trabalho, mas não conseguiu ainda o reconhecimento e a valorização que a satisfaça como profissional e como sujeito autônomo e criativo. Isto concomitante a outros sentidos negativos configurados a sua vida, torna-a de forma complexa e contraditoriamente insatisfeita e desmotivada para o trabalho e infelizmente para os desafios que o cotidiano lhe oferece (“sinto que meu trabalho: me deixa desmotivada perante o mercado de trabalho; fico triste por não ser reconhecida pelo desempenho”).

Aline, assim como outras mulheres da empresa recebem menos, o que vem afirmar a desigualdade existente na organização e cumplicidade entre elas:

A: ...Agora com relação a outros departamento o pessoal também é insatisfeito. O financeiro como um todo, mas o salário menor lá é o meu, e o das meninas do contas a receber.

P: vocês conversam a respeito?

A: a gente fica indignada, a gente troca confiança, ah que raiva fulano foi promovido e ta recebendo mais e a gente nada.

Aline tem como ponto crítico no trabalho a questão salarial (“preciso me realizar financeiramente”). Os quatrocentos reais que recebe mensalmente não suprem suas necessidades pessoais, tampouco as mensalidades da faculdade. Está pagando parcelas do semestre anterior, e isso a deixa intranquila em relação ao futuro. (“E ai está o problema. Meu salário é muito baixo, ganho só R\$400,00. Eu preciso ganhar mais. Quero sair da empresa, mas não sei como...”).

Na segunda entrevista com Aline, a mesma havia recebido seu contracheque e encontrava-se muito insatisfeita, deprimida, e chorou ao falar de seus problemas. O fator financeiro agrava sua situação e a impede de realizar projetos como pagar a dívida que possui na faculdade ou comprar uma casa ou um carro. Essa tensão gerada entre Aline e sua realidade objetiva, neste caso o salário, lhe confere sentidos negativos em relação ao trabalho e a sua qualidade de vida.

A: ah igual eu te falei, tá sem novidades né? Continuo insatisfeita trabalhando aqui...

P: quando você fala sem novidade... é justamente estar no mesmo movimento...

A: é na mesma rotina...e um dos meus maiores problemas no momento gira em torno do financeiro... por que? Porque eu estou me sentindo assim desmotivada pra trabalhar porque... você acorda cedo para trabalhar. Trabalha vai pra faculdade á noite, chega no final do mês recebe e não dá nem pra pagar suas contas. Você fica devendo, então isso gera uma certa insatisfação, (fala com a voz meio engasgada, trêmula) não que isso atrapalha meu desempenho, por enquanto não está atrapalhando nada ainda não...

P: você acha mesmo que não atrapalha?

A: não, por enquanto ate que não, mas que dá vontade assim de deixar pra lá, mesmo de não vir trabalhar, ir embora mais cedo, isso com certeza dá vontade... (pausa)

P: o seu trabalho não está te gerando tanta satisfação...

A: não dá...Parece assim que criou uma bolinha de neve sabe. Ce trabalha, e chega no final do mês e recebe seu contracheque e... Cadê? Fica devendo ainda... Então isso parece sei lá...

Neste aspecto, o valor atribuído ao dinheiro está impedindo Aline de se realizar como pessoa, como sujeito de sua própria vida, visto que este dinheiro não lhe supre a mera “sobrevivência”. Podemos perceber além disso, que neste caso o valor atribuído ao dinheiro não se limita a um “fim em si mesmo”, mas se constitui como condição para desenvolver planos de vida que lhe permitam se converter em sujeito de seus projetos pessoais. Aline sente-se prisioneira de suas dívidas e isto por sua vez lhe gera grande insegurança em relação ao futuro. Esta é uma das formas subjetivas que torna o trabalho uma alienação laboral. Aline não consegue superar a tensão permanente de estar endividada.

Estes problemas econômicos agravam uma situação de desconforto e desmotivação, pois Aline paradoxalmente atua no departamento financeiro da empresa e lida diariamente com uma grande quantia de dinheiro. Situação dialética e contraditória, visto que o desejo de Aline se materializa em sua prática diária. Como aceitar que manuseie diariamente uma quantia tão grande em dinheiro e contraditoriamente possa receber tão pouco de uma empresa tão poderosa? Como se assumir criadora de si mesma frente a uma atividade que reforça uma condição de “asujeitamento” e consumo?

A: triste por que era pra ser uma área bem remunerada ne? Uma parte que mexe com todo dinheiro da empresa. E eu acho assim que se tratando de coca-cola a historia muda ainda mais, porque não é uma empresinha qualquer, não é uma empresa

pequena, é uma empresa (reforça essa palavra) . A marca mais famosa e mais cara do mundo...

P: eu estava até olhando o *outdoor* antes de chegar aqui.

A: aqui eu já vi muitas pessoas reclamando do salário, mas é por falta de assunto, porque se fosse analisar a situação dela mesma não seria nada daquilo, mas nós não, nós do nosso departamento a gente reclama, a gente tem motivos pra isso, eu acho que trabalhar no financeiro e ganhar R\$450 reais... é muito pouco...

Nesta última frase, Aline se dirige de maneira indiferente aos outros colegas da empresa, tornando-se alheia as suas reclamações salariais, confirmando sua indignação por trabalhar no departamento financeiro e receber um salário desproporcional as condições do setor. Percebemos como defende Guattari (1996) uma situação que representa a “subjetividade capitalística”, onde as máquinas produtoras de instancias subjetivas “coisifica” a subjetividade como conteúdos inerentes aos indivíduos e agregam-se às dimensões da subjetividade individual.

A desmotivação de Aline também está presente de maneira intrínseca e particular na faculdade (“não sei se o curso que estou fazendo é o correto”), na relação com os colegas, com a família e com o namorado. Dimensões que geram sentidos negativos e são produzidos através dessas relações estabelecidas e de múltiplos outros canais que geram emocionalidade em sua via.

Aline também deseja ser reconhecida pelas pessoas que estão junto a ela. A palavra reconhecer pode ser definida segundo o dicionário Aurélio por “conhecer de novo (quem se tinha conhecido em outro tempo); admitir como certo; partilhar; certifica-se de constatar, verificar; confessar, aceitar; examinar a situação de observar, explorar; dar a conhecer, caracterizar identificar; mostrar-se agradecido por; admitir como legal; admitir como bom, verdadeiro ou legítimo, conhecer. Declarar-se, confessar-se”. Nesta perspectiva, pode-se

inferir que realmente Aline deseja ser reconhecida, agradecida, considerada, compartilhada. E ao conhecer a sua realidade durante as entrevistas percebe-se o quanto a mesma não possui reconhecimento (análise atribuída ao resgatar a história de vida da mesma).

Aline está estagnada, sem recursos ou condições que a torne “capaz” de mudar sua vida, sem capacidade de produção de sentido que lhe permita momentos de ruptura e criação como aponta González Rey (2003). A mesma possui uma compreensão de si que gira em torno da culpa de não alcançar uma situação financeira melhor, que segundo ela, a maioria das pessoas de sua idade já tenha alcançado. Jacometti (1998) nos diz que assim como Aline, hoje os sujeitos trabalhadores se sentem culpados pela inadequação no mercado e pela incapacidade de não atingir sucesso de forma rápida e eficaz. Aline se cobra por não ter alcançado os padrões exigidos desse sistema consumista.

(...) 26 anos... Mas muitos na minha idade já terminaram faculdade, já possuem até carro e casa... Acho que tenho que correr atrás de muita coisa. Mas aqui não estou conseguindo... Não estou tendo tempo de estudar. Durante o dia aqui é impossível... Final de semana tem que cuidar da casa... Lavar minhas roupas... Passa muito rápido”. O tempo de lazer servindo ao tempo do trabalho. (Martins, 1999).

De acordo com a subjetividade social (González Rey, 1999), neste processo, capitalista é necessário Ter para Ser. E para Aline possuir dinheiro, ter sua própria casa, carro reaperentaria sua autonomia e independência , assim como uma forma de sentir o seu valor pessoal frente aos demais. Seu pensamento está configurado dentro de um sistema capitalista, onde reconhecer-se como pessoa, implica em alcançar o sucesso financeiro. Fato que não, condiz com a empresa.

A: é igual eu te falei da outra vez, eu tenho vontade de ter a minha casa, e eu me cobro muito isso, eu acho que já era pra eu ter, como se diz, nem que fosse parcelado já era pra eu ter comprado, pra ter um pouco de, sei lá, de sossego, ter minha casa, não

me sentir assim que tudo que eu fiz até hoje foi inútil. Então eu me cobro muito isso. Isso me incomoda demais da conta.

P: e você sente que tudo que você fez foi inútil?

A: não é assim, não sei se é a palavra adequada, parece que o retorno não chegou, está demorando demais, e aí eu vejo outras pessoas que estão quase formando, que têm uma condição de vida melhor, não que eu sinto inveja de forma alguma, mas eu fico pensando, fulano já tem isso você não tem Eliane.

P: você fala pra você ?

A: é eu fico me cobrando de mim mesmo então, e isso me incomoda bastante.

Percebe-se neste momento que Aline se cobra pela falta de recurso que possui, atribuindo a si mesma a incapacidade de ter atingido tais objetivos. Situação característica da modernidade que fez do homem um “ser livre”, concedendo-lhe a responsabilidade pela sua vida e com “plenos poderes” para conquistar bens, e a liberdade de ir e vir. Atributos que resultaram em crises existenciais, conflitos e buscas por soluções e alternativas tão bem apresentadas pela modernidade. Incoerente liberdade que permite ao trabalhador escolher/optar por empregos nos quais não possui “capacitação técnica/profissional”.

Aline se refere ainda à questão tempo, atributo desejado, tanto para produção de dinheiro, quanto para um tempo alienado da própria qualidade de vida pessoal. Neste sistema, as pessoas desejam ter mais tempo, pois suas atividades preenchem por completo os seus dias, impossibilitando-as de realizarem tarefas especiais do dia-a-dia. Aline reclama da falta de tempo, da distância da empresa, e relata a dificuldade de encontrar saídas, e ainda culpa a si mesma pela “falta de tempo”, autodefinindo-se como acomodada.

“(…) Quero sair da empresa, mas não sei como... Eu acho que estou acomodada...

Também não tenho tempo de distribuir currículos. O tempo é curto... Saio daqui e

tenho que correr pra faculdade, nem dá tempo de passar em casa. Aqui é muito longe da cidade... Não dá tempo”.

A rotina de Aline e “a sua falta de tempo” favorecem a falta de criatividade capaz de transformar sua “vida”. Essa rotina se assemelha a uma corrida frenética de lobos famintos atrás da caça. Assim como milhões de trabalhadores que saem de suas casas ainda no escuro da madrugada e só retornam na noite escura para dormir, Aline não “possui tempo” necessário para si mesma. Muitos trabalhadores procuram na escola ou faculdade (muitos estudam à noite como Aline) um recurso a mais que contribua para sua escalada ao “sucesso”, ou atender às exigências da sociedade, sejam elas materiais, de status ou de poder. O homem é governado pelo tempo de trabalho e vive constantemente preocupado como ele e com suas demarcações:

P: você acorda que horas pra vir trabalhar?

A: as cinco e meia.

P: da manhã? Todos os dias?

A: todos os dias. (nos olhamos, a mesma da uma risada). É cansativo.

P: e você dorme que horas?

A: meia noite, meia noite e quinze, eu chego onze e meia né, onze e quarenta, depende.

P: você dorme então por noite cinco horas e meia...

A: é e eu sou dorminhoca nossa, se deixar.

P: é muito cansativo.

A: é, não é fácil é muito, acho que é por isso que agora eu estou reclamando muito, eu não sou de ta falando, ah eu to passando por isso, eu não gosto disso, só que sei lá parece que você está explodindo.

P: e você está se sentido assim, quase explodindo?

A: to, da vontade de largar

Aline se sente esgotada, como relata acima, e esse esgotar-se corresponde à insatisfação que possui em sua vida, e pode estar prestes a uma decisão ou a um problema emocional mais sério. Segundo Patrício (1998), a qualidade de vida do sujeito pode ser identificada através dos aspectos positivos existentes nos diversos “mundos” do sujeito que se mesclam e se confluem, como o mundo da família, mundo dos estudos, mundo da profissão e o mundo do imaginário. Para esta autora os “mundos” existem na idiossincrasia de cada pessoa, e apesar de estar ligados aos quatro mundos acima descritos, a qualidade de vida seria diferente, em razão da particularidade de cada vida, da história de cada ser humano e grupo cultural. Os “mundos” de Aline se encontram desprovidos de prazer e alegria, gerando uma completa insatisfação e ausência de qualidade de vida. Verbaliza com grande emoção à vontade que possui de abandonar sua vida e recomeçar em outro lugar, onde não exista cobrança e pessoas do seu convívio, não percebendo ela mesma que a maior cobrança se dá através dela mesma, de sua insatisfação pessoal e de seu desejo de superação. Nesta situação, confluem-se a subjetividade social e individual, (sentidos subjetivos em relação às cobranças sociais) que, neste momento, apresentam-se nuances particulares que confundem e se tornam contraditórias na vida dessa jovem.

A: não tem nada na minha vida que ta bom, não tem nada que fale assim essa parte compensa as demais, é verdade eu já analisei isso. Eu estou insatisfeita com praticamente tudo na minha vida. Acho que se aparecesse alguém assim, não precisa ser necessariamente um homem que me falasse assim Aline vamos mudar pra outra cidade, lá a gente vai começar uma vida nova, tudo novo, tudo diferente, eu acho que eu iria, não tinha nada que eu tinha que deixar para trás entendeu? Ah não vou por causa disso, não. Eu acho que ta na hora de eu ir mesmo, começar tudo de novo, longe de todo mundo, guardar os problemas aqui, não é bem começar tudo de novo, é

abandonar essa rotina, esse tanto de problema, de coisa, é família, trabalho, faculdade, é namorado, é tudo.

A fala acima de Aline vem confirmar a ausência total de prazer em sua vida, à falta de sentidos positivos atribuídos a sua vida atual. Aline tem se convertido em uma pessoa "esvaziada" que faz, luta, mas não muda sua condição subjetiva. Ela tenta escapar de sua condição trabalhando e estudando no limiar de suas possibilidades, mas o custo subjetivo que isto tem para Aline é muito alto, deixando um impacto destruturador na sua subjetividade. Na última entrevista realizada Aline revela o desejo de fazer psicoterapia, se percebendo no momento fragilizada e necessitando de um apoio externo, inexistente em sua condição atual. Neste momento, é notável a influência da pesquisadora na vida de Aline, contribuindo para seu auto-desenvolvimento, Contribuição que se deu através dos diálogos e momentos de conversação. A “permissão” para Aline se expressar é via saudável de crescimento, tanto para ela quanto para a pesquisadora, onde sujeito e pesquisador se desenvolvem, se expressam e revelam como autores e co-autores da pesquisa. Essa relação entre pesquisador e sujeito, segundo González Rey (1999), é dinâmica e processual.

Percebe-se que a família atual de Aline não lhe é representativa e ela mesma verbaliza a dificuldade de relacionamento com a mãe (“a minha mãe mora aqui, mas eu só a vejo nos finais de semana... eu e ela não damos certo....”). Sua história é marcada pelo abandono da mãe, e pelo não conhecimento do pai. A mãe nunca lhe contou de seu pai, omitindo-lhe sua identidade. Uma história que mesclada pelos cenários sociais atuais configuram a subjetividade de Aline de maneira tão própria e singular.

A: bem, minha história de vida, minha mãe casou e foi morar em Brasília, ai lá a situação dela estava muito complicada, muito difícil e foi mandou uma carta pra minha avó explicando a situação, que eu tinha nascido, que a situação estava difícil, complicada. Aí a minha vó mandou dinheiro pra ela e ela veio embora pra cá. Só que

eu não conheço meu pai, não sei quem é ele e não sou registrada também no nome dele.

P: a sua mãe nunca disse quem era...

A: aí que entra o problema. Eu vim morar com a minha vó. E até então desde criança eu chamava minha vó de mãe e meu avô de pai, aí minha mãe parece que não gostou muito de eu chama minha avó de mãe e ela pegou e falou Eliana sua avó e sua avó e eu sou a sua mãe. Aí tudo, eu chamo meu avô de pai até hoje, por que eu não sei quem é meu pai, aí depois que eu cresci, eu sentia falta dos meus pais no dia dos pais, na escola, então isso daí me incomodava. Eu achava, nossa todo mundo tinha pai, traz o pai e eu tenho que levar o meu avô que era bem mais velho que eu, eu achava estranho, mais tudo bem, então foi à época que eu sentia muita falta dele. Agora da minha mãe eu nunca fui de sentir muita falta, por que minha avó sempre... a minha avó sempre foi uma super mãe mãe-vó né. Então minha mãe ia lá em casa me visitar, mas minha mãe sempre foi mais distante.

P: a sua avó supria então...

A: totalmente.

Aline não gosta de ficar em casa, pois até mesmo em sua casa não encontra sossego e tranquilidade, e mais que isso a dificuldade de relacionamento familiar, a difícil relação que mantém com a mãe lhe impossibilita de se revelar como pessoa e como sujeito (“Sou feliz quando saio de casa e esqueço os problemas”). Perdeu a única pessoa que a compreendia e a protegia – a avó – está agora desprotegida, e não sente necessidade de ficar com a mãe. Prefere se afastar pra não revelar a ninguém sua dor. Sua avó foi sua mãe. (“uma mãe, minha avó”). Sente mágoa da mãe por ter lhe escondido o pai e, sobretudo por não ter lhe assumido.

(...) eu fico indignada com a minha mãe, eu não consigo nem conversar direito com ela. Ela me irrita, ela me deixa estressada. Eu gosto dela, mas se eu passar meses sem

vê-la eu não me incomodo. A minha mãe não me deu carinho. Ela não se fez presente na minha vida, então não tem como eu ficar apegada nela. Mas gostar dela eu gosto, do meu jeito mas eu gosto”).

Aline possui alguns sentimentos em relação à mãe, mas não de maneira a assumir-se como sua filha e demonstrar afeto e cumplicidade (sentimento praticamente ausente na relação com a mesma). Não se reconhece como parte de uma família (“Um sonho, ter uma casa, família”).

A: assim, eu moro com meu avô, então chega final de semana, o pessoal vai lá pra casa, e eu quero o que, eu quero descansar, eu quero dormir...

P: o pessoal quem?

A: o pessoal, minha família, ai sei lá, o pessoal quer conversar. Você tem uma semana cansativa, chega em casa você quer dormir, quer descansar, ouvir uma música alta, você quer ficar sozinha, ai todo mundo começa a falar dos problemas daqui e dos problemas dali, você fica acabando..

P: e você gosta de ficar só?

A: ah, às vezes é necessário, por que você trabalha a semana inteira você fica cansada, você quer estudar ou senão ouvir uma música, ficar mais quieta, dormir até mais tarde, e lá em casa é um pouco complicado.

A entrevistada isola-se da família, não encontrando prazer em estar com eles. Neste aspecto, a família de Aline, assim como a história da mesma, compactua para a configuração negativa que atribui ao trabalho, o que resulta numa configuração negativa em relação a sua qualidade de vida. A qualidade de vida da mesma está atribuída às configurações negativas em relação ao trabalho, família e namorado.

O complexo sistema da subjetividade individual relaciona em um mesmo sistema de sentido em diferentes momentos de sua vida social. Não podemos isolar o trabalho do

trabalhador, de sua vida e de sua história. O fato de Aline não estar motivada para o trabalho não quer dizer que podemos explicar ou compreender isso apenas nesta perspectiva. O sentido desse trabalho para Aline está perpassado por todas as dimensões que configuram sua subjetividade. Sua história, o sentido único e particular que oferece a sua história, a dimensão familiar, social, afetiva e relacional. Como aborda González Rey (2003), os sentidos subjetivos encontram formas de organização na história dos sujeitos nos quais representam “zonas” de produção de sentido, sabendo que esse sentido se constitui em espaços simbólicos, contudo se alimenta de uma emocionalidade nutrida por diversas fontes.

Nada no presente de Aline a deixa feliz (“O tempo mais feliz: quando era criança, não tinha preocupação”). O prazer se define no trabalho por saber ao final do dia que ocorreu tudo bem. (“Sinto cansaço no final do dia, mas sinto prazer em saber que ocorreu tudo bem”). A alegria para Aline se revela nos momentos em que consegue esquecer os problemas que possui. Foge de si mesma e de seus problemas. Gosta de ir numa boate, pois lá ninguém pergunta sobre sua vida, fazendo com que ela os esqueça e possa se distrair. (“A alegria é o momento em que esquecemos os problemas do cotidiano”). Foge de todos que fazem com que se lembre quem é e da situação que se encontra, que para ela é “humilhante” e “atrasada”, pois já deveria ter se formado, ter uma casa, estar ganhando melhor etc. Vê a sua vida com desdém. Sua rotina a aliena, degrada-a, a torna, segundo ela mesma “escrava” do seu trabalho e do capitalismo. A fala abaixo confirma a necessidade que Aline possui de se esconder de todos para não falar de sua realidade, que para ela é sinônimo de vergonha e incapacidade:

A: ah outra coisa também, quando eu encontro uma amiga assim que eu fiz o segundo o grau, uma amiga que que eu não vejo há muito tempo, aí elas me mandam, igual agora parece que tá todo mundo casando, todo mundo tendo filho, todo mundo prosperando na vida, aí minhas amigas me mandam convite de casamento, chá de

bebê, ah Aline vem aqui ver meu filho, ah vou casar tal dia tal, eu não sinto vontade, não que eu não sinta felicidade pela pessoa, claro que sinto, eu desejo tudo de bom, mas assim eu não to com vontade de dizer pra falar ah meus parabéns, ou então ir lá, essas coisas, eu não era assim Simone, não era assim eu fazia questão de ir lá de dar presente, de compartilhar esse momento bom da vida da pessoa, mas eu não vou lá justamente pra ela não ficar perguntando por mim, ah você continua (ênfase) do mesmo jeito, não formou até hoje, não casou até hoje, não teve filho até hoje, continua morando com seu avô Aline? Tem que falar é tal, então isso me incomoda sabe. Eu não era desse jeito, eu to mudando assim. Eu não sei o que que ta me levando a isso...

Aline, no momento está se afastando até mesmo da companhia de pessoas que antes lhe eram interessantes e que lhe despertava prazer e excitação:

A: ... é por que você chega, e perguntam... e aí como é que ta e aí você não tem novidade para contar né, to estudando isso, aquilo, ou então surgiu um probleminha, eu não gosto de ficar comentando, e o pessoal é muito preocupado com a vida da gente né? Ai eu já não estou gostando mais disso não, to preferindo mais ficar em casa assistindo televisão, ouvindo musica, e antes eu arrumava tudo correndo, rapidinho, só pra ir pra casa das meninas, pra saber as novidades, pra contar, ah eu vi o fulano, vi o beltrano, vi não sei quem. Não sei se é amadurecimento, isso, mas não to gostando mais disso não. E quando elas vão lá em casa pra conversar comigo, ah vi o namorado de não sei quem, e você Aline? Ah parece que aquele assunto assim, ta, nossa, tanta coisa que eu poderia estar fazendo to aqui conversando sobre isso, não ta me distraindo mais.

A vida afetiva de Aline se resume a um “namorado”, que vê esporadicamente e com o qual mantém um relacionamento instável e conturbado. Segundo a mesma, este homem não é

necessariamente um namorado, pois não se presentifica em sua vida, contudo depende emocionalmente da relação (“Se aparecesse outra pessoa, Acho que é carência”). Aline procura no outro o apoio que não possui. Necessita de alguém que possa supri-la emocionalmente, mesmo que isso implique em despersonalizar-se e anular a si mesma diante do outro.

A: Ele é uma pessoa difícil de sabe lidar, ele...as vezes eu até me pergunto assim nossa Aline, por que teve uma época da minha vida, quando a gente separo mesmo, por que ele me magoou sabe, ele vivia, ele ligava as 3 horas da manha queira ir la em casa me ver tal, só nesses horários, 2, 3 horas da manhã, e eu saia com ele, talvez por carência, por que não tinha ninguém tal, a gente sai ficava junto, eu ia pra casa dele, mas ele nunca foi uma pessoa de me tratar muito bem, mas como ele tem os outros problemas dele eu procuro analisar pelas as outras coisas, pelo problema dele, e eu quero sempre ajudar, conversar com ele e tal, mas ele não gosta muito de falar sobre os problemas dele, ai o que que acontece eu acho que eu estando do lado dele eu estou assim dando um apoio moral pra ele, mas as vezes ele me magoa bastante, com palavras, com gestos, ai eu fico um pouco revoltada, ai ele me liga, eu falo que não quero mais saber ele, não quero ver tal, mas depois eu acabo voltando atrás. Mas eu acho que é porque não apareceu outra pessoa na minha vida, por que se aparecer e ele me ligar provavelmente eu não deve né, e consigo manter minha posição “não quero te ver”, não aparece aqui... (...) , mas quando eu saio assim eu fico com outras pessoas tal, numa boa.

Aline mantém um “relacionamento” que lhe gera frustração, desamparo e instabilidade, mantendo-o para não se sentir totalmente só e desprovida de “amor e afeto”, mesmo que lhe seja “imaginário e ilusório”.

Somando a tantas configurações negativas em sua vida, Aline ainda está desprovida de fé. A fé que alimenta e perpetua a esperança e a confiança no futuro, não alimenta nem abastece sua vida. A igreja não motiva, nem gera mais prazer no cotidiano da entrevistada. Aline está só, sem fé, amigos, família, namorado e esperança. Perdeu-se nos confins do desânimo e da desilusão.

A: (...) Eu fico me perguntando será que eu estou com depressão, não sei eu queria até ler aquele livro, o demônio do meio dia, que fala sobre a depressão. (...) uma coisa que me faz bem é ir na igreja, mas raramente eu vou. Eu freqüentava a comunidade cristã. Eu me sinto muito bem lá. Eu não tenho muito entendimento, mas as orações que eles fazem, lêem a passagem da bíblia. Mas domingo passado, eu fui à igreja e não consegui me concentrar, tinha uma coisa assim, gente eu pensei assim nem aqui dentro da igreja estou conseguindo me concentrar, sempre me transmite uma paz, mas domingo eu não consegui, parece, eu fiquei pensando amanhã tenho que pagar isso, fazer aquilo, e até pecado mas eu não consegui, à noite eu me senti culpada por isso...

De forma geral, no caso de Aline, torna-se relevante apontar o quanto o trabalho é expressão de uma configuração subjetiva que expressa alienação em todos espaços de sua vida. E, apesar de todos os aspectos negativos, Aline procura trabalhar e estudar para avançar na vida, mas infelizmente as condições precárias e de pressão sob as quais desenvolve suas atividades são fontes de um sentido subjetivo que lhe produz ansiedade, frustração e baixa auto-estima. A situação de Aline reflete em sua configuração laboral e este perpassa todos os sentidos subjetivos de sua vida atual. Podemos perceber com clareza em Aline uma condição de exploração e alienação da trabalhadora, que para estudar tem que ficar devendo na faculdade. A dívida a pressiona e a envergonha, revelando neste momento uma mulher que na atual condição se sente permanentemente inferiorizada.

Mauro

Mauro é um jovem de 27 anos, casado e pai de um menino de 2 anos e 7 meses. Trabalha na organização há sete anos e atualmente exerce a função de Analista de PCP (Planejamento e Controle de Produção), cargo que exige do mesmo a coordenação e a liderança do setor. Está exercendo a função há apenas três meses e enfrenta atualmente uma mudança em seu departamento e em sua postura como líder. O mesmo conseguiu após sete anos de empresa ser promovido para diversas funções e atualmente encara seu trabalho como um desafio a ser conquistado.

As entrevistas com Mauro foram realizadas em apenas dois momentos. Na primeira entrevista, Mauro dissertou com otimismo e confiança sobre seu novo trabalho e também sobre as mudanças que estão acontecendo em sua vida, devido a essa nova função e ao enfrentamento de um problema de saúde na família. Há seis meses, a esposa recebeu um diagnóstico de leucemia e após esta notícia, Mauro diz ter mudado sua postura em relação à vida e ao trabalho, fato que possibilitou novos sentidos diante do sofrimento familiar. Segundo ele está mais maduro e confiante em assumir novos desafios, o que incluiu a aceitação de um novo cargo:

P: você está me dizendo que a sua vida mudou muito?

M: tem que se adaptar a nova realidade...

P: e o que mais mudou na sua vida a partir desse problema?

M: em questão de valorizar às vezes até mesmo a família mais... Até mesmo no trabalho me dedicava mais... Mas não me importava assim com tanto carinho que às vezes... A gente está passando... No momento de ir embora, no momento de ir pra casa. Com aquela ansiedade, a pessoa que está lá, tanto ela quanto eu... A presença sua ajuda bastante...

P: você esta me dizendo que a partir dessa doença você está se voltando mais pra sua família...

M: pra minha família e até mesmo não se preocupando, fazendo aquela tempestade num copo d'água, as vezes até mesmo no próprio trabalho...

P; como assim...

M: tipo assim, você quer fazer a coisa e sentia um pouco de medo... De peitar um novo trabalho, agora não, acho que não é tão difícil. Eu acho mais difícil o que a gente está passando lá do que eu trabalhar do que eu enfrentar uma reunião, apresentar um trabalho... É uma pequena coisa... Tudo se torna muito pequeno no meio de tanta coisa... Hoje encaro com mais naturalidade. Eu ficava... Não e que eu estou dizendo que estou deixando o trabalho...

P: eu estou entendendo...

M: mas fica até mais fácil de você passar pro pessoal que não é tão sério... Hoje eu tenho mais tranqüilidade pra enfrentar o problema... Eu quero curtir cada momento dela e não quero perder tempo com coisas pequenas...

Mauro teve que encarar um problema no qual não se encontrava preparado (“a gente nunca pensou que fosse acontecer com a gente”), assumindo a responsabilidade de cuidar da esposa, da filha e, concomitantemente, assumir uma nova função na empresa: cuidar com “responsabilidade” de um departamento onde existem muitas cobranças. Segundo ele, antes de saber da doença da esposa se preocupava muito com o trabalho e se envolvia muito com os problemas da empresa. No momento, procura se envolver mais com problemas relativos ao tempo que passa com a esposa e com a filha, apresentando uma reconstituição do sentido atribuído ao tempo.

M: por que as vezes a gente pegava um problema, pôr exemplo tem muitos problemas no setor e você ficava muito preocupado com aquilo... Ficava até sem dormir... O

trabalho que a gente faz é muito cobrado.... Eu me cobrava bastante por isso...Ficar mais perfeitinho as coisas, isso tava me afetando muito, chegava em casa muito cansado e às vezes não parava, chegava final de semana queria era dormir ou às vezes até trabalhar... Com a doença, a gente passou a separar as coisas... se você está no trabalho está trabalhando, se você está em casa está em casa... Mudou muita a sua vida, e também assim como muda tudo o filho passou a necessitar mais da gente...A gente fica um pouco triste por que gostava muito da faculdade...

O interessante na análise de Mauro é observar o quanto o mesmo foi sucumbido pelas pressões do cargo e na segunda entrevista não mantém o mesmo discurso familiar. O mesmo não fala da família, tampouco da esposa. Se concentrou em relatar os problemas que estava enfrentando na nova função e nas cobranças sofridas diariamente. Pode-se notar que as pressões sofridas por Mauro estão de certa forma “invadindo” sua vida fora da empresa, e impede-o de se envolver em outras atividades.

M: uma coisa, antes na primeira reunião eu tava falando pra você que não levava problemas pra casa... agora...

P: já ta levando?

M: já to levando... Tipo assim uma certa preocupação, por que você é cobrado, bastante mesmo. Mesmo você não pensando só em dinheiro você ficaria chateado por que ,a mesma pessoa que ficava no cargo que eu tava ele ganhava mais, entendeu isso já foi um impacto... o salário... me colocaram numa outra coisa, mas a função era a mesma, a cobrança era a mesma e só te titularam outro salário? Tudo bem... e aí e se fosse por isso ai, você acaba pegando um certo interesse, você quer demonstrar resultado, não é pela empresa , mas pelo seu ego pessoal mesmo, de falar eu consegui, a gente vai arrumar, mesmo que eu não ganhe...

Segundo Silva (2002), devido às rápidas mudanças no mercado globalizado, as empresas “exigem” dos indivíduos construção e desconstrução dos conceitos subjetivos aplicados ao processo de trabalho, sendo necessário que o funcionário atue de forma rápida e eficaz frente a estas mudanças. No caso de Mauro, este teve que se adaptar rapidamente às novas necessidades da empresa ao reconstruir conceitos e configurações frente a sua nova função.

Para Mauro, conseguir atingir os resultados e objetivos da empresa representa um reconhecimento que vai além do ganho financeiro. Pode-se perceber que outros indicadores são promotores de realização pessoal além do dinheiro. Mauro não está contente pelo salário que recebe, mas apesar disso quer demonstrar sua capacidade e seu valor diante do desafio que é gerenciar um novo setor. Quer satisfazer seu ego e sua auto-estima demonstrando que é possível conseguir alcançar os resultados desejados pela empresa. Esta nova função de Mauro contribui para uma nova configuração em relação ao trabalho, que está arraigada em valores inerentes a sua constituição subjetiva – que é o desejo de ascensão profissional.

Interessante ressaltar que esse aspecto negativo do trabalho de Mauro está relacionado ao sentido que atribui as cobranças da empresa e de si mesmo. Para Mauro, neste momento a vida está se resumindo numa cadeia de obrigações: teve que interromper o curso superior para ter mais tempo para família e paralelamente a isto precisa de tempo para se dedicar aos desafios propostos pela empresa, ocupando-se dela até mesmo nos finais de semana, mesmo não sendo solicitado que o mesmo trabalhe nestes dias. A cobrança neste aspecto é gerada de maneira implícita e contraditória, pois apesar da empresa não cobrar de maneira explícita, Mauro se sente “obrigado” a colaborar, pois assumiu um compromisso com a empresa e trabalha aos finais de semana para que a organização e a equipe não tenham problemas. Este indicador revela paradoxalmente a necessidade que Mauro possui de ser reconhecido e poder

progredir na empresa, apesar de declarar inicialmente a importância de dedicar mais tempo à família. O trabalho aparece como elemento central de sua atenção e projeção pessoal.

A fidelidade para com a empresa vai além da própria família, que necessita segundo ele mesmo de tempo, porém um tempo desprovido de responsabilidade e preocupação. Estar com a família é necessário, mas sem trabalhos para serem realizados, caso contrário e mesmo se “sentindo mal” Mauro vai trabalhar aos sábados:

P: você trabalha pelo tempo? Como assim?

M: pelo tempo assim, como você diz eu fiquei aqui 8 horas, e essas 8 horas eu podia ter ficado com ela, e por incrível que parece essas 8 horas foi quando ela passou mais mal...

P: é mesmo?

M: no sábado agora ela se sentiu muito mal e eu fiquei mal.

P: mal como?

M: de estar com ela...

P: e como é lidar com isso? Essa exigência da empresa e esse desejo seu de estar lá com ela?

M: a gente tem, a gente procura como evitar. A gente tem aquele sentimento de empresa. Principalmente a empresa todo mundo sabe do problema que estou passando, todos estão cientes disso, nunca me cobraram que viesse trabalhar no sábado, nunca me pediram olha você tem que vir entendeu? Pelo contrário, a empresa, no momento que a gente descobriu que estávamos passando pôr esse problema passou a dar um apoio, a empresa não digo assim a empresa, mas os amigos, que passa a ter dar um apoio de irmão mesmo, que isso ajudou a gente... e continua ajudar a passar por esse momento. Tem uma coisa que marca a gente... no final do ano a gente faz

uma confraternização... E foi no início dos nossos problemas e eles fizeram vaquinha e compraram um presente... Sempre quando preciso ir ao hospital...

Assim como na análise dos outros sujeitos, o fator tempo se torna um indicador valioso na compreensão subjetiva de Mauro (“O tempo corrido, mais aproveitado a cada minuto; meu horário corrido; preciso de tempo”). Ele infere uma avaliação do tempo como aquele que está sendo utilizado, ou seja, aproveitado através do trabalho, confirmando a relação que Stano (2002) estabelece entre o trabalho e o ócio na sociedade capitalista. O valor do indivíduo na sociedade capitalista está relacionado à atividade laboral e não à qualidade do tempo livre. Portanto, é necessário se ocupar cada minuto dentro de uma ordem cronológica, pois o dispêndio de tempo é sinal de falta de planejamento do homem moderno. Saber administrar o tempo é sinônimo de organização e valorização do trabalho. Martins (1999) aborda na lógica da empresa atual ficar sem fazer nada, ter um ritmo mais “lento de tempo e perda de tempo” podem ser considerados como sinônimos de preguiça. Neste aspecto, Mauro aproveita cada minuto o tempo de trabalho em prol do capital e da produção, deseja se superar, ser um bom líder (“sinto que posso mudar pessoalmente em relação ao meu trabalho”).

Ao enfrentar uma nova função, Mauro tem como foco conseguir se superar e atender às expectativas da gerência. Essa cobrança tem também conseqüências negativas, visto que não está lhe possibilitando se desvincular do trabalho e realizar outras atividades (“Sinto cansaço quando dedico a fazer algo com muito fervor e não consigo resultados”). Esta afirmação confirma o sentido que aparece quando Mauro não consegue atingir os resultados, pois esta configuração negativa está associada ao não cumprimento de suas expectativas no trabalho. O cansaço se vincula, portanto a este fator.

Atingir resultados para Mauro é sinal de aceitação: “sou aceito quando consigo demonstrar um bom resultado”. Além disso, quando Mauro fala sobre o estresse no trabalho

confirma a ligação entre resultado e cobrança: “Meu trabalho me causa estresse quando os resultados não são bons para empresa; quando traz uma certa cobrança para melhorar ainda mais os resultados”. Isto revela que sua emocionalidade associada à falta do tempo livre e do espaço de contato com a família não é percebida por ele como estressante, mas o que realmente lhe causa estresse é a ausência de cumprimento das tarefas em relação à empresa.

Quanto a este aspecto, podemos dizer que Mauro deseja ser aceito e amado na relação com a organização, identificando-se com ela, o que o impulsiona a se dedicar com afinco e empenho à obtenção de resultados, fator observado através da atitude do mesmo ao levar trabalho para fora da organização, ou mesmo em trabalhar aos sábados quando não é solicitado.

Algumas vezes, Mauro se refere ao trabalho como uma arte (“O trabalho uma arte”). O trabalho uma arte e ele o artista que investe tempo, energia e prazer no que faz. Neste aspecto, o trabalho se configura de maneira geral numa dimensão de valorização e reconhecimento. A arte elucida o belo e o belo é provido de prazer e alegria.

O trabalho, portanto, é para ele, fonte de estima, valorização e reconhecimento, que o faz perceber a felicidade como algo presente (“O futuro o presente”). A felicidade e o prazer pra Mauro estão proporcionalmente relacionados ao seu trabalho e a contribuição gerada pela empresa e colegas de trabalho (“sou feliz quando consigo atingir meus objetivos, sei que estou ajudando a organização e as pessoas”). Conforme Patrício (1999) a qualidade de vida está focalizada no trabalho enquanto gerador de prazer e satisfação relacionados ao processo e à concretização final do trabalho e como esse produto final irá afetar outras pessoas.

Incoerentemente, a relação de Mauro com o trabalho parece um tanto conflitiva. Pode lhe proporcionar prazer, reconhecimento e prestígio e de maneira contraditória lhe gerar frustração e desmotivavação, visto que é fonte de reconhecimento e paradoxalmente lhe proporciona estresse e cobranças deixando-o insatisfeito. Muitas vezes é percebido como

indesejável e por outro lado, é também percebido como algo que dá sentido à vida, eleva o status, define identidade pessoal e impulsiona o crescimento do ser humano. Neste caso o trabalho encerra de forma dialética o binômio prazer e sofrimento.

Mauro possui uma grande estima pela empresa e pelos colegas com os quais trabalha, considerando-os uma família. Atribui valores positivos à empresa principalmente pelos amigos que ele possui, os quais o ajudaram nos momentos difíceis. A relação de “amizade” e o forte vínculo atribuído à família “empresa” são subjetivados por Mauro de maneira a denominá-lo como um sujeito amigo e colaborador, estando disponível para ajudar e colaborar quando necessário, constituindo seu “território existencial”.

M:..., a empresa, no momento que a gente descobriu que estávamos passando por esse problema passou a dar um apoio, a empresa não digo assim a empresa, mas os amigos, que passa a ter dar um apoio de irmão mesmo, que isso ajudou a gente... e continua ajudar a passar por esse momento. Tem uma coisa que marca a gente... no final do ano a gente faz uma confraternização... E foi no início dos nossos problemas e eles fizeram vaquinha e compraram um presente... Sempre quando preciso ir ao hospital... Mas eles pessoalmente correm atrás de coisas...quando estava com alguma dificuldade eles automaticamente tomavam a frente... Até com doação de sangue... bom o gerente encarregado da área sempre foi um paizão pra mim. Sempre me deram o maior suporte...Até o mesmo o Sr...(presidente). Eu senti uma certa preocupação. O tratamento esta dentro do esperando... Dizem que está reagindo bem... Parece que tem algumas pessoas dentro da empresa que sofre junto com vc sabe? Eles sempre sofrem junto com você. Parece que estão numa expectativa. Isso faz com que a gente trabalhe mais...Carinho... a gente se dedica mais... É igual eles não me cobram que eu venha no sábado...E eu venho sem assim sabe, não com aquela cobrança, mas com aquele

sentimento assim pô sem a gente não vier no sábado poderia dar algum problema na segunda então realmente a gente não quer ver isso...

Interessante o quanto a amizade e a relação afetiva construídas dentro de uma organização são aspectos que favorecem o fortalecimento do vínculo entre funcionário e empresa e a criação de um sentimento de responsabilidade perante a função que exerce. Este comprometimento com o trabalho se torna indispensável na relação com os colegas. Pode-se inferir mais uma vez como aponta González Rey (2003) que a realização no trabalho passa por outros elementos subjetivos da pessoa e que tem implicações relacionadas à realidade objetiva. No caso de Mauro, a amizade que possui dentro da empresa lhe proporciona uma subjetivação positiva em relação à organização. O gerente representa metaforicamente o pai, os colegas, os irmãos. O fator amizade para Mauro aparece como integrador de valor frente aos colegas e à empresa. Um sentido muito forte como aponta em sua fala abaixo:

“Sou amigo”.

“Meu grupo: amigos”.

“A saudade dos velhos amigos”.

“O tempo mais feliz quando estou com a família e amigos”.

Mauro também admira seu chefe atribuindo-lhe o papel de pai e amigo (“Meu chefe: amigo”), apresentando outro fator gerador de configurações positivas frente ao trabalho: o chefe que é amigo. Assim neste caso, a organização assume o papel de mãe e o chefe, o papel de pai, capaz de dar prazer e infligir a dor. Dessa forma, a empresa produz o paradigma maternal e induz a economia de reciprocidade, exigindo fidelidade e comprometimento. (Pagés, 1987); (Jacometti, 1998).

Mauro busca continuamente o reconhecimento e a superação dentro da empresa. Acredita em si mesmo, orgulhando-se da pessoa que é (“me orgulho de ser o que sou”) e espera se superar como profissional (“posso buscar mais conhecimento dentro da empresa”).

O trabalho lhe inspira motivação, tornando-se no momento alvo de atenção e investimento (“o trabalho está se tornando mais desafiador”).

Na segunda entrevista realizada, o pesquisado se queixou muito da falha apresentada por ele na realização do trabalho, pois tem dificuldade em desenvolver seu *marketing pessoal*. Precisa ser reconhecido e para ser reconhecido, torna-se “necessário” ser visto, aparecer como pessoa e como profissional dentro da empresa: “elogio é ser reconhecido”; “pra mim reconhecimento é verem o que faço e como foi feito e acreditar em você”.

Assumir uma nova função e uma nova responsabilidade gera desejos de realização e superação, e ao mesmo tempo lhe exige habilidades técnicas e pessoais que antes não lhe eram importantes: “meu *marketing pessoal* é muito fraco, eu não consigo chegar falar assim to fazendo, não tenho isso dentro de mim... a gente tá fazendo... e as pessoas que tem isso conseguem se destacar melhor, conseguem se melhorar bastante, conseguem empenhar posições melhores...”. Através da fala de Mauro percebe-se que o profissional hoje é cobrado a nível de habilidades técnicas que não possuem e devem assumir-se capazes de superar tais dificuldades com rapidez e eficiência.

Mauro neste cargo recebe cobranças antes não vividas, despertando no mesmo estresse e cansaço. Ser coordenador lhe confere habilidades de planejamento, contratação, liderança etc. e Mauro anteriormente era um operador, executava apenas tarefas determinadas, e era parte da “máquina industrial”, não sendo necessário nesta função planejar, avaliar ou “*marketear*”, ou seja, vender o seu trabalho e de sua equipe:

C: isso e no setor a gente fazia uma coisa uma coisa, era mais um operador entendeu?

Mais um tipo de operador que fazia uma operação e tinha o dia pra se recuperar. As vezes até mesmo em reunião eu tenho a falha, eu não consigo demonstrar , eu não consigo falar eu, eu não consigo falar, a gente ta fazendo, nós estamos arrumando,

entendeu? Fulano de tal ta fazendo isso, fulano ta fazendo aquilo, nisso a gente ta alcançando resultado...

Além disso, Mauro se confronta de maneira contraditória com liberdade e restrições. É cobrado na obtenção de resultados. Mauro planeja seu trabalho, busca autonomia e liberdade, mas é “impedido” de realizar suas tarefas como deseja, continuando nesta função a fazer parte da “máquina industrial”. Esta situação, segundo Mauro, leva à desmotivação e gera desprazer no exercício de sua função, acarretando em isolamento e falta de produtividade:

M: nesse novo papel, tendo uma certa imposição da diretoria...

P: como assim?

M: por exemplo, a gente tem um colega de trabalho que sempre trabalhou em equipe e ela tomava conta de uma parte diretamente da produção e outras coisas assim, a gente teve aquele sintonismo de trabalhar. Foi mudada a área dela, o departamento e falou você vai mudar de área e pronto você vai fazer seu serviço em outro lugar e tal, tipo assim não chegou e falou olhe eu

tenho uma proposta pra você, você vai mudar de área, vai melhorar o seu salário, você vai para uma área separada, vai ser bom pra você. Bom foi imposto isso colocou. Hoje ela está desmotivada no trabalho, ela não tem a autonomia que ela tinha, e tirou ela da seção, pôs ela na mesma função, mas ela não ta lá dentro... ai fica difícil dela tomar espaço a tal lei da operação...

P: entendi...

M: então é explicável, que acaba outras pessoas tendo autonomia do que ela, e ela fica isolada, isso que a gente ta grilado. Se ela fizesse o seguinte, não vinha no emprego... ela trabalha sem um tipo de escolha. (...) interessante que a gerencia que eu trabalho com eles hoje queriam um...queriam me dar uma certa liberdade pra que a gente... eles

dá e não dá a liberdade, é uma questão assim, eu te dou a liberdade pra você selecionar o pessoal pra você trabalhar com ela e te cobra em cima dessa liberdade se no caso ela não produzir, mais ai é interessante que depois desse período foi tirado todo o pessoal que trabalhava lá dentro e acabando ficando eu, o mais novo.

O reconhecimento torna-se um aspecto positivo na configuração subjetiva de Mauro. No momento o trabalho está preenchendo sua vida e paradoxalmente lhe proporciona satisfação e insatisfação. No entanto o trabalho está associado com uma multiplicidade de sentidos subjetivos, gratificantes para ele como auto-realização, prestígio, reconhecimento, poder, amizade, etc.

De maneira geral, no caso de Mauro, é importante destacar que mesmo submetido a situações de cobrança e restrição de sua vida pessoal, o trabalho irá revelar um conjunto de sentidos subjetivos que facilitam uma configuração subjetiva positiva, onde domina a realização, o reconhecimento e a produção de um espaço fortemente envolvido com sua identidade pessoal. Neste caso, as condições objetivas de alienação não correspondem ao sentido subjetivo que a atividade tem para ele. De fato o trabalho se revela como sua principal motivação.

A constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador: contradições e possibilidades

A verdade não está no início nem na chegada,
está na trajetória. (Guimarães Rosa)

Objetivando compreender como se constituía a qualidade de vida na subjetividade do trabalhador foi possível, através deste trabalho, elucidar como que cada um dos sujeitos entrevistados configura a qualidade em seu universo particular. De forma geral, podemos compreender a qualidade de vida não como algo padronizado e estático, mas sim como uma configuração subjetiva suscetível de múltiplas formas singulares.

A alienação apresenta-se também como uma atividade de sentido subjetivo, onde a pessoa, mesmo sofrendo aspectos objetivos alienantes é capaz de produzir sentidos subjetivos que lhe permite evoluir e se sentir bem e implicado no que faz. Isto se apresenta em algumas das pessoas estudadas, nas quais o trabalho se torna um elemento central de suas identidades.

Somente em um caso se expressou a alienação de forma consciente associada ao sofrimento da pessoa não só como trabalhador, mas como mulher. Sem dúvida, este caso nos revela umas das formas que pode tomar a configuração subjetiva do trabalho, marcada pela exploração e pela negação da pessoa de outros espaços de desenvolvimento pessoal. É nesta tensão entre o individual e o social que o sentido se constitui e o indivíduo se desenvolve, mas neste caso, característico de muitos trabalhadores no Brasil, o sofrimento individual não se acompanha de nenhum processo de ação social, a pessoa termina por perder toda esperança, o que leva ao adoecimento físico e mental.

E importante destacar como o sentido subjetivo da atividade de trabalho está estreitamente associada à rede de relacionamentos do trabalhador à empresa e no reconhecimento que ele experimenta nesses espaços de relação.

Mesmo não sendo o objetivo do presente trabalho, os resultados nos levam a questionar um certo maniqueísmo na literatura orientada ao tema onde, com frequência, generalizações ideológicas substituem o conhecimento real da vida do trabalhador. A subjetividade como categoria rompe com a reificação de qualquer fator objetivo em suas conseqüências para a subjetividade humana, e abre um caminho de pesquisa sobre os sentidos subjetivos implicados nas diferentes formas de atividade humana.

Alguns indicadores foram relevantes em três casos dos dois casos analisados:

- O trabalho se revela como um indicador de qualidade de vida;
- A percepção do trabalhador quanto à qualidade de vida está mais relacionada à ordem pessoal, individual do que com a relação objetiva do trabalho.
- Os vínculos de amizade estabelecidos dentro da empresa fortalecem aspectos positivos em relação ao trabalho e à qualidade de suas vivências além deste espaço laboral;
- Uma relação de admiração e amizade com a chefia foi outro aspecto percebido como uma característica da configuração positiva do sujeito em relação ao trabalho;
- Identificação do sujeito com a empresa, considerando-a como extensão de sua própria casa;
- Reconhecimento e estima por parte da chefia/diretoria são atributos que valorizam a identificação do sujeito para com a empresa e gera sentidos positivos em sua vida;

- A família como um canal que ao gerar sentidos subjetivos contribui com as configurações acerca do trabalho e a vida geral do sujeito estudado.

A partir da análise dos quatro casos, podemos perceber que nos aspectos subjetivos da qualidade de vida dos trabalhadores estudados, o trabalho possui um lugar central. Em nossa sociedade onde o desemprego, as exclusões e a discriminação são fortemente vivenciados pelas camadas mais pobres da população, o fato de ter trabalho e conseguir avançar na vida a partir do que se faz tem um valor muito forte, o que se revelou nos casos apresentados.

E perceptível que em todos os quatro casos que as características individuais subjetivas do trabalhador estão “interconectadas” por outros múltiplos canais geradores de sentidos que se confluem e produzem novas configurações subjetivas, como demonstra González Rey (2003) ao dizer que as configurações subjetivas se alimentam de elementos de diferente “zonas de sentido” que procedem de configurações aparentemente distantes do contexto atual, e que colaboram na produção de sentidos subjetivos.

A qualidade de vida, portanto, e revela-se através das configurações subjetivas positivas e negativas construídas pelo sujeitos em seu cotidiano, levando-o a se posicionar frente à realidade e aos espaços sociais que atua. Sendo assim a qualidade de vida não pode ser compreendida isoladamente, mas num contexto que integre as diversas dimensões do sujeito.

A alienação se apresenta nos sujeitos estudados, através da falta de crítica perante as condições desfavoráveis a que estão submetidos para garantir a sua sobrevivência e desenvolvimento. Mas, apesar disso, as condições atuais destes sujeitos são sentidas como melhores do que outras experienciadas em suas vidas, o que caracteriza a miséria de uma grande quantidade de pessoas no Brasil.

É claro que a compreensão de aspectos subjetivos e objetivos desses sujeitos não esgota a complexidade que se revela nesse universo, contudo nos possibilitou compreender

dentro de nossa “relação intersubjetiva” configurações relacionadas à singularidade dos sujeitos-trabalhadores de Goiânia-GO e de suas construções subjetivas acerca da qualidade de vida. A saber, o presente trabalho tem por intuito elucidar caminhos a serem explorados na compreensão desse fenômeno – a constituição subjetiva do trabalhador em relação a sua qualidade de vida. Sabemos das limitações envolvidas, mas sabemos também do crescimento que envolve pesquisador e orientador quando se arriscam a compreender um fenômeno tão pouco explorado.

A realização deste trabalho significou um processo de aprendizagem cujos resultados superaram a elaboração de um estudo científico, na medida em que ao procurarmos delinear a constituição subjetiva da qualidade de vida do trabalhador, passamos a refletir sobre o sentido que é para nós a qualidade de vida, e mais ainda se realmente estamos vivendo de acordo com o que consideramos ser uma vida de qualidade.

Tendo em vista a importância do “mundo do trabalho”, na qualidade de vida do ser humano, esse trabalho incorporado ao universo das organizações, contexto onde mais fortemente o ser humano é visto como objeto e como máquina, poderá elucidar novos caminhos na compreensão do ser humano trabalhador ao olhar seu universo subjetivo de forma complexa e plurideterminada.

No que se refere aos aspectos metodológicos, teóricos e práticos, a Epistemologia Qualitativa de González Rey (1999) nos possibilitou compreender o sujeitos em todas as suas dimensões.

Temos plena consciência da impossibilidade de se apreender o fenômeno em todas as suas especificidades. Além disso, temos a convicção de que este olhar não se esgota com a conclusão deste trabalho, mas possibilita que continuemos a pensar, refletir e reconstruir uma nova lente na compreensão da constituição subjetiva da qualidade de vida do ser humano trabalhador.

Referências Bibliográficas

American Psychological Association. (2001). Manual de Publicação da *American Psychological Association*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo editorial.

Bock, A. M. B. (2001a). A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia. Em A. M. B. Bock, M. da. G. M. Gonçalves, O. Furtado (Orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

Chanlat, J.F. (1996). *O indivíduo na organização - dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas. 3 ed. v. 1 e 2.

Chizzotti, A. (1998). *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez. 2 ed.

Codo, W., Sampaio, J.J. C & Hitomi, A. H. (1993). *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento*. Petrópolis: Vozes.

Coutinho, M. C. (1996). *Identidade e dominação das organizações*. Rio de Janeiro. ENAMPAD.

De Mais, D. (2000). *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.

Dejours, C. (2001). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, OBORÉ.

Ferreira, M. da. C. P. (2000). *Do trabalho que constrói ao que destrói identidades: o caso de bancários portadores de distúrbios osteomoleculares relacionados ao trabalho (DORT) no Estado de Goiás*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero, Subjetividade e Trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Furtado, O. (2003). Psicologia e Relações de Trabalho: Em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. Em A. M. B. Bock, M. da. G. M. Gonçalves, O. Furtado (Orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

González Rey, F. L. G. (1997). *Epistemologia cualitativa e subjetividad*. São Paulo. Educ.

González Rey, F. L. G. (1998). Lo cualitativo y lo cuantitativo em la investigacion de la psicologia social. *Psicologia & Sociedade*; 10(2): 32-52; Jul./dez.1998.

González Rey, F. L. G. (1999). *La Investigación cualitativa em Psicología: rumbos y desafios*. São Paulo: Educ.

- González Rey, F. L. G. (2001). La categoría de sentido subjetivo y su significación en la construcción del pensamiento psicológico. *Contrapontos – Psicologia histórico-cultural. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí*. Ano I n. 2; out.
- González Rey, F. L. G. (2002). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson/ Pioneira.
- González Rey, F. L. G. (2003). *Qualidade de vida e Estilos de vida saudáveis*. (artigo não publicado).
- Grisci, C. L. I. (2001). Tempos modernos e tempos mutantes: produção de subjetividade na reestruturação do trabalho bancário. *Psicologia & Sociedade*; 13 (1): 75-92; jan/jun.
- Guattari, F. (1996). O Novo Paradigma Estético. Em D. Fried (Org.) *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jacometti, M. (org.). (2000). *Influências sobre a construção da identidade do indivíduo: o caso do Banestado*. Florianópolis: ENAMPAD.
- Lopes, J. R. (1998). Os sujeitos e seus modos de subjetivação. *Psicologia & Sociedade*. 10 (2): 53-75; jul./dez.
- Macedo, K.B. (2001). *Empresa Familiar Brasileira: poder, cultura e decisão*. Goiânia. Editora Terra & Editora da UCG.

- Martins, M. M. (1999). Tempo e trabalho nas organizações: estudo psicossocial com trabalhadores que tem horário fixo e flexível. *Psicologia & Sociedade*, 11(2): 116-133; jul/dez.
- Mendes, A.M. (1999). *Valores e Vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília –DF.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da Complexidade. Em D. Fried (Org.) *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mota, S. F. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. (artigo não publicado).
- Neubert, M. S. (2001). Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na Psicologia clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), pp. 241-252.
- Pagés, M. (Org.). (1987). *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. São Paulo: Atlas.
- Patrício, Z. M. (1996). *Ser Saudável na felicidade-prazer: uma abordagem ética e estética pelo cuidado Holístico-Ecológico*. Pelotas/Florianópolis. UFP/UFSC.
- Patrício, Z. M., Casagrande, J. L., & Araújo, M. F. (Org.). (1998). *Qualidade de vida do trabalhador: Uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas*.

- Silva, J. T. (2002). *A constituição subjetiva do envelhecer*. Dissertação de mestrado, Universidades Católicas de Goiás, Goiânia-Goiás.
- Silva, R. A. R. (1996). *Telecommuters: desconstrução e reconstrução dos conceitos de subjetividade no mundo do trabalho*. Foz do Iguaçu. ENAMPAD.
- Soares, R. D. G., & Pimenta, S. M. (1998). *O homem e a máquina: de operador a expectador*. ENAMPAD.
- Staat, D. (1994). *Psychology and the Word of work*. 1st edition. The Macmillan Press Ltda. London.
- Stano, R. de C. M. T. (2001). *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 87).
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Verazo, L. C. (1999). *Qualidade de vida no trabalho: entre a esperança e a descrença do passado, do presente e do futuro*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – Unc/UNIPLAC, Florianópolis.
- Veronese, M. V. (2000). A noite escura e bela: um estudo sobre o trabalho noturno. *Psicologia & sociedade*; 12 (1/2): 174-193; jan./dez.